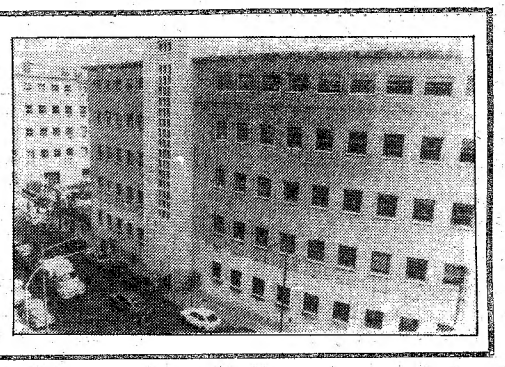
JÚLIO DE MATOS: ESPECIALISTAS MANIFESTAM-SE CONTRA O FECHO

Pág. 14

FALTA-LHES DE TUDO, ATÉ SALÁRIOS COMPATÍVEIS

Investigadores da Polícia Judiciária denunciam publicamente o Inverno do seu grande «descontentamento»

Pág. 3

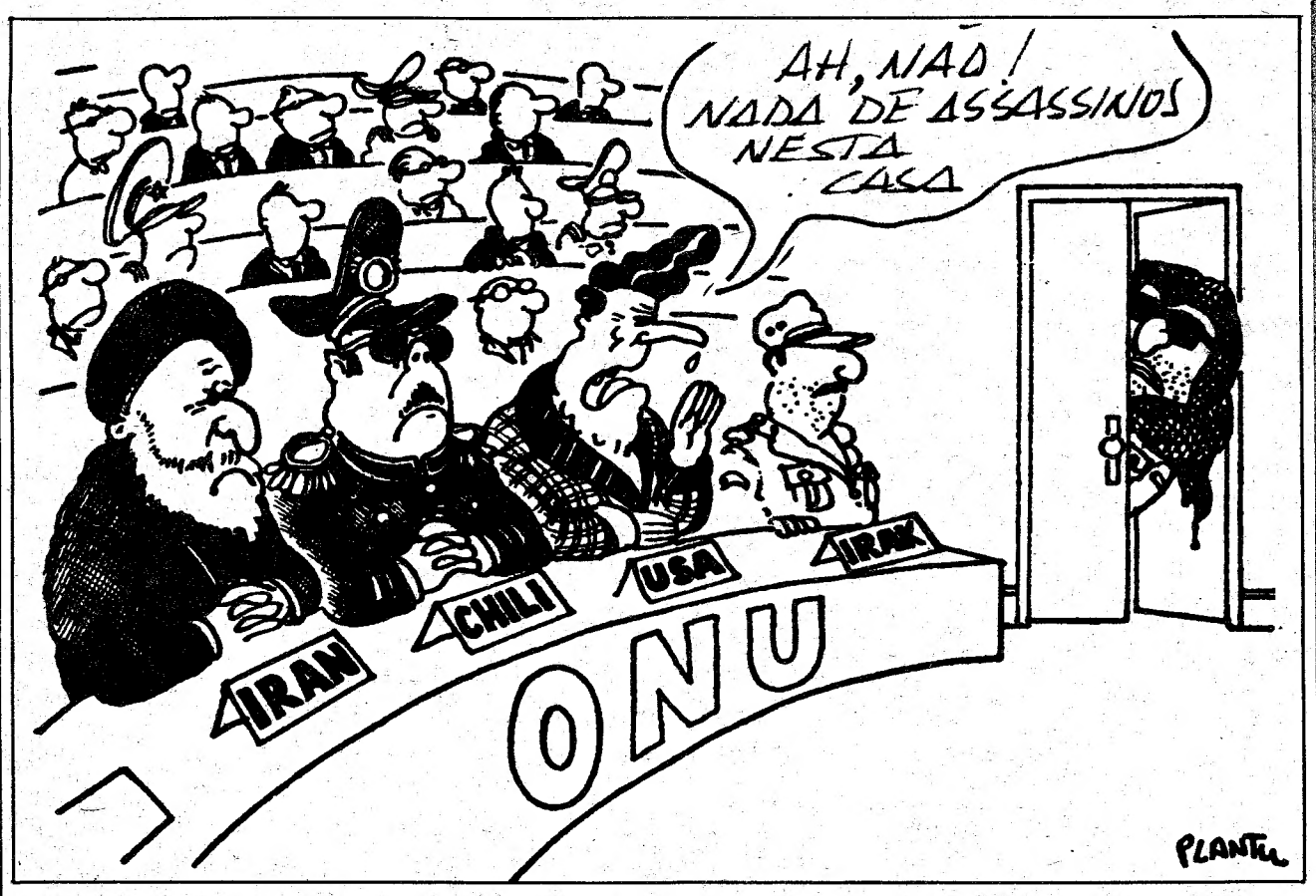


Diário de Lisboa

ANO 68 N.º 22 828 Terça-feira, 29 de Novembro de 1988 Preço 50$00

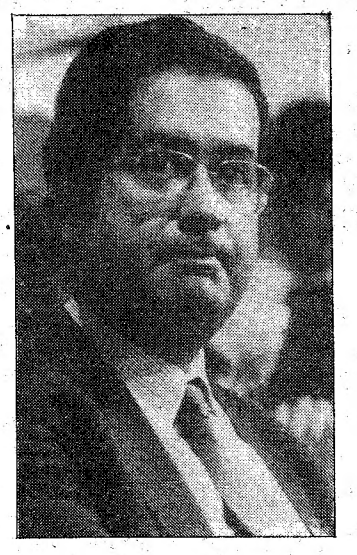
Consequência da recusa de visto dos EUA a Arafat

ÁRABES TRAZEM ONU À EUROPA?



Poderá acontecer o inédito, na sequência da recusa de visto dos Estados Unidos para que Arafat entrasse no país e interviesse na Assembleia Geral das Nações Unidas. De facto, os países da Liga Árabe deverão entregar ainda hoje um pedido para que a reunião da ONU em que Arafat falará se concretize em Genebra e não em Nova Iorque, caso os EUA persistam na sua recusa. Se tal se verificar, o debate que deveria começar na quinta-feira deverá ser adiado para meados de Dezembro. A recusa de visto por parte dos Estados Unidos foi justificada pelo Departamento de Estado com a acusação de que a OLP participou em atentados terroristas contra cidadãos americanos.

Págs. 16 e 17



PROPOSTAS POLÍTICAS: POUCO DEBATE

Gama e Sampaio em fase de contar os seus apoios

O debate político das propostas de cada um dos candidatos à liderança do Partido Socialista, Jaime Gama e Jorge Sampaio, está a ser prejudicado pelo afã da contagem de apoios que, de resto, nem sempre se apresentam expressos de forma inequívoca. É uma espécie de jogo de influências em que, contudo, emerge uma questão: a financeira. Essa, sim, parece a todos preocupar...

Pág. 3

Custa menos do que você imagina...

Informe-se já nos agentes SGO

Dinamarca poderá ajudar Angola através do miniplano Marshall

— *afirmou Deus Pinheiro*

O mini-plano Marshall, que Portugal está a preparar para a reconstrução de Angola, quando a paz se instalar naquele país, poderá obter a contribuição da Dinamarca. Esta convicção foi expressa ontem pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros no final das conversações com o seu homólogo Uffe Elemann-Jensen, em Copenhaga.

João de Deus Pinheiro referiu que este plano se encontra numa fase preliminar e frisou que a sua aplicação não é possivel sem uma situação de paz em Angola. Segundo o chefe da diplomacia portuguesa, «não estamos a falar de empréstimos ou subsídios, falamos de investimentos que possam auto reproduzir-se e multiplicar-se».

Outro dos temas em foco nestas conversações do ministro português com as autoridades dinamarquesas, sobretudo com o Primeiro-Ministro Poul Schluter, foi a questão de Timor-Leste. João de Deus Pinheiro afirmou que a Dinamarca tem apoiado a posição portuguesa em diferentes foros internacionais, assim como frisou que este país e um dos acérrimos defensores dos direitos humanos.

Em vésperas da realização do Conselho Europeu de Rhodes, na Grécia, não podia este tema passar em branco, tendo sido abordado o documento, a apresentar naquela reunião pela presidência grega, em que o Governo de Atenas pretende focar o papel da Comunidade no mundo, mostrando que o Mercado Único será uma construção aberta ao exterior.

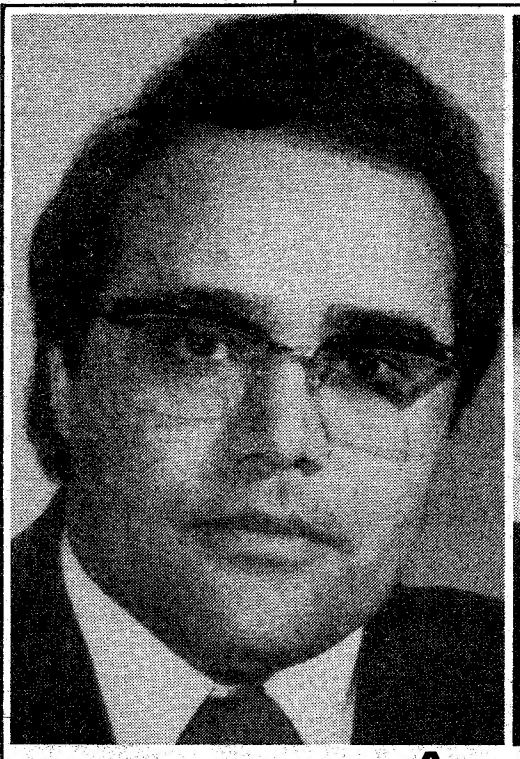
Ainda na reunião com Poul Schluter, que decorreu na residência oficial do Primeiro-Ministro, no Palácio de Christianborg, também sede do Parlamento, as duas delegações concordaram em que as questões a abordar naquele conselho serão «muito abertas», por não existirem pontos concretos de âmbito estritamente comercial ou financeiro a resolver.

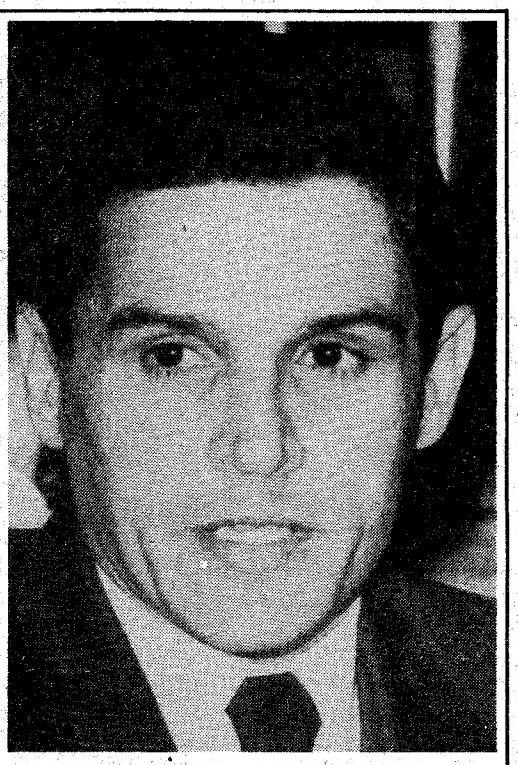
Quanto à situação internacional, o ministro português disse terem sido abordadas as relações Leste-Oeste, um assunto que será discutido tanto na Cimeira de Rodes, como na proxima Cimeira da NATO, a realizar em Dezembro.

O debte com Ellemann-Jensen incluiram ainda a situação do Médio Oriente, as prespectivas de alargamento da Comunidades e as relações bilaterais, tendo afirmado que ambos os Governos se consideram satisfeitos com o nível de comércio e investimentos, mas que desenvolverão esforços especiais em ordem a aumentá-los bilateralmente.

Para além da reunião com o Chefe do Governo dinamarquês, o chefe da diplomacia portuguesa foi recebido em audiência privada pela raínha Margarida II, que há quatro anos visitou Portugal.

Deus Pinheiro concluiu a parte oficial da sua visita ontem com um jantar que lhe foi oferecido pelo seu homólogo dinamarquês. Hoje está previsto um programa de visitas a castelos e a um museu de arte moderna, em que o anfitrião será o subsecretário dinamarquês dos Assuntos Económicos, Flemming Hedegaard.





VIVEIROS E DÂMASO NO NOVO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES

— *duas personalidades divergentes no seio do Executivo*

O Quarto Governo Autónomo dos Açores, que é empossado amanhã, em Angra do Heroísmo, comporta dois homens que há vários anos se perfilam como eventuais sucessores de Mota Amaral, Américo Viveiros e Álvaro Damaso. Ao juntar estes dois social-democratas, que entram no novo Executivo com poderes reforçados, fontes do PSD/Açores dizem que é um meio de Mota Amaral manter o contencioso que existe entre ambos para demonstrar a sua «insubstituivel função de mediador» de tendências.

Recorde-se que, quando estavam juntos em anteriores Executivos regionais, Américo Viveiros, que actualmente ocupava as funções de presidente da Comissão Directiva da Bolsa de Valores de Lisboa, e Álvaro Damaso, que ultimamente presidia à Empresa Pública de Electricidade dos Açores, viviam em permanente «guerra fria», extensiva às respectivas hostes partidárias.

O PSD afirma oficialmente que a reunião das duas personalidades de novo no Governo visa a constituição de um Executivo de «combate», tendo em conta o Mercado Único Europeu de 1992 e a recuperação do eleitorado perdido em Outubro para a oposição, concretamente para os socialistas.

Não sendo distinguidos hierarquicamente, Damaso ocupará a pasta da Economia e Viveiros a da Habitação e Obras Públicas. Quem, oficialmente, funcionará como «número dois» do Governo, substituindo o chefe do Executivo nas suas ausências, é Costa Neves, novo secretário da Administração Interna. No Terceiro Governo era secretário dos Assuntos Sociais.

Mas, se Mota Amaral não se esqueceu de concentrar poderes nos mais importantes homens do seu partido, também não descurou as suas próprias atribuições: chamou a si a Emigração, área anteriormente adstrita à Secretaria Regional dos Assuntos Sociais.

Reforçou ainda o quadro da presidência criando lugares de sub-secretários para as Relações Externas e Comunicação Social que serão ocupados por Lalanda Gonçalves e Joaquim Machado, respectivamente.

O Quarto Governo social-democrata é ao todo composto por nove secretários e dois subsecretários. Dos secretários apenas dois não transitam de anteriores Executivos, são os responsáveis pela Educação e Cultura, Azevedo Rosa, e pelas Finanças, Gualter Furtado. Os restantes mudam de funções ou permanecem nos mesmos cargos que em anteriores Governos regionais.

Álvaro Damaso e Américo Viveiros já foram secretários das Finanças e Comércio e Indústria, Adolfo Lima e Manuel Arruda mantêm-se na Agricultura e Pescas e Trabalho (agora com o sector da Juventude agregado). Eugénio Leal transita da Direcção Regional das Pescas para o Turísmo e Ambiente, António Meneses da Administração Pública para a Saúde e Segurança Social e Costa Neves dos Assuntos Sociais para a Administração Interna.

Os dois novos membros do Executivo de Mota Amaral assumiram até agora funções meramente técnicas. Gualter Furtado tem desenvolvido funções de Economia e de docente universitário e Azevedo Rosa exercido o cargo de professor secundário no Continente.

A média de idades neste Governo Regional ronda os 38 anos, sendo o mais jovem membro o sub-secretário para a Comunicação Social, com 26 anos, e mais idoso o secretário da Educação e Cultura, com 54 anos.

O principal objectivo de Mota Amaral neste mandato é o de preparar os Açores para o embate do Mercado Único de 1992 numa economia altamente dependente do Continente. O incremento do Turísmo e as Pescas é precisamente o caminho prespectivado pelo PSD para obtenção desse objectivo, assim como para «o rejuvenescimento da população insular em crescimento e pela necessidade de melhorar a qualidade de vida».

O Governo a que Rocha Vieira dá posse no Solar da Madre de Deus, em Angra do Heroísmo, é que tem menor apoio de sempre na Assembleia Regional, dos 50 deputados só 29 são do PSD. Os socialistas, com um grupo de 22 deputados, obrigaram já o PSD a ver adiada por nove dias a posse do novo Governo, cuja entrada em funções estava inicialmente prevista para dia 21.

Após polémica entrevista ao "Independente"

Mário Soares não comenta palavras de Martinho

«O Presidente da República não tem qualquer comentário a fazer às palavras proferidas, no último fim de semana, por Hermínio Martinho, líder dos renovadores», declarou o chefe da Casa Civil de Mário Soares, Alfredo Barroso, acrescentando que o chefe de Estado ainda não tomou qualquer decisão sobre o pedido de audiência formalizado pelo PRD na passada sexta-feira».

A audiência foi solicitada com carácter «urgente» por Hermínio Martinho, que considera necessário que o Presidente da República dê uma explicação sobre as afirmações feitas ao semanário «Independente», através das quais Mário Soares se referiu à origem do PRD como tendo estado ligada a um «equívoco». Alfredo Barroso afirmou ainda que «o Presidente tem uma agenda sobrecarregadíssima para as próximas semanas».

Na realidade, Mário Soares partiu ontem à noite para a Madeira a fim de presidir á sessão de encerramento da Assembleia das Regiões Europeias (ARE). À sua chegada, o chefe de Estado foi recebido por Carlo Bernini, eleito recentemente para o cargo de presidente daquela organização, pelo ministro da República, Lino Miguel, e pelo responsável do Governo Regional, Alberto João Jardim.

Declarando-se satisfeito por se deslocar uma vez mais à Madeira, e classificando a ARE como «muito importante para o diálogo europeu», o Presidente da República, felicitou ainda Bernini e lembrou a memória do anterior responsável da ARE, Edgar Fauve, falecido em Março. Hoje o chefe de Estado almoçou com os 400 participantes nos trabalhos devendo seguidamente intervir na sessão de encerramento.

Ainda durante o dia de ontem, Mário Soares almoçou no Palácio de Belém com o prínicpe Filipe, que veio a Lisboa em visita privada para comemorar o aniversário do Royal British Club. No almoço estiveram presentes várias personalidades dos dois países.

Seguidamente, o Presidente recebeu na sua residência oficial o tenente-coronel Melo Antunes, que se deslocou a Belém para apresentar a Soares «alguns amigos brasileiros ligados à maior empresa do Brasil, sediada em Lisboa». O encontro nada teve a ver com o ocorrido em Paris que, segundo o responsável português na Unesco, «foi um encontro estritamente privado entre dois amigos».

Quem está com quem?

PS: CONTABILIDADE DE APOIOS "GANHA" AO DEBATE POLÍTICO

A «contabilidade» dos apoios de cada candidato à liderança domina o noticiário sobre o Partido Socialista. A informação (e contra-informação?) a este respeito subiram à ribalta e as propostas políticas de Gama e Sampaio só «a custo» rompem as suas malhas. Em pano de fundo, ainda e sempre a questão financeira.

O apoio ontem expresso pelo secretário-coordenador do PS/Madeira a Jorge Sampaio não espantou. De há muito que Emanuel Jardim Fernandes era apontado como provável deste lado da «barricada»; esperava-se apenas que confirmasse. No entanto, o facto de se ter declarado favorável ao chefe do Grupo Parlamentar do PS «a título pessoal» reflecte uma realidade comum a quase todas as outras estruturas regionais do partido: opções diferenciadas, que tornam progressivamente mais complicada a tarefa de sopesar possibilidades de vitória de cada uma das candidaturas. E justificam, por outro lado, a multiplicação de contactos, reuniões e conferências de Imprensa por todo o País, na ânsia de captar um indecisivo ou convencer uma figura a expressar publicamente o seu apoio, para funcionar como «produto publicitário».

Ontem, um telex da LUSA concluia que, na Madeira, o «resultado» é de 4-3, favorável a Gama, em termos de deputados da Assembleia Regional. Compreende-se, nesta perspectiva, o apoio pessoal de Jardim Fernandes, que o justifica com a necessidade de «serem mantidas as linhas-mestras da política e do projecto desenvolvido nos últimos anos e que passa pelo diálogo interno, pelo crescimento eleitoral e pela modernidade». O líder socialista é secundado na região, por Mota Torres, ex-chefe de Gabinete de Vitor Constâncio, e Sérgio Abreu, líder da JS no arquipélago.

Gama pode contar, por seu lado, com o vice-líder da Assembleia Regional Carlos Fino, Jorge e Rita Pestana (antiga presidente do Sindicato de Professores da Madeira) e Gil França. Entretanto, foi também tornado público o apoio de António Arnaut, fundador do PS e antigo ministro dos Assuntos Sociais a Sampaio.

O sensível sector laboral

Menos pacífico é, entre os sindicalistas, apurar quem está com quem. O sector laboral constitui área sensível, de importância vital na estratégia de captação de votos. Por isso o Gabinete de Comunicação Social da candidatura de Jaime Gama assegurou ontem o apoio de «uma maioria de sindicalistas da UGT», desmentindo vigorosamente a «campanha negativa» de que «involuntariamente alguma Imprensa nos últimos dias se fez eco».

Os gamistas afirmam que quer no Secretariado Executivo, quer no Nacional, quer ainda «ao nível de presidentes e secretários-gerais dos sindicatos» uma larga maioria apoia esta candidatura, refutando notícias postas a circular segundo as quais no primeiro orgão cinco elementos apoiam este candidato e dois Sampaio e no segundo a proporção é de 15-10. A verdade é que, enquanto Torres Couto se demarcou da disputa eleitoral, de figuras como Elisa Damião e João Proença (Sampaio), Rui Oliveira e Costa e Vitor Hugo Sequeira (Gama) era conhecida a opção. José Mota, secretário nacional da central sindical, aderiu ontem a este último candidato. Não espanta, pois, que o «ataque» à capital da candidatura Gama comece -hoje mesmo- com uma reunião plenária com sindicalistas socialistas.

Entretanto, segundo o «Europeu», Narciso Miranda e Abílio Curto, os dois autarcas que lideraram a gorada tentativa para assegurar o regresso de Constâncio, estão do lado de Jorge Sampaio.

Finanças: o tema forte

Desde que Jaime Gama, ainda na fase de pré-campanha, anunciou que resolveria em dois meses a questão financeira do PS -graças à sua «credibilidade nacional»- o problema dos dinheiros do partido tornou-se tema central do pleito eleitoral. Gama foi imediatamente acusado por Manuel dos Santos, responsável administrativo e membro do Secretariado, de ter omitido eventuais soluções para a crise no período em que fez parte dos corpos directivos ou de, pura e simplesmente, não as possuir.

Sampaio, que até então batera na «tecla» da necessidade de «transparência» do funcionamento das instituições democráticas -a começar pelos partidos- algo bem mais «estrutural» do que a questão «particular» do Partido Socialista, apanhou a «deixa». No domingo, aos microfones da TSF, atirou ao seu adversário a observação «que eu saiba, não és nenhum Rockfeller» e criticou-o fortemente em conferência de Imprensa. Ontem, na Covilhã, considerou «de grande gravidade» a garantia dada por Gama de que resolveria em dois meses a crise financeira, recusando fazer desta problemática trunfo eleitoral.

Impassível, Jaime Gama continua de distrital em distrital a «vender» a sua tese. «A minha eleição como secretário-geral do PS daria condições de credibilidade política ao partido para resolver todos os seus problemas de infra-estruturas e de logística, designamente o problema financeiro», disse ontem em Leiria, dando a entender que, como a sua própria campanha veiculou, possui um plano e não, propriamente uma «varinha mágica»

Sampaio e PR: «abrir página»

Se para Gama ser questionado sobre esse seu plano para resolver a questão financeira se tornou já habitual, Sampaio também tem o seu «tema privado». Reconhecendo-se «herdeiro do projecto» constancista, não pode deixar de receber dele uma «pedra no sapato»: as relações com Belém (o titular da Presidência ou o cidadão Mário Soares).

Jorge Sampaio defendeu ontem a este propósito a necessidade de «abrir uma nova página», admitindo que «tem havido nuances especiais importantes». O candidato recusa para o PS uma «discriminação positiva» -que poderia decorrer das origens políticas de Soares- exigindo apenas um relacionamento «normal, franco e leal».

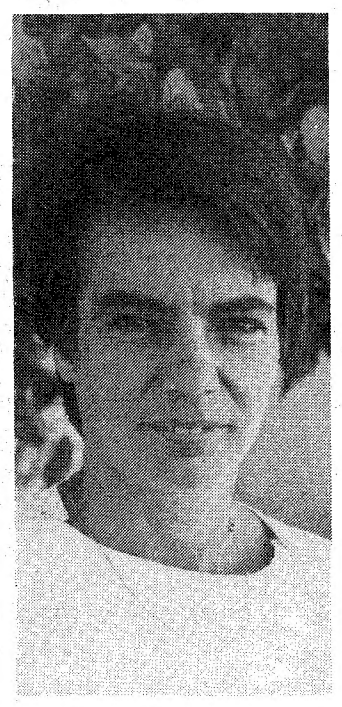
Falando para militantes socialistas na Covilhã, Sampaio disse que Portugal não possui «políticas nacionais» que lhe permitam enfrentar sem problemas a adesão plena à CEE, adoptando antes uma postura de «mão estendida a Bruxelas».

Sensivelmente na mesma altura, Gama reforçava em Leiria duas compenentes que têm sido centrais na sua campanha. Por um lado, a experiência política que possui, materializada numa «capacidade e credibilidade já demonstradas na política portuguesa». Por outro, a defesa da iniciativa política de um partido mergulhado numa crise que considera sem precedentes: «Vou vertebrar a esquerda portuguesa, dar-lhe iniciativa política e capacidade ofensiva para constituir uma alternativa nacional».

A movimentação eleitoral dos socialistas prossegue agora na zona da capital. Jorge Sampaio almoçou hoje com jornalistas e Gama reune logo à noite com sindicalistas. Uma conferência de Imprensa da minoria de João Soares (que já se declarou favorável a Gama, embora aposte na apresentação de moção própria no Congresso) e uma reunião de militantes da área urbana de Lisboa (FAUL) poderá também fornecer novidades.

Durante o Congresso do Porto

PCP/Açores aguarda consagração da autonomia regional



Os comunistas açorianos manifestaram a esperança de que, durante o Congresso do Porto, seja consagrada estatutariamente a autonomia das organizações regionais do PCP nos dois arquipélagos. Segundo uma nota distribuída pelo PCP/Açores a propósito do encontro magno dos comunistas, essa possibilidade resulta do teor das propostas e dos debates preparatórios realizados localmente no âmbito da preparação do Congresso.

Os militantes comunistas das ilhas açorianas, que estarão representados no Porto através de 17 delegados, aguardam igualmente a consagração programática da autonomia político-administrativa dos Açores e da Madeira.

Zita Seabra e «O ilusório triunfo»

«O Congresso, longe de encerrar o processo de confronto interno, será apenas um momento de parcial e muito limitada expressão desse debate que irreversivelmente percorre hoje o PCP», afirma Zita Seabra num artigo de opinião publicado hoje no «Diário de Notícias», sob o título «O ilusório triunfo».

A antiga dirigente comunista justifica a sua opinião, considerando que foram rejeitadas, «uma a uma», todas as propostas que poderiam conduzir a que o Congresso fosse um lugar de livre expressão de todas as ideias. «O debate preparatório do Congresso e a eleição dos delegados decorreram no quadro de um regulamento deliberadamente limitativo e num clima de constrangimentos e de pressões de toda a ordem», escreve Zita Seabra.

Classificando os trabalhos preparatórios do Congresso como «uma cruzada contra o fraccionismo», esta militante comunista critica o facto de a direcção do partido «às propostas de renovação responder com a rotulagem dos militantes e com a conotação das propostas críticas, vendo-se em tudo sinais perigosos de social-democratização e parlamentarização».

A questão de os participantes na reunião do Porto ainda não conhecerem o regulamento nem saberem como irão poder actuar é outro dos aspectos criticados por esta ex-membro do Comité Central.

No artigo, Zita Seabra volta novamente à questão da sua expulsão do CC e à divulgação das acusações que lhe foram feitas pelos dirigentes do PCP, apelidando-as de «rol inquisitório que contraria os mais elementares direitos de qualquer cidadão, incluindo insinuações de carácter pessoal, omissão da defesa, menção truncada e distorcida de documentos desconhecidos do público, censura de ideias políticas, inverdades e puras e simples falsidades, calúnias de permeio com apreciações sobre supostas más tendências».

Nas previsões que faz para o Congresso, Zita Seabra menciona o eventual afastamento do CC daqueles «que se têm inequivocamente empenhado na renovação do partido», considerando que isso vai «aumentar o fosso entre os militantes e a direcção, entre o PCP e o país».

O artigo termina com um lamento da antiga dirigente comunista, segundo quem está a ocorrer o «desperdício de uma oportunidade fundamental para operar as mudanças necessárias para que o PCP possa vencer os desafios decisivos que a esquerda hoje enfrenta em Portugal».

Após um ano e meio de espera

LEI DO SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO PROMULGADA POR MÁRIO SOARES

O diploma que aprova a regulamentação da Lei do Serviço Militar Obrigatório e prevê a abolição da Taxa Militar foi ontem promulgado pelo Presidente da República. O desaparecimento deste imposto -devido por quem ficou desobrigado de cumprir o serviço militar - estava previsto na nova lei militar de 7 de Julho de 1987. No entanto, como a sua regulamentação só ocorreu em Setembro deste ano, deve ainda ser paga a anuidade da taxa militar relativa ao ano em curso, após o que o referido imposto deixará de estar em vigor.

Mário Soares promulgou igualmente ontem outros trinta diplomas, entre os quais se destaca o que põe em execução o orçamento da segurança social para 1988 que, embora tenha sido aprovado já há alguns meses pelo Conselho de Ministros, «só recentemente deu entrada em Belém». De referir ainda a promulgação de um decreto regulamentar que disciplina o exercício do direito de reserva na Lei de Bases da Reforma Agrária.

O novo estatuto da Associação dos Arquitectos Portugueses recebeu igualmente o aval do chefe de Estado, passando a AAP a ser uma associação pública, e ganhando as características de uma ordem dos arquitectos, apesar de manter a mesma designação.

Apesar de tudo, encontram-se ainda na Assessoria Jurídica da Presidência da República a aguardar promulgação presidencial diplomas relativos aos códigos de reforma fiscal, designadamente o Código do Imposto sobre Rendimentos das Pessoas Singulares e Colectivas, e o relativo à contribuição autárquica.

Informar os portugueses sobre questões de defesa

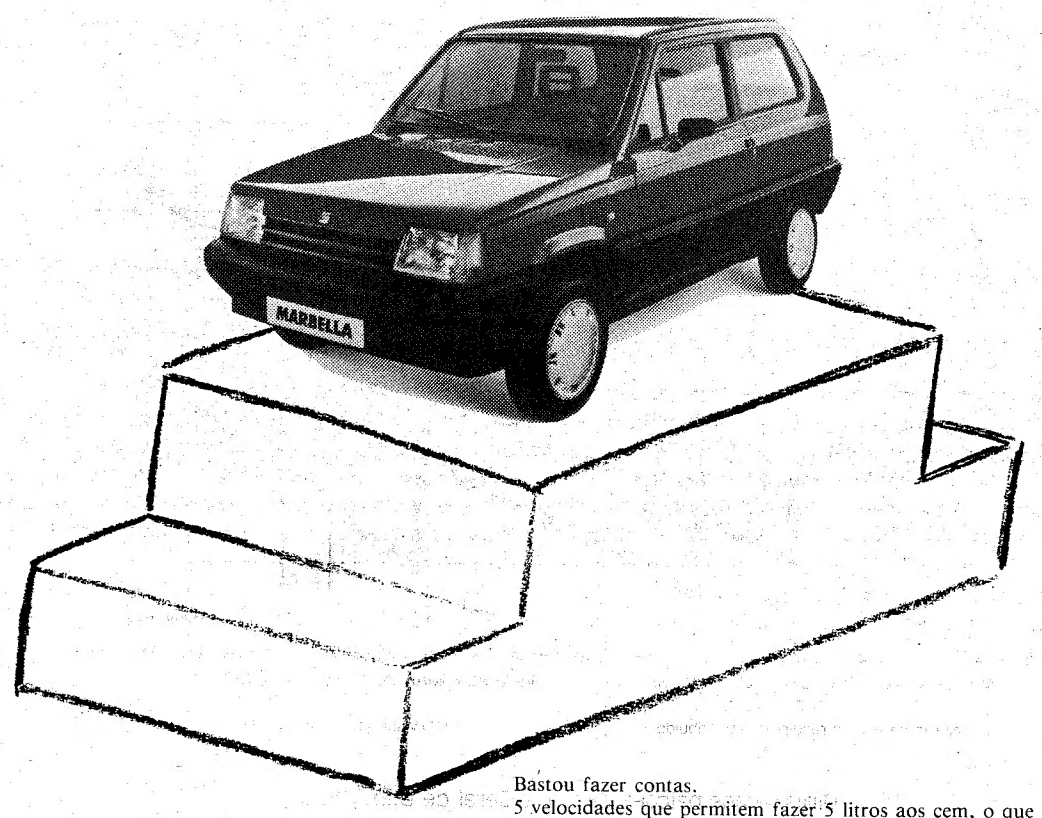
A importância das questões da defesa nacional e a promoção do esclarecimento dos portugueses sobre esta vertente da vida do país foram sublinhado ontem pelo director do Instituto de Defesa Nacional (IDN), durante a sessão de abertura solene do Curso de Defesa Nacional-89.

«A defesa dos interesses nacionais deverá constituir um estímulo às capacidades dos portugueses, que devem estar conscientes dos desafios que o futuro lhes reserva», afirmou o general Pelágio Castelo Branco, acrescentando: «A defesa dos interesses da nação, no quadro europeu em que estamos totalmente comprometidos, deverá constituir, antes de mais, um estímulo ás capacidades reais da nossa gente».

A lição inaugural foi proferida pelo vice-reitor da universidade do Porto, professor Carvalho Guerra, que falou sobre os avanços registados nas áreas científicas durante as últimas décadas, e sobre a necessidade de a elas ser aplicada um ética própria.

«Da biologia à biotécnica: um exemplo de ciência e tecnologia para o desenvolvimento», foi o tema da alocução, tendo Carvalho Guerra chamado a atenção para as possibilidades que se abrem a Portugal, no quadro da aproximação entre Europa e África e através da ciência e da investigação, de contribuir para a erradicação de males que afectam o continente negro, como a doença e a fome.

Quando o segundo carro é o primeiro em economia



Bastou fazer contas.
5 velocidades que permitem fazer 5 litros aos cem, o que a dividir por 5 pessoas dá 100 Km a conduzir um MARBELLA apenas por 119 escudos.
Foi o suficiente para toda a família querer conduzir o MARBELLA: para a faculdade, para as compras, quando chove, quando faz sol, no princípio, meio e fim de semana.
De segundo passou a primeiro: em escolha e economia.

SEAT Marbella Economia às 4 rodas!

*Consumo a 90 km/h: 4,9 l - segundo homologação da CEE

EPG 036

RECOMENDAMOS PRODUTOS Shell

REDE SEAT — LISBOA E ARREDORES

LISBOA — C. SANTOS - Av. da Liberdade, 29-41 — Tel. 32 52 15/62 • LISBOA — CASA CATELA — Largo Vitorino Damásio, 1 — Tel. 60 27 26 • LISBOA — FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S.A. — Av. Infante D. Henrique 2.ª Circular — Tel. 85 25 41 • LISBOA — GARAGEM VICTÓRIA, LDA. — Rua Nova de S. Madede, 38 — Tel. 60 47 28 / 65 81 31 • LISBOA — JAIME SANTOS, LDA. — Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 69 34 48 / 69 32 77 • LISBOA — SAIDECAR — Av. de Paris, 4 D — Tel. 88 42 57 / 89 11 44 • ALGÉS — FASSIO, LDA. — Rua Jardim do Regedor, 24 a 32 — Tel. 36 19 02/3/4 • ALMADA — MORGADO & AMADO, LDA. — Rua Comandante Antônio Feio, 84 — Tel. 275 50 42 / 276 09 83 • AMADORA — E.J.P. — Rua Elias Garcia, Lote 8 B — Venda Nova — Tel. 474 33 19 • CACÉM — MULTIPNEUS — Rua Elias Garcia, 105-A/B — Tel. 924 50 22 • MEM MARTINS — MULTIPNEUS — Av. Almirante Gago Coutinho, 54 — Tel. 921 55 28 — 921 94 26 • PAREDE — UNIMEC - STARAUTO — Rua João Soares, Lote 1 — Tel. 247 90 64 • QUELUZ — E.J.P. — Rua Elias Garcia Lote 41, Loja Frente — Tel. 474 33 19 • SACAVÉM — AUTO-MECA, LDA. — Rua Estrada da Índia, Lote 9A — Tel. 252 07 31 / 252 07 05.

Uma lei que não é cumprida

As pensões aos tarrafalistas

Os cidadãos que estiveram internados no Campo de Concentração do Tarrafal e as suas viúvas, por decisão unânime da Assembleia da República foram objecto de uma disposição legal que, em relação às suas vidas, representava «uma indemnização simbólica, expressão do público reconhecimento da República Portuguesa por relevantes serviços prestados à liberdade e à democracia».

Esta disposição legal foi contemplada no Orçamento do Estado para 1987, é o Art.º 11, da Lei n.º 49/86 de 31 de Dezembro e as respectivas pensões foram processadas e pagas.

Ultimamente a Caixa Geral dos Depósitos tem vindo a indeferir requerimentos para o processamento de subvenções, por entender que a norma legal que as instituiu acarrateria a obrigação de apresentação dos requerimentos de subvenção até ao dia 31 de Dezembro de 1987. Em razão deste critério diversos cidadãos foram privados do benefício a que legalmente têm direito. A interpretação feita pela CGD não só não tem arrimo legal e tem consequências contrárias à disposição legal adoptada pela Assembleia da República e que, ao ser incluída no Orçamento do Estado, visava assegurar a sua vigência no exercício orçamental de 1987, por forma a não retardar mais uma reparação já tardia, mas não foi então fixado prazo para a apresentação dos requerimentos das subvenções em causa.

Entendeu-se, na verdade, que a própria Natureza tinha já limitado o número dos beneficiários possíveis, não havendo razão para forçar os sobreviventes a requerer sob pena de caducidade. O número dos candidatos a pensões que as não requereram é limitado e a atitude da Caixa Geral de Depósitos cria uma situação de desigualdade injusta. Sabemos que o assunto já foi levado à atenção do Primeiro-Ministro e que os «tarrafalistas», constituídos em comissão para levar a situação à consideração das instâncias competentes já se entrevistaram com deputados da Assembleia da República.

Criado em Macau o Instituto Português do Oriente

A criação do Instituto Português do Oriente vai levar a Fundação Oriente, que patrocinará integralmente o instituto,a investir cerca de cem milhões de patacas (quase dois milhões de contos) em Macau até finais de 1991, em acções nos domínios da cultura, ciência educação, saúde e património.

Este instituto surge na sequência de um protocolo assinado ontem entre o Governador de Macau, Carlos Melancia, e o presidente do Conselho de Administração da Fundação Oriente, Carlos Monjardino. A sua estrutura estará especificamente vocacionada para a preservação e divulgação da língua e cultura portuguesa no Oriente.

Entre outras iniciativas encontra-se previsto a construção de um novo museu e de um centro de estudos do português, a implementação do conservatório da cidade, a restauração de alguns edifícios classificados e a aquisição de equipamentos ligados à saúde.

MINISTRO DA EDUCAÇÃO VAI HOJE À COMISSÃO DE ECONOMIA COM VERBAS DO FEDER EM EXPECTATIVA

O ministro da Educação estará hoje às 19 e 30 na Assembleia da República para ser ouvido na Comissão Parlamentar da Economia, Finanças e Plano, sobre o orçamento para a Educação de 89.

A sessão,que é pública, decorrerá na antiga sala do Senado e, depois da discussão na especialidade, o OGE deverá subir de novo ao plenário a 14 e 15 de Dezembro.

Roberto Carneiro chegou ontem a Lisboa, vindo de Moscovo, onde assistiu a uma conferência internacional sobre educação e desporto.

Ainda no aeroporto da Portela, o ministro declarou que contava estar hoje na AR se não houvesse «nenhum impedimento em que as funções do Estado exijam» a sua presença e acrescentou que «não há nenhum aspecto imprescindivel ou essencial à reforma educativa que neste momento esteja em causa com o orçamento previsto para 89».

Embora fosse já conhecida a sua presença na sessão de hoje, é bem possivel que o ministro quisesse aproveitar a oportunidade para fazer o seu brilharete com as expectativas , e não só, que traz da CEE.

Nas declarações prestadas à chegada a Lisboa, o ministro fez referência à reunião dos ministros da Educação da CEE que terminou no passado dia 23, em Bruxelas, e na qual participou.

Falando das decisões mais importantes da reunião, Roberto Carneiro disse que no caso excepcional português passará a ser possivel a aplicação das verbas do Fundo Social Europeu no financiamento directo do sistema educativo,«sobretudo no ensino secundário e no ensino vocacional - escolas profissionais -e também no Ensino Superior Politécnico».

Na opinião do ministro, outro ponto que teve um grande interesse e foi introduzido pela presidência grega da comunidade, que está a chegar ao fim, foi o da educação dos filhos dos emigrantes e residentes noutro país da CEE.

Nesta reunião «discutiu-se ainda o primeiro esboço do plano a médio prazo na área da Educação da CEE», afirmou o ministro Roberto Carneiro, adiantando que os traços gerais deste plano, que abrangerá os próximos quatro anos, estão aprovados e que este irá agora ser elaborado em detalhe e apresentado também na próxima reunião que decorrerá já sob a presidência espanhola».

Quanto à sessão de hoje na Assembleia da República, deverá contar com a presença de alguns dirigentes nacionais da Federação Nacional dos Professores.

Tal como anunciou em conferência de imprensa, a Fenprof deligenciou junto dos grupos parlamentares a inclusão no OGE/89 de verbas que permitam a aplicação imediata aos educadores de infância e professores do ensino básico e secundário de um reajustamento de letra que reponha a paridade existente desde 1975 entre a carreira docente e as carreiras técnicas superior e técnica da Função Pública, a qual foi recentemente alterada pelo D/L 265/88.

Esta proposta de revisão intercalar implica também que o novo estatuto remuneratório dos docentes esteja negociado e em aplicação até final do presente ano lectivo.

Encontro das Universidades de língua portuguesa

Termina àmanhã o primeiro encontro da associação das Universidades de Língua Portuguesa, que durante tres dias decorre em Lisboa, subordinado ao tema «Os problemas da língua e o conhecimento das culturas». Durante os trabalhos os participantes deverão lançar as bases para a edição da Revista Internacional de Língua Portuguesa, que já existe em projecto e que se destina a todos os interessados no estudo da língua portuguesa, e em particular a profissionais da Educação e da Comunicação. O objectivo da revista é funcionar como «veículo privilegiado para a divulgação dos resultados de investigações e para a intercomunicação das instituições, dos grupos de trabalho e dos indivíduos dos diferentes países que integram a associação». O ministro da Educação foi convidado para presidir à sessão de encerramento.

FNSP pretende constituir sindicato em Lisboa

Segundo o semanário «O Independente», a sindicalista social-democrata e

dirigente da Federação Nacional dos Sindicatos dos Professores,Manuela Teixeira, vem desenvolvendo grande actividade no lançamento em Lisboa de um «Sindicato Democrático de Professores da Grande Lisboa», que será constituido a 21 de Dezembro.

Projectos apresentados ao FSE

Portugal quer 46 milhões de contos para formação profissional de adultos

Portugal apresentou ao Fundo Social Europeu (FSE) projectos de formação profissional de adultos no valor global de 46 milhões de contos, anunciou, em Bruxelas, o secretário de Estado do Emprego, Bagão Félix,

no final da reunião do Comité Permanente do Emprego, dedicada aquela questão.

Bagão Félix afirmou que os projectos abrangem 93 mil trabalhadores adultos e são candidatos às comparticipações do FSE relativas a 1989.

Aquele responsável defendeu que os centros de formação profissional do Estado «devem ter um papel importante na formação de adultos», salientando a necessidade de neste campo serem introduzidos, em Portugal, factores de cooperação entre empresas e entre estas e a Administração Central.

CERTIFICADOS DE PARTICIPAÇÃO

FUNDIMO

PAGAMENTO SEMESTRAL DE RENDIMENTOS

3.º CUPÃO

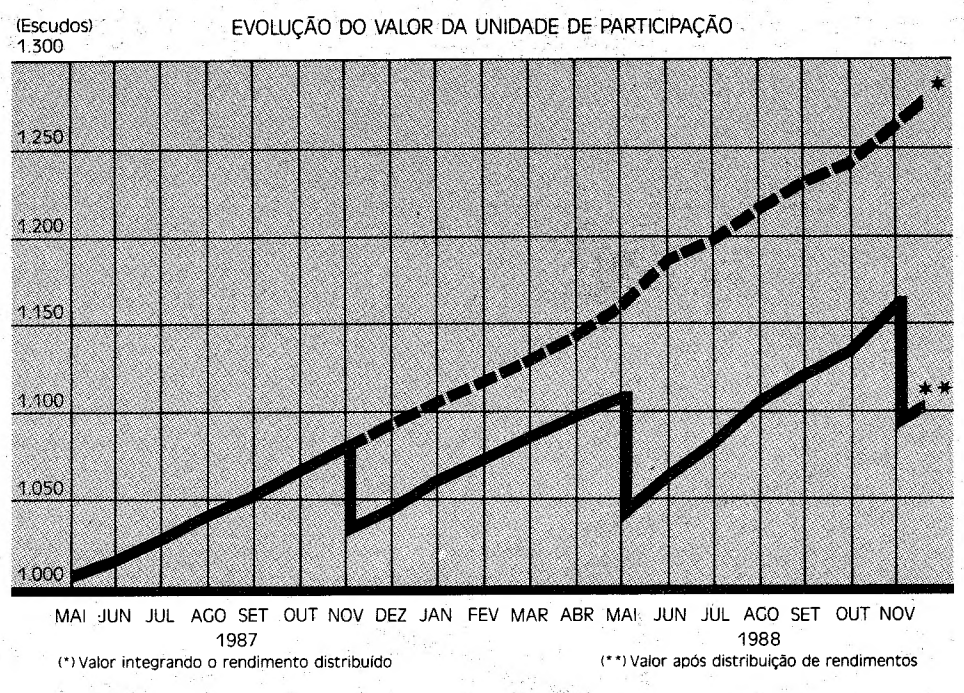
Avisam-se os Senhores Participantes de que, nos termos do Art.º 21.º do Decreto-Lei n.º 229-C/88 e do regulamento de Gestão do FUNDIMO, se encontra a pagamento, na Caixa Geral de Depósitos, a partir do próximo dia 2 de Dezembro, o 3.º cupão no valor, por unidade de participação, de:

Rendimento a pagar — Esc. 62$50*

* Rendimento isento de Impostos

As vendas e resgates de unidades de participação estarão suspensos durante a semana de 28 de Novembro.

Lisboa, 21 de Novembro de 1988



Dirija-se aos balcões da Caixa Geral de Depósitos

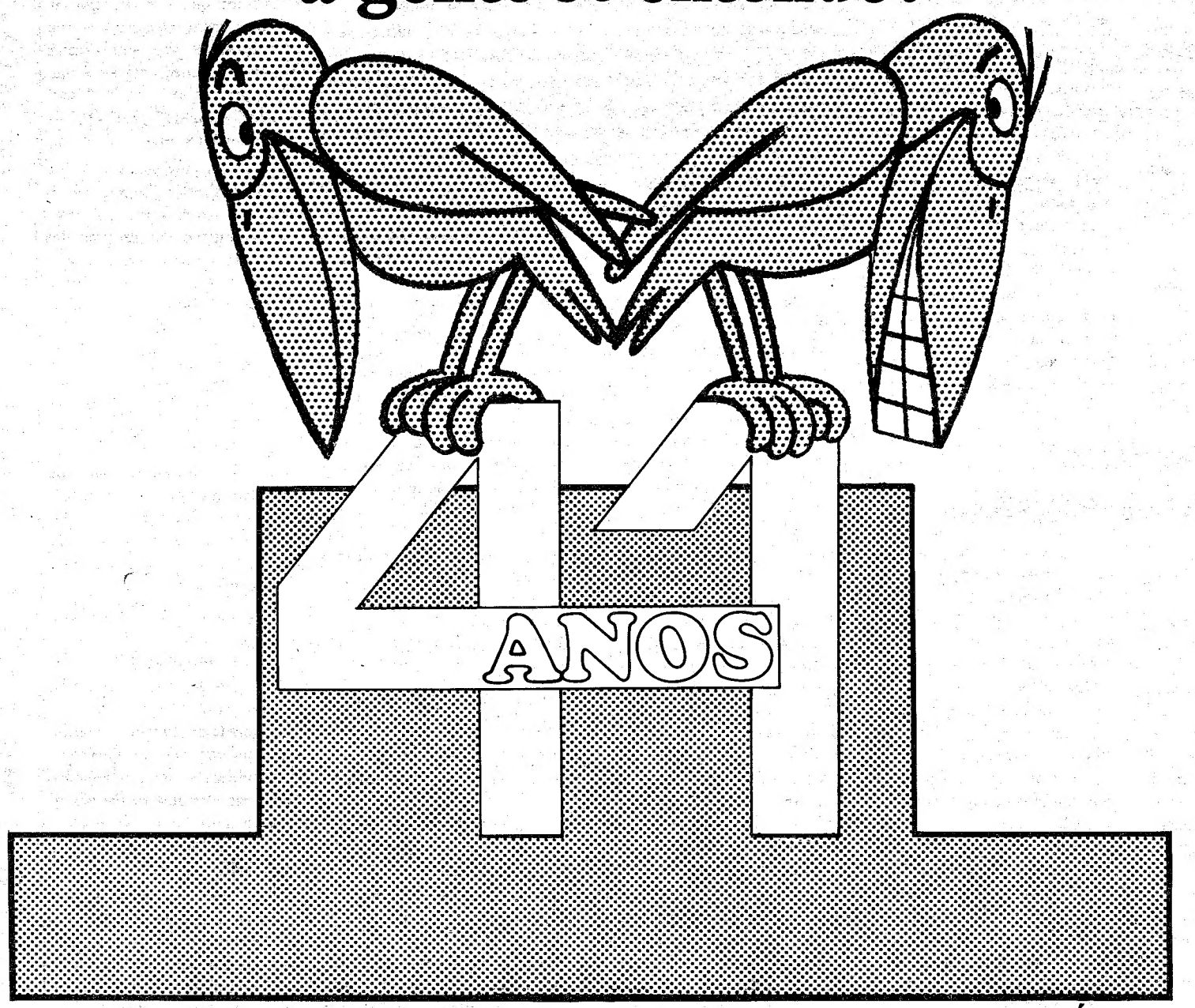
FUNDIMO

Fundo de Investimento Imobiliário
Sociedade Gestora do Fundo de Investimento Imobiliário
FUNDIMO, S.A.

Contribuinte n.º 501 783 601 - Matric. na Cons. do Reg. Com. de Lisboa sob o n.º 65173 do liv. C-164 a Fls. 28-v, com o Capital Social realizado de Esc. 120 000 000$00

Estamos Há 41 Anos No Topo...

...porque é a rir que a gente se entende!

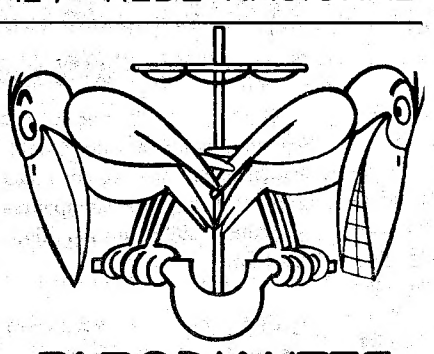


PIADINHAS & TORRADINHAS
DE 2.ª A 6.ª FEIRA
DAS 06.45 ÀS 06.58 H

GRAÇA COM TODOS
DIÁRIO
DAS 13.05 ÀS 13.57 H

TEATRO TRÁGICO
DE 2.ª A 6.ª FEIRA
DAS 15.45 ÀS 15.58 H

RDP - RÁDIO COMERCIAL / REDE NACIONAL



PARODIANTES DE LISBOA

AV. E.U.A. 102 - 13.º A-C-D - 1799 LISBOA CODEX
TELEFS. 76 73 63 / 05 22 / 80 96 - TELEFAX 73 08 67

Decidido pela Câmara de Setúbal

Sindicato do Comércio do Sul contra abertura de estabelecimentos nos feriados

O Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul (CES/Sul) manifestou-se contra a abertura dos estabelecimentos comerciais a 1 e 8 de Dezembro, decidida pela Câmara Municipal de Setúbal.

A abertura nos feriados, proposta pelo presidente da edilidade, Mata Cáceres, foi votada por unanimidade, ao contrário do que sucedeu em anos anteriores, em que a bancada da CDU votava contra.

O vereador Rocha Neto, da CDU, disse à agência Lusa que o voto favorável este ano se deveu «à crise de que se queixam os comerciantes».

«Entendemos votar a favor da abertura, desde que os direitos dos trabalhadores sejam garantidos», acrescentou.

Em comunicado, o CES/Sul refere que «as Câmaras Municipais não podem nem devem substituir a Assembleia da República e devem fazer respeitar os regulamentos camarários».

«Permitir abrir os estabelecimentos nos dias 1 e 8 de Dezembro é partilhar das posições do grande patronato», afirma o sindicato, filiado na CGTP.

O Presidente do Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul, Raúl Pica Sinos, disse à Lusa que «a posição da Câmara Municipal viola o decreto-lei 874/76, artigo 18, que refere que aqueles feriados são obrigatórios, logo as empresas devem suspender o seu funcionamento».

«O Sindicato, mediante a posição ilegal da Câmara Municipal de Setúbal, vai comunicar à Inspecção de Trabalho e solicitar o cumprimento da lei, pois a lei dos feriados só pode ser alterada pela Assembleia da República», concluiu Raúl Pica Sinos.

Empresas de Castelo Branco devem 4,5 milhões à Segurança Social

As dívidas à Segurança Social no distrito de Castelo Branco ascendem a 2,7 milhões de contos, sem juros; com eles, o montante eleva-se a 4,5 milhões, segundo disse à agência Lusa um informador do Centro Regional de Segurança Social.

Sete contribuintes, os com dívidas superiores a cem mil contos devem quase metade dos 4,5 milhões de contos; os outros 50 por cento distribuem-se por mais 1060 pessoas ou empresas e dividem-se do seguinte modo: entre 20 e cem mil contos, 24 contribuintes;entre cinco mil e 20 mil contos, 65 contribuintes; com dívidas inferiores a cinco mil contos, 971 contibuintes.

O número de empresas no distrito é de 6763 e o número de benefíciários é de cem mil.

De acordo com o determinado pelo Decreto-Lei 52/88, foram estabelecidos acordos com as empresas para regularização das dívidas e cerca de 15 por cento do montante total das dívidas já está garantido por esses acordos. No entanto, «nem todos têm aderido ao apelo no sentido de se estabelecerem acordos de regularização e isso vai originar execuções fiscais», disse o informador da Lusa.

Cerca de 11 por cento dos contribuintes já regularizaram a situação, o que permitiu à Segurança Social recuperar cerca de 11 por cento da dívida existente no fim do primeiro trimestre de 1988, o que correspondeu a 350 mil contos. A dívida dos contribuintes que não pagam cresce à razão de 20 mil contos por mês.

As empresas mais responsáveis pela dívida são as de laniffcios, especialmente na zona da Covilhã, sendo responsáveis por mais de 46 por cento da dívida.

Profissionais do turismo exigem defesa dos seus direitos na CEE

A defesa dos interesses dos profissionais portugueses da informação turística a nível comunitário foi exigida no decorrer do VI Congresso do Sindicato Nacional da Actividade Turística, anunciou a organização laboral.

No Congresso, que decorreu em Lisboa no passado fim-de-semana, foi ainda reivindicada a «publicação imediata das tabelas salariais actualizadas para os profissionais de informação turística, através de uma portaria regulamentadora de trabalho».

O Congresso exigiu, igualmente, a publicação imediata dos projectos de legislação elaborados por uma comissão presidida pelo Instituto Nacional de Formação Turística, relativos à livre circulação de profissionais na Comunidade, e que aguardam desde Junho de 1987 o envio para o «Diário da República».

Uma greve de zelo a nível nacional prevista para as zero horas de hoje foi suspensa, por decisão dos congressistas.

TRABALHADORES AUTÁRQUICOS CONFIRMAM GREVE PARA 7 DE DEZEMBRO

Os trabalhadores das autarquias estarão em greve no dia 7 de Dezembro, foi ontem confirmado pelos sindicatos da Administração Local e do Município de Lisboa. Entre as várias causas apontadas, duas ganham especial relevo: o já famoso decreto-lei 247/87, que em pouco mais de um ano de vigência é responsável pela contratação de cerca de 10 por cento dos trabalhadores a prazo certo, ou seja, sem qualquer possibilidade de integração no quadro dos efectivos, e o anúncio, por Rui Carp, de que o Governo só se responsabilizará pelo pagamento do prometido aumento intercalar de 1,5 por cento aos trabalhadores da administração central.

«A cada vez maior precarização do emprego levou-nos a agudizar as formas de luta. Hoje, 10 por cento dos trabalhadores das autarquias são confrontados com contratos a prazo certo. É um problema ainda mais grave que os contratos a prazo», afirmou esta manhã, em conferência de Imprensa, uma dirigente do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local (STAL).

A situação daqueles trabalhadores, segundo os dirigentes sindicais, é complicada. Enquanto os contratados a prazo têm a esperança de, ao fim dos três anos, ingressar no quadro dos efectivos, os funcionários contratados ao abrigo do 44º artigo do decreto-lei 247/87, «independenetemente dos anos de serviço, nunca ganharão vínculo, nem lhes será conferida a qualidade de agente e/ou funcionário», do mesmo modo que não têm qualquer dos direitos consignados para os restantes trabalhadores.

Em pouco mais de um ano, as Câmaras aumentaram consideravelmente o seu quadro de pessoal,com base no regime previsto no decreto: Lisboa tem 813 trabalhadores contratados a prazo certo; na Câmara do Porto, num total de 3.317 funcionários, 310 são-no naquele regime. Em Setúbal, dos 1100 trabalhadores, um centena está naquela condição, e na Câmara de Loures 137 dos 1518 trabalhadores tem contrato a prazo certo. No entanto, os sindicatos referem que estes são dados apenas do último semestre o que, na sua opinião, significa que «a procissão ainda vai no adro».

Aumento intercalar: Governo paga... mas só na administração central

Outro dos problemas dos trabalhadores autárquicos, segundo os sindicatos, é o dos salários. Depois de ter prometido aos funcionários públicos um aumento intercalar de 1,5 por cento devido à perda de poder de compra causada pela derrapagem da inflação, o Governo anuncia agora, através do secretário de Estado do Orçamento, Rui Carp, que «só se responsabilizará pelo pagamento aos funcionários da administração central, deixando ao critério das autarquias o pagamento desta reposição salarial aos seus próprios trabalhadores».

Para os representantes dos funcionários autárquicos tal significa, «se tivermos em conta a diminuição das receitas das autarquais e as exíguas verbas constantes do OE para 1989», graves consequências para aqueles trabalhadores.

Relativamente aàs negociações salariais para 1989, aqueles sindicatos contrapõem, aos 5 a 6 por cento propostos pelo Governo, um aumento de 12 por cento, baseados no facto da inflação prevista para o próximo ano ser de 7,4 a 10 por cento, e para a compensar a perda de poder do compra dos últimos anos.

Na conferência de Imprensa, representantes do STAL e do Sindicato dos Trabalhadores do Município de Lisboa, recordaram ainda «a falta de diálogo e de vontade política do Governo para discutir com os sindicatos os problemas dos trabalhadores», entre os quais salientaram a reestruturação de carreiras e o decreto 187/87 sobre horários de trabalho.

Por outro lado, os sindicatos desafiam o secretário de Estado do Orçamento para um «frente a frente», a fim de esclarecer a opinião pública sobre o insulto feito aos trabalhadores autárquicos: Rui Carp afirmou, no

Quedas e má utilização de máquinas

Acidentes de trabalho na construção civil aumentaram o ano passado

O sector da construção civil registou, o ano passado, 45.492 acidentes de trabalho, dos quais 133 foram mortais. Comparativamente a 1986 são mais 34.3 por cento.

Este aumento verifica-se num sector em que 80 por cento dos trabalhadores têm como habilitações literárias um nível igual ou inferior ao ensino básico primário, referem dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), publicados no jornal «Alicerce», da Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras e Mármores.

De acordo com o artigo, ao nível das diversas actividades económicas, a construção civil e obras públicas é o sector que concentra o maior número de trabalhadores com menos de 15 anos.

Os distritos mais afectados por acidentes de trabalho nesta área profissional são o Porto, com 10.309 (22,7 por cento), Lisboa, com 6.280 (13,8 por cento) e Braga, com 4.475 (9,8 por cento) de sinistrados.

Neste estudo conclui-se que são duas principais as causas dos acidentes: a primeira é a deficiente utilização das máquinas e a não utilização de equipamentos individuais de protecção (16.440 acidentes); a segunda são as quedas, motivadas às deficientes condições dos andaimes (10.494 acidentes).

O grupo etário mais atingido por acidentes é o de trabalhadores com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos, que conta com 19.304 acidentes (42,4 por cento), seguindo-se o grupo dos 24 anos ou menos, com 17.247 (37,9 por cento), segundo os dados do INE.

Adesão total à greve de ontem

Barcos da CP voltam a parar amanhã

A greve dos trabalhadores da via fluvial da CP, que ontem decorreu entre as 7 e 30 e as 10 e 30 horas, registou uma adesão de 100 por cento, referiram fontes da Federação dos Ferroviários e da empresa.

Esta foi a quinta greve cumprida este mês pelos trabalhadores dos barcos da CP, que ligam Lisboa ao Barreiro. Aqueles funcionários reivindicam o cumprimento do protocolo assinado com a administração da empresa em 25 de Abril de 1986 referente às negociações do regulamento de carreiras e a reposição da legalidade nas escalas de serviço.

A lei diz que cada escala de serviço não pode ultrapassar as nove horas consecutivas. No entanto, segundo os sindicalistas, o Conselho de Gerência da CP continua a obrigar os funcionários da via fluvial a trabalharem onze horas.

Os trabalhadores dos barcos da CP estão dispostos a lutar até que as suas reivindicações estejam satisfeitas e, nesse sentido, estão já marcadas mais paralisações parciais (no mesmo período que a de ontem) para amanhã e para os dias 5 e 7 do próximo mês.

Amanhã, com caravana automóvel

Função Pública em manifestação no Porto

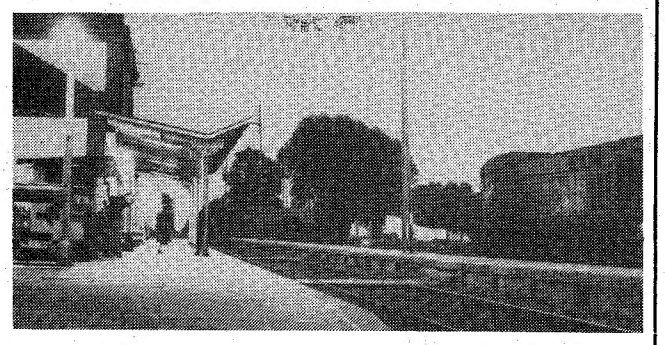
Os trabalhadores da Função Pública manifestam-se amanhã, no Porto, contra a «estagnação» das carreiras profissionais, anunciou a estrutura sindical do sector no Norte.

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte adiantou ainda que uma caravana automóvel percorrerá, durante a tarde de amanhã, as grandes artérias da cidade, passando pelos principais serviços públicos portuenses.

O obejctivo central desta acção é, segundo a estrutura sindical, lutar contra a estagnação das carreiras no sector, exigindo que o Governo abra as negociações com a Federação de Sindicatos da Função Pública, relativa às propostas sobre todos os sectores profissionais apresentados por esta entidade.

A caravana enquadra-se, também, na preparação da greve geral do sector, marcada para 7 de Dezembro, e em que os trabalhadores da administração central, regional e local manifestarão o seu protesto contra as posições do Governo.

PELAS ESTRADAS DE PORTUGAL



Comboios já circulam em Castelo Branco

Foi restabelecida na manhã de ontem a circulação dos comboios da linha da Beira Baixa, em Castelo Branco, após algumas horas de interrupção provocada pela acção de moradores da zona periférica da cidade, que incendiaram a linha férrea.

As reivindicações da população prendem-se com a supressão de uma passagem de nível junto aos bairros do Cansado e da Boa Esperança e ter a CP, em contrapartida, decidido abrir uma passagem desnivelada a quinhentos metros da primitiva.

A população levou o caso ao presidente da Câmara e nada conseguindo passaram à acção directa, para forçar as entidades competentes a construir uma passagem subterrânea que permita a circulação, não só de peões, como também de veículos.

O boicote à linha férrea iniciou-se no sábado à noite, provocando o atraso de cinco horas nos dois comboios que se dirijiam para a Guarda e no domingo após nova concentração junto aos carris os populares resolveram deitar fogo às travessas de madeira; o que abrigou à intervenção dos bombeiros bem como da GNR local.

A Câmara Municipal de Oeiras vai gastar, até 1993, cerca de 1,3 milhões de contos em obras viárias no concelho.

Esta verba faz parte do plano integrado de Paço de Arcos (projecto Pipa) e visa «uma maior mobilidade da população do concelho».

«Com os ritmos de investimento anuais e a intensificação dos contactos com a Junta Autónoma das Estradas pensamos poder resolver o conjunto de todos os problemas da rede viária do concelho nos próximos 5 a 7 anos», refere o executivo camarário.

Num concelho com 55 por cento das vias existentes nacionais e a percentagem de «estradas em mau estado de conservação a atingir os 47 por cento», a autarquia prevê que «com a decisão governamental de avançar com o Plano Integrado dos acessos a Lisboa a estrutura viária fique melhorada».

Segundo o documento, o Plano Integrado prevê a construção da auto-estrada Estádio Nacional-Cascais e a construção da circular regional interior e, após a conclusão destas obras em 1990, o início da construção da circular regional exterior.

Sangue na estrada

No período de vinte e quatro horas que findou ao meio-dia de ontem a Brigada de Trânsito da GNR e a Divisão de Trânsito da PSP registaram nas estradas e zonas urbanas do País, 234 acidentes de viação de que resultaram cinco mortos e 128 feridos dos quais 31 em estado grave.

Nestes números incluem-se o de duas mães e suas filhas que ontem foram atropeladas no lugar de Magida, Calendário, em Vila Nova de Gaia. A viatura era conduzida por Carlos Alberto da Silva e as feridas, Rosa Maria Fernandes Moreira, de 27 anos, Joana Filipa Moreira de 4; Maria de Fátima Silva Ferreira Araújo, de 36 e Cidália Maria Fátima Araújo de 11, que foram transportadas ao hospital de Famalicão.

O acidente verificou-se quando após um despiste a viatura foi colher as vítimas na paragem do autocarro.

GALP
DINAMIC
Gasóleo

DL NACIONAL

ARGUIDO PROMETE "BOMBA" NO JULGAMENTO DE D. BRANCA

O julgamento do processo de D. Branca saiu ontem da sua habitual monotonia quando um arguido, ao ripostar declarações do magistrado João Parracho, afirmou que o que ia dizer «era uma bomba».

Todavia, perante a insistência da sua defensora de que afirmava que ele «estava cansado», o arguido acabou por interromper o depoimento.

Marcos Fernandes, solicitador, que pediu ao tribunal para contestar algumas afirmações prestadas pelo declarante João Parracho, começou por contar que foi o magistrado que o procurou no seu escritório, quando Carlos Manuel Manso foi detido.

Segundo o arguido, o magistrado enquanto esperava no carro, serviu-se de uma outra pessoa, a quem chamava «Nené» (Carlos Antunes Fernandes) para indagar no escritório o que se estava a passar em relação à defesa de Manso, solicitada pela família deste, ao mesmo tempo que apresentava João Parracho, delegado do Ministério Público.

Marcos Fernandes, visivelmente nervoso, insistia querer contar toda a verdade, alegando que «a verdade não é privilégio de um magistrado».

João Parracho, a dado momento, afirmou ao tribunal: «não vim aqui para sujeitar-me a este vexame».

Mais tarde, depois de uma suspensão da audiência por alguns minutos, gerou-se a confusão, com Marcos Fernandes a pretender prosseguir o depoimento, a juiz a autorizar e a advogada de defesa a insistir que o seu constituinte não estava já em condições de prosseguir.

Ainda perante a insistência de Marcos Fernandes em querer continuar o seu depoimento, a juiz presidente do tribunal acabou por decidir que prosseguiria na próxima audiência de quarta-feira, enquanto alguns dos restantes arguidos, no banco dos réus, diziam para o solicitador: «agora é que resolveste papaguear. Esqueces-te que nós é que estamos presos?»

O magistrado João Parracho, ouvido ontem como declarante, ao explicar ao tribunal o que sabia sobre o processo em julgamento, contou que estivera em casa de Manuel Manso, no dia da sua detenção pela Polícia Judiciária, pois era amigo da família, tendo até prestado uma declaração abonatória, mais tarde, para a liberdade provisória do detido.

Confirmou que Manuel Manso tinha num cofre 60 mil contos em notas cintadas, do Banco de Portugal, e disse ao tribunal estranhar que a Polícia Judiciária não tivesse na altura apreendido esse dinheiro, que mais tarde teve conhecimento que foi devolvido a D. Branca.

Disse «pensar» que Manuel Manso era depositante de D. Branca, pelo menos desde há seis ou sete anos, e recebia também depósitos de outras pessoas para entregar à «organização», referindo que ia algumas vezes a casa de Manso jogar xadrez e aperceber-se de «transacções».

Afirmou lamentar que Manuel Manso, uma vez em liberdade provisória, tenha optado por ausentar-se, facto que considerou de «afastamento» e não «fuga», acrescentando que ele ficou muito mal.

«Fiquei com a ideia de que Manuel Manso devolveu todo o dinheiro a D. Branca, porque um dia me disse: 'se mais cedo tivesse sido devolvido mais cedo teria saído da prisão' — contou o magistrado.

Referiu ter sido, um dia, contactado pelo solicitador Marcos Fernandes, no sentido de ser arquivado o processo de Manuel Manso e devolvida a documentação a Dona Branca, tendo mais tarde sabido, que um seu colega, dr. Valério, fez esse despacho a troco de três mil contos.

Disse ainda ter tido conhecimento que o autor material do despacho foi o dr. Valério, mas o autor moral tinha sido Lemos Salta, que «se intitulava advogado».

A audiência prossegue amanhã, com a audição do arguido, Marcos Fernandes, ontem suspensa pelo tribunal.

Secretário da Presidência da República teve alta

O secretário-geral da Presidência da República, José de Bragança, um dos sinistrados do acidente que, na sexta-feira, envolveu um carro da comitiva presidencial, «já regressou a casa», informaram fontes do Palácio de Belém.

As mesmas fontes adiantaram que não se confirmaram os receios de que José de Bragança sofresse de qualquer fractura da coluna vertebral.

O coronel Franco Taveira, assessor militar do Presidente da República, também já foi transferido para Lisboa apesar de ainda se encontrar hospitalizado no hospital da Força Aérea, «com um coágulo nos pulmões e dez costelas partidas», acrescentou a fonte presidencial.

O motorista, António Candeias, é o único sinistrado que ainda se encontra no hospital de Covões, «em estado bastante crítico», concluiu.

PSP apreende armas

A PSP deteve no mês de Outubro, a nível nacional, 1375 indivíduos e apreendeu 54 armas, anunciou a corporação.

As detenções, efectuadas no decorrer de 1163 operações diversas, estão relacionadas com roubo e furto (225 casos), droga (144), mandado de captura (587), posse ilegal de armas (13) e agressão, desobediência ou ofensa às autoridades (120).

No mesmo período a PSP, além das 54 armas, apreendeu 6 granadas e 293 munições, tudo por posse ilegal.

Ampliada rede sismográfica dos Açores

O Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica pretende ampliar a rede sismográfica da ilha de S. Miguel, revelou hoje Vítor Moreira, responsável pelo sector de geofísica do INMG.

Segundo indicou serão instaladas novas estações sismográficas na zona oeste da maior ilha açoriana.

Vítor Moreira referiu que, em paralelo, está a ser preparado pessoal especializado para trabalhar localmente.

Desde meados de Outubro que se regista na ilha de S. Miguel intensa actividade sísmica, cabendo a recolha e tratamento de informações sobre estes fenómenos ao INMG e ao Centro de Vulcanologia da Universidade dos Açores.

Aguardentes proibidas nos EUA são legais na Europa

As aguardentes portuguesas recentemente nos EUA por conterem «níveis excessivos de metanol» estão em conformidade com a legislação em vigor na Europa, afirmou um técnico do sector.

Um elemento do departamento técnico da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, Alberto Varejão, garantiu que as aguardentes exportadas por Portugal obedecem às condições expressas no Decreto-Lei 390/86.

Este decreto estabelece que o nível de metanol nas aguardentes bagaceiras deverá ser inferior a 1500 miligramas por cada 100 mililitros de teor alcoólico absoluto.

«Todas as aguardentes destinadas à exportação e que são submetidas a exame laboratorial na CVRVV contêm níveis de metanol inferiores àquele valor» — sublinhou Alberto Varejão.

O técnico da CVRVV admitiu que «as leis em vigor nos EUA poderão ser mais restritivas, o que explicaria a proibição».

Alberto Varejão acrescentou que, neste sentido, hoje mesmo a CVRVV solicitou ao consulado no Porto dos EUA cópia da legislação norte-americana sobre a matéria.

As autoridades norte-americanas aconselharam os consumidores a não beberem conhecidas marcas portuguesas de aguardente bagaceira por terem detectado níveis de metanol que constituem «uma ameaça potencial para a saúde».

Portugueses da Igreja Cientológica foram libertados

Das 71 pessoas que no passado dia 20 de Novembro foram presas, na operação contra adeptos da seita Igreja da Cientologia, 11 continuam sob prisão e vão ser entregues à autoridade judicial, informaram fontes judiciais espanholas.

O caso está a ser estudado no juízo de instrução número 21, que há nove meses investiga as actividades dos dirigentes da seita, que tinham em Espanha duas empresas dedicadas ao tratamento de toxicómanos e de pessoas afectadas por problemas psicológicos.

Durante a operação foram presos 25 portugueses que assistiam num hotel da cidade a um congresso sobre formas de luta contra a «Propaganda Negra», mas foram libertados mais tarde, informaram fontes consulares portuguesas em Madrid.

José Maria Vazquez Honrubia, o juiz que ouviu os 25 portugueses, declarou que estes eram dentro da organização «membros de segunda classe».

A justiça e a Polícia espanhola centram agora as suas investigações nas actividades da Narconon e da Dianética, duas empresas ligadas a esta «igreja» acusadas de fraude.

A Marconon dedicava-se a actividades de cura de toxicómanos a Dianética, a tratamentos de psicopatas em geral.

Ambas as empresas consideravam-se como sociedades sem fins lucrativos, mas obtinham importantes rendimentos através das despesas pagas pelos pacientes.

Os principais semanários espanhóis nas suas útimas edições dedicam a primeira página ao caso da Igreja Cientológica, mas centram igualmente a sua informação sobre as actividades da Narconon e as diversas denúncias contra a forma como operavam.

Alguns destes semanários, como «Cambio 16», acusam abertamente a Narconon de «grande fraude».

Até ao momento, a justiça espanhola não concluiu as investigações sobre as actividades da Narconon a respeito da qual pesam diversas denúncias particulares relacionadas com casos de tratamento de desintoxicação.

Também os dirigentes da Igreja da Cientologia são acusados de diversos delitos que vão desde coacções, a delitos fiscais.

Falta de meios humanos e materiais

INVESTIGADORES DA PJ MANIFESTAM O SEU DESCONTENTAMENTO

A Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária (ASFIC/PJ) fez o ponto da situação «caótica» que se vive nesta instituição, particularmente do que releva da falta de meios humanos e materiais que continuam a subsistir e que promovem um «descontentamento generalizado» nos seus funcionários e quadros.

Em conferência de imprensa hoje realizada, os dirigentes desta associação sindical sublinharam que «o ambiente de contestação que se vive na área da administração da justiça é sintomático do caos em que ela está mergulhada», e que esta situação só não é de «ruptura total» porque «a consciência cívica e profissional de muitos funcionários e alguns dirigentes ainda vai mantendo os mínimos».

Designando por «lei do equilíbrio da mediocridade» o espírito que «impera» na administração pública portuguesa, a direcção nacional da ASFIC sustentou radicar nesta razão «muita da desmotivação e desânimo que conduz funcionários a "deixar correr" e a terem como única aspiração profissional o preenchimento do tempo que lhes falta para a aposentação».

«Somos diariamente confrontados com as mais extremas situações durante o desempenho das nossas funções e elas, necessariamente, reflectem-se na qualidade do serviço que prestamos à comunidade. É nesta base que reivindicamos a urgência do encetar dum processo que conduza à modernização da PJ».

Tecendo críticas à actuação do Director-Geral da Polícia Judiciária pela sua «falta de empenhamento na implementação das propostas de medidas que têm vindo a ser discutidas pela ASFIC com o Ministério da Justiça, nomeadamente a lei orgânica que regula a carreira dos funcionários», esta organização fez o apelo à reestruturação da Polícia Judiciária em moldes que «conduzam a um eficiente, científico e rigoroso combate ao crime organizado».

Os meios necessários que se «impõem»

A necessidade de combater a falta de meios humanos e as carências materiais que se fazem sentir nos serviços da Polícia Judiciária, para além das questões que se prendem com a reestruturação da carreira e aspectos remuneratórios, foram os objectivos defendidos pelos responsáveis da direcção nacional da ASFIC.

«Não é com a entrada de funcionários dactilógrafos que se vai colmatar o déficit de funcionários de investigação», afirmaram.

A «sobrecarga e saturação» dos agentes levam-nos a verem suas funções «reduzidas a um mero papel burocrático».

«Se nominalmente a Polícia Judiciária ainda é uma instituição de prevenção e investigação do crime organizado - sublinhou Manuel Carvalho, presidente da ASFIC - a verdade é que o grosso dos seus funcionários se "perde" com "bagatelas penais", a instruir inquéritos e a mexer em papéis».

Manuel Carvalho exemplificou o caso da 11ª secção da PJ (a que trata de questões relacionadas com cheques: falsificações, sem cobertura, etc) em que se verifica «uma média de mil e quinhentos processos por funcionário».

«O Ministério Público, dada a subordinação da PJ a esta entidade, como não tem pessoal, remete para os nossos serviços tudo o que é processual, portanto, enquanto esta situação se mantiver, continuarão sempre a existir agentes que não podem ir para a rua, prejudicando assim o combate à criminalidade, para além do facto de estarem a exercer uma função para a qual não estão vocacionados».

Esta questão, numa outra vertente, foi também referida durante a conferência de imprensa realizada:a direcção da PJ, segundo estes funcionários de investigação criminal, «abusivamente e à revelia da vontade das pessoas, distribui os agentes por qualquer secção sem ter em conta as características de cada um». «Esta orgânica é absolutamente necessária alterar», sustentou Manuel Carvalho.

Outra das propotas avançadas pela ASFIC no âmbito da carreira dos funcionários da PJ é a da sua «profissionalização». O ingresso naquela deve ser sempre feito pela «base» e depois «progredirá» consoante as aptidões demonstradas no decurso duma formação «actualizada».

«Um funcionário superior de investigação só deve ter esta função se tiver começado pela base; é impensável que existam directores de polícia sem qualquer experiência de investigação, e esta situação acontece na generalidade dos casos. Um director da PJ devia ser nomeado por inspectores-coordenadores e não à revelia destes, vindo sabe-se lá de onde!».

Em relação à reciclagem e formação contínua dos agentes da PJ a ASFIC afirmou ser «nula ou quase», dado que «na maior parte dos casos passam dez e quinze anos sem que se passe por uma acção de formação».

«Quando se está quase a chegar aos cinquenta anos é-se chamado para um curso de subinspector, sem mais nem menos, onde são leccionadas matérias de Direito Processual e Pena, completamente descontextualizadas, pois os agentes só foram formados na área da investigação».

Santinhos suspende funções na Sindical da PSP

O comissário Santinhos, coordenador da Associação Sindical da PSP, disse que vai abandonar temporariamente o seu cargo, devido a doença.

O comissário Santinhos adiantou que «a Associação Sindical da PSP está hoje de boa saúde», mas que ele «necessita descansar durante um breve período, por imposição médica».

Referiu que, dos 22 comandos distritais da PSP existentes em Portugal, 17 já têm delegações da Associação Sindical que dirige.

Indicou que muito em breve serão abertas as Associações Sindicais da PSP de Évora e Faro, faltando as da Guarda, Castelo Branco e Beja para a cobertura total do País.

Dezembro quente nos tribunais

TRABALHADORES JUDICIAIS VÃO TAMBÉM PARA A GREVE

Os Sindicatos dos Trabalhadores Judiciais (STJ), marcaram uma greve para 9 de Dezembro, anunciou em conferência de Imprensa Gonçalves Pereira, da sua comissão executiva nacional.

Segundo o sindicalista, o recurso à greve deve-se ao «esgotamento das formas de diálogo com o ministro da Justiça» que, na opinião do sindicato, «não deu qualquer resposta a um convite do STJ para negociações, de forma intencional».

Gonçalves Pereira acusou o ministro da Justiça de «trabalhar em 'part-time'» e anteviu uma «pré-ruptura do sistema judicial português».

O dirigente sindical considerou que os tribunais portugueses «correm o risco de fechar por duas semanas», com a conjugação das greves dos magistrados judiciais (dias 5, 6, e 7) dos magistrados do Ministério Público (dias 12, 13 e 14) e dos trabalhadores judiciais (dia 9 de Dezembro).

Entretanto, os trabalhadores judiciais vão continuar em greve de zelo até 8 de Dezembro, «utilizando o cumprimento da lei como uma arma», disse Gonçalves Pereira, explicando que a utilização desta «arma» legal levará a que não se façam metade dos julgamentos.

O Sindicato dos Trabalhadores Judiciais decidiu ainda «dar ao ministro da Justiça um período de reflexão, após a greve geral e até ao fim de Dezembro», findo o qual, e perante a falta de soluções, os funcionários dos tribunais vão alargando o âmbito da greve de zelo», referiu o citado dirigente.

Gonçalves Pereira alertou para o facto de que, com a greve de zelo, os trabalhadores vão «fazer num dia o que se faz em duas horas», além de «fazerem o mínimo possível» a partir do princípio de Janeiro.

O sindicato anunciou ainda a intenção de apresentar ao OIT uma queixa por violação das regras de negociação e das regras de higiene e segurança no trabalho.

Leilão de ouro e prata na morgue

Objectos de ouro e prata encontrados em cadáveres que dão entrada no Instituto de Medicina Legal, em Lisboa, não reclamados pelos familiares, vão hoje a leilão naquele instituto.

Um informador dos serviços administrativos do Instituto de Medicina Legal disse que o leilão, que é público, consta, além de alianças e fios, também de relógios.

Referiu que periodicamente se realizam leilões deste tipo e o deste ano é o mais pequeno em número de objectos.

A receita rèverterá este ano, pela primeira vez, para os cofres do instituto. Anteriormente, essa receita seguia para os cofres da Fazenda Pública.

A fonte do IML não especificou a quantidade, em peso, do ouro e prata leiloados. «Os objectos serão retirados dos cofres e de imediato postos em leilão», acentuou.

O último leilão realizou-se em 1985.

Reunião extraordinária da CML

PS SALVA ABECASIS DE INQUÉRITO PARLAMENTAR

O Partido Socialista impediu ontem a abertura de um inquérito ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa, ao não votar uma proposta nesse sentido apresentada na anterior sessão pela Coligação Democrática Unitária.A iniciativa da CDU tinha a ver com a EPUL, de que Abecasis foi presidente até o Supremo Tribunal Administrativo proferir um acórdão em sentido contrário, a pedido daquela força partidária.

A proposta fora aceite para discussão na sessão da Câmara Municipal da passada segunda-feira, dia 21. Sessão ordinária, marcando para a sessão pública de ontem o debate. Mas, por razões muito especiais, a Câmara convocou uma reunião extraordinária para o passado dia 25, na qual a possibilidade de um inquérito na base dos pressupostos apresentados pela CDU, foi rejeitado.

A reunião de ontem, também extraordinária, confirmou o sentido da do passado dia 25, rejeitando a possibilidade de instauração de um inquérito ao presidente Krus Abecasis, requerido pelos vereadores do PCP e seus aliados, e o apoio do PPM .

A proposta visava a instauração de um inquérito orientado pela Secretaria de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, após conhecimento da decisão do STA.Recorde-se que este considerara ilegal a acumulação dos cargos de presidente da CML e do Conselho da EPUL, por parte de Nuno Krus Abecasis.

O lugar de presidente do Conselho de Administração da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa ainda não foi preenchido, mas há já um nome proposto: o de Vítor Quadros Martins, um antigo vogal da empresa.

O seu nome foi já votado, por maioria, naquela sessão extraordinária da Câmara Municipal, devendo a posse vir a processar-se em breve nos Paços do Concelho.

A adjudicação de três passagens de superiores para peões , sobre a via férrea, na Avenida da Índia, foi aprovada na sessão de ontem, por maioria, com a abstenção dos vereadores socialistas. Estes justuficaram a sua posição pelo facto de não se ter procedido a concurso público. Note-se, contudo, que para este tipo de obras há apenas uma empresa capacitada, pelo que essa diligência parece desnecessária, à primeira vista.

As pontes em questão serão construídas, em princípio, junto à Praça Afonso de Albuquerque, próximo das estações ferroviária e fluvial de Belém, em frente à FIL e, ainda, defronte da escadaria do Museu de Arte Antiga.

Os estudos económicos do IED

Modernização da sociedade portuguesa

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), pelo seu Departamento de Estudos Económicos, promoveu duas investigações sobre a problemática da introdução das novas tecnologias no desenvolvimento socioeconómico português. Um primeiro estudo foi publicado em Setembro de 1988: a reflexão sobre modernização de que são autores Teresa Ambrósio e J. P. Martins Barata.

É esse estudo, intitulado «Desafios e Limites da Modernização», que constitui o tema de uma mesa-redonda em que intervirão o prof. Sousa Lobo, o eng. João Cravinho e o dr. Fernando Piteira Santos. A mesa-redonda efectua-se hoje no CEDI (Calçada Marquês de Abrantes, 68), às 18 horas.

No dia 16 de Dezembro, à mesma hora e no mesmo local, terá lugar uma mesa-redonda sobre «Modernização das Estruturas de Decisão e de Organização Institucional», sendo intervenientes os drs. Joaquim Mestre, David Miranda e Alípio Fernandes.

A religião dos portugueses

O Centro de Reflexão Cristã promove amanhã, terça-feira, 29 de Novembro, um debate para apresentação do livro de Frei Bento Domingues, intitulado «A religião dos portugueses». Além do autor serão intervenientes no debate-apresentação o professor José Mattoso e o dr. Guilherme de Oliveira Martins.

A sessão realiza-se no Centro de Reflexão Cristã, Rua Castilho, 61, 2º, dto, às 21 e 30.

Se possível antes de 1992

TAP quer transportar mais de 3 milhões/ano

A TAP-AIR Portugal quer aumentar em cerca de um milhão e 400 mil o seu número de passageiros/ano até 1992. A aposta foi ontem anunciada pelo seu presidente na cerimónia de benção de dois novos aviões da companhia, um «Locheed L-1011/500» e um «Boeing727-200», que tiveram como madrinhas, respectivamente, a esposa do Presidente da República e do presidente da empresa, Maria Barroso e Madalena Fragoso de Lencastre.

João Lencastre afirmou que o grande objectivo da TAP-AIR Portugal é «aumentar em 70 por cento, até 1992», o seu número de passageiros, referindo, de acordo com os dados disponíveis que a empresa havia transportado , o ano passado, dois milhões de utilizadores dos seus serviços.

«Fernando Pessoa» e «Lisboa» se chamam os dois novos aviões da TAP, os primeiros de uma remessa que fundamentalmente visa e renovação da sus frota. Aliás, como João Lencastre vincou na cerimónia, a modernização dos aviões da companhia constitui «um dos vectores mais importantes da estratégia global de desenvolvimento da empresa no plano a médio prazo 1988/1992».

«A frota irá ser renovada, basicamente pela introdução dos novos aviões de médio e longo curso

«Airbus A310/300» e os «Boeing 737/000» e «727/100», respectivamente», afirmou o presidente da empresa no acto de benção dos dois novoa aviões, de aue se encarregou o padre Morais Sarmento, capelão da Companhia Aérea Portuguesa.

A introdução dos novos aviões «permitirá - segundo João Lencastre - dotar a empresa de uma maior competitividade e agressividade em termos comerciais e vem viabilizar a implementação de uma estraégia de expansão», acrsecentou opresidente da TAP-AIR Portugal.

«Lisboa», que foi recentemente vendido no quadro do programa de modernização da sua frota. Esse avião -acrescentou -encontrava-se , também no «hangar Sá Machado», ao lado dos dois aviões da TAP, mas já com as cores da República do Zaire e para ser alvo de atenções diferentes que se prendem com manutenção.

Na sua intervenção, lembrou ainda que a companhia já possuiu um avião com o nome de

Cavaco visitou feridos da GNR

Transmontanos e algarvios: desânimo não é com eles

«Um transmontano nunca desanima», disse ontem o Primeiro-Ministro ao sargento-ajudante Hermínio Brás, um dos feridos da «tragédia da Ajuda», que teve o cabo Antunes como seu principal protagonista e se veio a saldar em quatro mortos e quinze feridos. O sargento-ajudante Brás, ontem visitado (comos os restantes nove feridos asinda internados nos

Hospital S. Francisco Xaviar, anexo do Hospital Militar Principal da Estrela e Centro Clínico da GNR) por Cavaco Silva, está fora de perigo, mas foi, na passada quarta-feira, um dos mais atingidos. Tem vindo a recuperar: o dálogo que ontem manteve com o rimeiro-Ministro , de que aqui se reproduzem os passos esenciais, é bem prova disso.

Um dos dez feridos, ianda internados, do tiroteio da Ajuda, é o sargento Hermínio Brás , , que ontem incitou o Primeiro-Ministro a «não desanimar» perante as contrariedades.

Foi ao despedir-se do sargento Brás, que lhe revelara ser de Tr´sa- Os- Montes, que Cavaco Silva afirmou: «Um transmontano nunca desanima».

«Um algarvio também não», retorquiu-lhe de imediato o sargento-ajudante.

«Nunca perdi a calma», garantui o sargento Hermínio Brás, quando o Primeiro-Ministro lhe oerguntou qual a sensação que havia experimentado durante a cena de tiros que há cerca de uma semana teve opor palco o CI da GNR na Ajuda.

«Na minha ideia, pensei que aquilo era do exterior, de fora do quartel, e quando depois me apercebi do que estava , de facto, a acontecer, ja estava atingido», explicou o militar.

Depois de presidir, ontem, no Instituto de Defesa Nacional à sessão inaugural do curdo de auditores de defesa, o Primeiro-Ministro dirigiu-se ao Hospital de S. Francisco Xavier e, deopois, ao Centro Clínico da GNR para visitar os feridos do tiroteio da Ajuda, acompanhado do Ministro da Administração Interna e do comandante-geral da Guarda Nacional Republicana.

Cavaco Silva era ali aguardado pela ministra da Saúde, que se incorporou na visita a um sargento da GNR que durante os incidentes foi atingido com quatro tiros (um em cada braço, um numa perna e outro no abdómen) e que ficou com um projéctil alojado no corpo.Este militar foi, como na ocasião noticiou a Comunicação Social, o ferido mais grave, sendo dado livre de perigo apanas no dia seguinte.

Cavaco Silva deteve-se durante algum tempo a conversar com o sargento-mor Francisco Bocas, seguindo depois para a Rua das Janelas Verdes, onde se encontram outros feridos da Ajuda. Um deles é o sargento-ajudante Hermínio Brás, tendo falado com alguns deles.

No tiroteio em questão morraram cinco elementos da GNR, entre eles o autor dos disparos em circunstâncias ainda por esclarecer cabalmente,e ficaram feridos quinze, entre os quais três oficiais que já tiveram alta.
passado dia 8, que «os trabalhadores das autarquias são uma massa de analfabetos».

Arquitectura reflexa

O CHIADO COMEÇOU MAL?

Pedro Vieira de Almeida

Numa pequena série de artigos publicada aqui na «Arquitectura reflexa», acerca do problema do Chiado e das afirmações de várias entidades que depois do incêndio vieram a público, ou fazer o ponto da situação, ou destacar as intenções da sua intervenção futura, tentei registar algumas dúvidas que me parecia legítimo colocar em relação a essas mesmas intenções e advertir contra alguns equívocos que entendia se estavam a formar de maneira não totalmente esclarecida.

E no primeiro desses artigos chamava a atenção para o perigo das decisões obreiristas, precipitadas, de esgalhanço rápido, que tudo poderiam comprometer na ânsia um pouco atabalhoada de mostrar trabalho realizado.

Passados que são pouco mais de dois meses não me sinto orgulhoso por verificar que há hoje motivos de sobra que parece inteiramente justificar aqueles receios e prevenções.

Do pouco que até agora se sabe publicamente e é possível documentar, procedeu-se no Chiado, para além das operações de limpeza óbvias e imediatas, à demolição de dois prédios de que a bem dizer se falou desde o princípio como eventualmente susceptíveis de demolição.

Se por um lado isto poderá significar uma convergência de opiniões, por outro lado não deixa de significar também uma verdadeira condenação anterior às inspecções técnicas realizadas e sobre as quais nada, ou quase nada, se soube.

E é sobre este ponto que se me levantam as maiores dúvidas.

De facto creio poder considerar que as demolições a que já se procedeu no Chiado não são de molde a tranquilizar ninguém e só me espanta que sobre o assunto se não tenham levantado mais vozes nos vários meios de Comunicação Social.

Certo que se referiu à desajeitada destruição dos azulejos ou ao incrível e absurdo escaqueirar dos letreiros de vidro como o da Ferrari, mas o problema é de facto outro e é de fundo.

Esse problema é o de se saber se as demolições a que se procedeu eram indispensáveis ou se nelas não se introduziu logo um critério de simplificação expedita que põe em causa todo o processo desenvolvido até agora e faz duvidar do que daqui para a frente se vai seguir.

Dois prédios foram demolidos o do Martins e Costa e o do Eduardo Martins, e se o do Martins e Costa para quem lá foi verificar parecia estar de facto condenado, é mais do que duvidoso que o mesmo se passasse com o edifício do Eduardo Martins.

O problema que ponho é este: o prédio do Eduardo Martins não estando por si mesmo condenado, porque foi demolido?

Quais foram os critérios, outros que não especificamente técnicos que determinaram a destruição da estrutura remanescente?

E se aquele prédio que foi demolido não estava tecnicamente condenado que garantia temos acerca dos outros prédios ainda em pé?

E que confiança nos fica a merecer todo o processo?

Insisto que não defendo que se devam obter para as soluções concretas do Chiado, os agora tão em moda «generalizados consensos» já que as intervenções a levar a cabo terão como condição de qualidade, o serem obra de autor, o que necessariamente limita o plano da discussão.

Mas não defendo também e já aqui mesmo o expressei, que seja de recomendar o mantermonos em passiva atitude de meros espectadores, aceitando como factos consumados tudo o que ali se for passando.

E essa recusa de uma atitude meramente passiva implica por um lado uma permanente atenção crítica e, por outro, a exigência de constante informação, sobre o que se está a decidir e sobre o que se vai realizando.

Quer se queira quer não, uma obra com a envergadura e significado urbanos do Chiado, diz respeito a todos.

As minhas perguntas, as respostas que me darão, se algumas me derem é que houve consultas, apoios e pareceres técnicos, que recomendaram aquela demolição e que a «Arquitectura reflexa» fala aqui do que não conhece ou do que conhece imperfeitamente.

Pois estamos de acordo, é isso mesmo.

E por que assim é, gostaria que se tornassem públicos os relatórios, os pareceres, as consultas que determinaram, ou pelo menos permitiram, a demolição do edifício do Eduardo Martins, e já agora os relatórios, os pareceres e as consultas sobre todos os outros edifícios demolidos ou não.

Nada me preocupa vir a verificar não ter razão nas questões que levanto, e até muito sinceramente gostaria que a leitura dessa documentação me convencesse de facto sobre a correcção das decisões tomadas.

No fundo isso seriam boas notícias para todos.

Mas certamente que também me reservo o direito de muito claramente após a divulgação daqueles relatórios fazer as perguntas que achar pertinentes, e se considerar ter sido esse o caso, denunciar aqui mesmo a falta de sentido técnico e a precipitação obreirista.

O que peço não é nada particular ou especialmente difícil de obter, e disso depende de facto a tão apregoada transparência de processos que neste caso desde o primeiro dia todos consideraram indispensável manter.

Trata-se de uma exigência técnica, trata-se de uma exigência cívica, trata-se de uma exigência moral.

Aguardarei.

Pedro Vieira de Almeida

Água com baixa pressão em Campo de Ourique

O abastecimento de água à zona de Campo de Ourique, em Lisboa, poderá sofrer algumas perturbações entre o fim da tarde de hoje e a manhã de sexta-feira, informou hoje a Empresa Pública das Águas Livres.

Um comunicado da empresa refere que poderá haver falta de pressão nos andares mais elevados daquele bairro.

A EPAL informou que está a montar um sistema alternativo de abastecimento que operará em regime de bombagem reduzida.

Deputados do PS e do PCP recebem Amadora

O presidente da Câmara Municipal da Amadora, acompanhado dos vereadores, do presidente em exercício da Assembleia Municipal e da comissão eventual da AM e do presidente do Conselho Municipal será recebido pelos grupos parlamentares do PS e do PCP na próxima terça-feira, na Assembleia da República.

As entidades do município vão levar aos deputados a questão dos atrasos no início das obras da estação de caminho de ferro, passagem subterrânea e interface,

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-B Processo 1/1308

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do § 1.° do art.° 19.° do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.° 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.° 81-3.° andar, tel. 54 88 07, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP – Electricidade de Portugal, EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea, a 10 kv, n.° 1314/R1 com origem no apoio n.° 16 da linha n.° 1314 e término no apoio n.° 2 (ex-n.° 1) da linha 1314/R1, com 145 metros, em Cobre, freguesia e concelho de Cascais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 16 de Novembro de 1988

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

VENDA DE NATAL

No Conselho Português para a Paz e Cooperação

Todos os dias úteis
das 15 às 20 horas
até 20 de Dezembro

Rua Rodrigo da Fonseca, 56
2.° — Lisboa
Telef.: 56 33 75/6

TECTO

COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA, C.R.L.

Rua Prof. Luís Reis Santos, 5
1600 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.° 21.° dos Estatutos e do n.° 2 do Art.° 42.° do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral da CHE TECTO, para uma reunião extraordinária a realizar no dia 16 de Dezembro de 1988, pelas 21 horas, na Rua Prof. Delfim Santos, Bloco G-3/4 – Telheiras – Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:
1 – Informações
2 – Alteração dos Estatutos

Lisboa, 29 de Novembro de 1988

O Presidente da Assembleia Geral
Orlando Gaspar Serrenho

SOCIEDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA

Instituição de Utilidade Pública
Membro-Honorário da Ordem do Infante D. Henrique

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.° 33.° dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral da Sociedade de Língua Portuguesa para, em sessão ordinária, se reunir na sede social da Sociedade, pelas 17.30, do dia 28 de Dezembro próximo (quarta-feira), com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

– Discutir e deliberar sobre o Orçamento para 1989 em cumprimento do disposto no n.° 2 da *b)* do Art.° 31.° dos Estatutos.

Se à hora fixada não se verificar a presença do número legal de sócios, a reunião efectuar-se-á com qualquer número trinta minutos depois, conforme o Art.° 35.°.

Lisboa, 31 de Outubro de 1988

O Presidente da Assembleia Geral
(Dr. Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca)

MUNICÍPIO DO SEIXAL

COM A POPULAÇÃO PARA DEFENDER ABRIL

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE VIATURA VARREDORA ASPIRADORA

1 – **Nome e endereço do dono da obra e do serviço que adjudica o fornecimento:** Câmara Municipal do Seixal, Rua Conselheiro Fernando de Sousa, 2, 2840 Seixal. Departamento de Obras Municipais, Divisão de Parque Auto, Oficinas Gerais do Fogueteiro, 2840 Seixal.

2 – **Modalidade de concurso:** Público, nos termos do artigo 49.°, do D.L. 235/86, de 18 de Agosto.

3 – **Consulta do processo:**

a) O processo do concurso encontra-se patente, na Secretaria Central do Município do Seixal, onde pode ser examinado durante as horas normais do expediente.

b) Cópias do processo: os interessados poderão obter cópia do processo do concurso, no prazo de 3 dias, contados a partir da data da recepção do respectivo pedido escrito à Câmara Municipal do Seixal.

4 – **Preço base:** 14 000 000$00 (catorze milhões de escudos), o IVA deve ser apresentado em separado.

5 – **Entrega das propostas:**

a) As propostas deverão ser entregues até às 17.00 horas do 30.° dia após a publicação do presente Edital na III.ª Série do "Diário da República", na Secção de Expediente e Arquivo do Departamento de Administração Geral e Finanças.

b) Se o envio da proposta for pelo correio, deverá ser feito sob registo e com aviso de recepção. Qualquer atraso que porventura se verifique será da exclusiva responsabilidade do concorrente, não lhe cabendo o direito de reclamar caso os documentos dêem entrada após o termo do prazo previsto para a entrega das propostas.

6 – **Abertura de propostas:** Na primeira reunião ordinária, imediatamente a seguir ao termo do prazo para apresentação das propostas.

7 – **Critérios de apreciação das propostas:** Os constantes no art.° 93.°, D.L. 235/86, de 18 de Agosto, constantes para:

a) preço – 40%
b) prazo de entrega – 20%
c) valor técnico, nível e assistência e garantia – 30%
d) resultados práticos da demonstração – 10%

Paços do Município do Seixal, 18 de Novembro de 1988

O Presidente da Câmara
Eufrázio Filipe Garcez José

zona livre de armas nucleares

câmara municipal do seixal

A NAVE DOS LOUCOS

Isabel Braga

Fotos de Rui Pacheco

José F. tem quase 60 anos. É doente mental e está internado desde os 30 no Hospital Miguel Bombarda. Toda a gente o conhece ali, a primeira vez que lá entrou tinha 18 anos. Os médicos fizeram-lhe o diagnóstico: esquizofrenia. Ainda pôde saír, trabalhou algum tempo como empregado de balcão, mas a doença voltou a manifestar-se uma vez e outra até que tomou conta dele, ao que parece definitivamente. Não recorda as circunstâncias em que foi internado pela última vez. Aconteceu há vinte e muitos anos. Hoje ninguém sabe se José F. tem vontade de saír do hospital, nem isso interessa, pois não há qualquer lugar para onde possa ir.

Um doente crónico serve ao balcão do Clube de Doentes que parece um café de aldeia

Os primeiros alvores do dia despertam-no a ele e à maioria dos 78 doentes da 2ª Enfermaria de Homens do Hospital Miguel Bombarda. Às vezes, é o primeiro a acordar entre os 14 homens que ocupam a camarata reservada aos doentes menos agitados. Procura os sapatos, calça-os, veste a roupa da véspera, um casaco de cotim e umas calças de ganga, ou outra roupa qualquer que lhe foi distribuída na última sexta-feira, dia do banho semanal obrigatório. Passa a cara por água no único lavatório existente na casa de banho. Não se vê ao espelho - não existe nenhum - nem sente a barba de três dias que lhe torna cinzenta a cara pálida. Cinzentos são também os poucos dentes que ainda conserva.

Em silêncio, passeia dum lado para o outro entre as camas brancas de ferro onde alguns homens ainda dormem. Às 7 horas e 30, o enfermeiro abre a porta da camarata. Um corredor cinzento e nú leva a outras camaratas, onde estão os chamados «perigosos», não que o sejam a maioria das vezes pois as pesadas doses de medicação os impedem disso.

Mesmo assim, pode acontecer magoarem-se a si próprios ou aos outros, no meio dum delírio que os transporta a lugares estranhos ou os faz ver bichos nas paredes, dos quais sentem medo. Há alguns que, em períodos mais agitados, têm que dormir atados à cama, mas isso só acontece excepcionalmente.

José F. sabe que é a hora do pequeno-almoço e encaminha-se para o refeitório. Às vezes vai depressa, outras devagar, só ele sabe porquê. Ninguém conversa com ele nem ele conversa com ninguém. Senta-se no lugar que lhe destinaram a uma mesa de quatro coberta, como as outras vinte, por toalhas de plástico que dão uma agressiva nota colorida ao refeitório escuro, de paredes e tectos escalavrados. Os companheiros não lhe dirigem a palavra, nem ele fala enquanto ingere o café com leite e o pão com margarina. Nas outras mesas, o mesmo mutismo.

Há uns que tapam a cara com as mãos, talvez porque não lhes apeteça ver seja o que for. O silêncio do refeitório só é interrompido pelo entrechocar da loiça na copa adjacente ou pela voz animada dum locutor radiofónico transmitida através dum pequeno transistor que um doente tem defronte de si e que se ouve distintamente em toda a sala.

O enfermeiro passa com o carrinho dos medicamentos. Pára junto de cada homem e dá-lhe a tomar as pílulas e comprimidos que retira dum saquinho de papel identificado com o seu nome. Quase todos contêm poderosos tranquilizantes. José F. toma a primeira dose de remédios do dia e sai do refeitório, iniciando um deambular sem destino só interrompido à hora do almoço e do jantar. Pode percorrer os quatro hectares de terreno limitados pela cerca do hospital, deitar-se a dormir no chão ou num banco ou então sair até ao café mais próximo. Fuma se lhe dão cigarros, bebe uma bica quando tem dinheiro, às vezes fica na rua a ver quem passa, às vezes volta para o hospital.

Um pouco antes da hora do almoço, volta a aproximar-se do refeitório. Com a comida, toma nova dose de pílulas. A tarde é igual à manhã, o jantar igual ao almoço, vem a escuridão e ele deita-se. Se o sono não chega, pode pedir mais um medicamento que ingere com um copo de leite, às 22 horas.

Dorme, acorda e o dia seguinte é igual ao anterior, seja Inverno ou Verão, segunda-feira ou domingo.

Com uma pequena excepção, para ele pouco relevante. É à sexta-feira , dia do banho obrigatório, em que o barbeiro do hospital vem escanhoar os doentes. José F. veste a roupa lavada que lhe dão - uma qualquer, é-lhe indiferente - e que não tira até à semana seguinte.

Visitas não tem, nem ele nem a grande maioria dos doentes internados há muitos anos. As famílias vão vê-los nos primeiros meses e depois não voltam.

Os remédios que toma foram-lhe receitados há muito. Sofre de uma doença bem conhecida dos psiquiatras que o levará a uma deterioração profunda e tem os vícios próprios de quem há muito vive asilado. Por outras palavras, foi-se degradando psíquica e mesmo fisicamente, sem capacidade para se opôr a um quotidiano de miséria que, no entanto, lhe assegura as necessidades básicas essenciais: comer e dormir.

Mesmo que quisesse mudar de vida, as alternativas não eram muitas: podia trabalhar na única oficina existente no hospital, de dobragem de papel para uma empresa da cidade, a troco de um ordenado mensal quevaria entre os 100 e os 400 escudos mensais.

A segunda alternativa era ajudar nas limpezas e receber um macito de cigarros Kentucky, quando quisesse fumar.

Sem vontade própria nem auxílio exterior, este homem vive ou vegeta de um modo semelhante ao da grande maioria dos doentes internados no Hospital Miguel Bombarda, o mais antigo hospital psiquiátrico de Portugal, sucessor directo do velho Rilhafoles.

Esquizofrénicos com muitos anos de internamento

O grosso dos 600 internados na instituição está ali há anos e sofre, como José F., de esquizofrenia, termo que designa um conjunto de perturbações psíquicas englobadas pela primeira vez sob esta designação em 1911, por um psiquiatra suíco, E.Bleuler.

A esquizofrenia, anteriormente designada por demência precoce, distingue-se da demência pura e simples porque os que dela sofrem não perdem as funções intelectuais de base - memória, orientação no tempo e no espaço - senão numa fase muito avançada da doença. Em contrapartida, um esquizofrénico tem perturbações intelectuais que produzem graves alterações do pensamento, delírios, alucinações, sentimentos de despersonalização e de perseguição.

O desinteresse, o isolamento, o mutismo e a interiorização são características dominantes do comportamento destes doentes cuja vida psicológica se encontra fragmentada (daí o termo «esquizofrenia») com o desaparecimento da concordância entre ideias e emoção.

A segunda grande causa de internamentos prolongados está nas demências senis e pré-senis, muitas vezes consequência de doenças degenerativas.

Como terceira causa, surgem as debilidades mentais e, por último, mas esta na origem de um número muito inferior de doentes, aparecem as psicoses maníaco-depressivas.

Estes dados são válidos para os 402 homens e para as 182 mulheres internados no Hospital Miguel Bombarda, todos ou quase todos gente de escassos ou nenhuns recursos económicos, muitos deles antigos operários não especializados ou trabalhadores rurais.

Neste hospital vigora, à semelhança do que sucede no Hospital Júlio de Matos, a outra instituição psiquiátrica estatal existente em Lisboa, um «regime de porta aberta». Quer isto dizer que, salvo indicação médica em contrário, os doentes podem sair e entrar do hospital. O rigor não é grande e a autorização para sair depende muitas vezes do critério dos enfermeiros mais experimentados.

Para impedir um ou outro mais agitado de ir para a rua, o pessoal hospitalar limita-se a retirar-lhe as roupas de exterior. Mas muitos não se importam e saem mesmo de pijama.

Doentes mentais tão isolados como sempre

Com efeito, hoje em dia já não se fecham os doentes mentais a sete chaves. Desapareceram as celas para os chamados «loucos furiosos» e as camisas de forças são aparatos que caíram em desuso. Esta simplificação da estrutura hospitalar deve-se à descoberta dos neurolépticos, poderosos tranquilizantes comercializados sob designações como Lagartil, Nozinan, Serenelfi e outras, ministrados como medicação de rotina em doses maiores ou menores, e que permitiram ultrapassar, em grande parte, o problema da violência de certos doentes.

Os progressos parecem evidentes mas a sensação que se tem ao percorrer as nuas camaratas e os arruinados refeitórios do Hospital Miguel Bombarda é que os doentes mentais permanecem hoje tão controlados e quase tão isolados do mundo como se estivessem no navio de que fala Michel Foucault na sua «História da Loucura», o navio dos loucos que parava à entrada dos portos das cidades da Renascença.

A comunidade não os aceita, aqueles cujo estado de saúde lhes permitiria saír não têm dinheiro para se manterem sozinhos, nem família que os receba, não há lares protegidos para onde possam ir. A única alternativa que lhes resta é permanecerem no hospital psiquiátrico.

«Um doente mental que seja de evolução prolongada, nas condições assistenciais de que hoje dispomos, pobre como o é a generalidade dos internados, vê-se obrigado a permanecer no hospital, tansformando-se seguramente num doente crónico» - afirma João Azevedo e Silva, psiquiatra e psicanalista, chefe da equipa de Lisboa/1º Bairro, que tem como zona assistencial a parte antiga da cidade, incluindo, entre outros, os bairros da Graça, Castelo, Bairro Alto, Lapa, S.José e Santo Estevão.

Apesar disso, para este médico, «no Portugal concreto do presente, a solução não é acabar com estas instituições, mas sim lutar - previamente - contra o marasmo asilar que nelas se vive, dinamizando não só a comunidade intra como extra-hospitalar, procurando criar nesta uma participação e apoios que são fundamentais, embora inexistentes de momento...»

Clube dos doentes

Uma das primeiras tentativas de dinamização do hospital partiu precisamente deste médico, em 1966. Foi nesse ano que - sob a sua orientação e com o apoio de alguns enfermeiros - um núcleo de doentes duma das enfermarias mais degradadas do hospital, então a quinta enfermaria de homens da secção asilar, fundou o Clube de Doentes Dr. Medina.

O nome deste clube - o único dos três fundados na mesma época que ainda não desapareceu - é uma homenagem à memória de Fernando Medina, outro psiquiatra do Hospital Miguel Bombarda que, como Azevedo e Silva, se batia para fazer realçar até à evidência como condições materiais diferentes podem criar condições psicológicas para comportamentos muito diferentes, mesmo em doentes mentais ditos crónicos e de há muito asilados.

João Azevedo e Silva recorda: «Os doentes que estiveram na origem do Clube pertenciam a uma enfermaria onde a média de anos de internamento rondava os dez. Estavam alojados

Camaratas nuas, donde estão ausentes quaisquer objectos pessoais

Fachada do Hospital Miguel Bombarda, o mais antigo hospital psiquiátrico português

num bloco quase em ruínas, cuja demolição foi várias vezes encarada pelas administrações.»

«A preocupação que nos dominava era - acrescentou - criar bem estar para os doentes. Pusemos de lado certos simbolismos usados de forma mistificadora - por exemplo, o valor simbólico do dinheiro - certos discursos teóricos assentes mais num moralismo enganador do que em bases correctas, e concentrámo-nos em objectivos prioritários realistas: arranjar locais concretos para estar e conviver, conseguir dinheiro com poder real de compra para conquistar os instrumentos de dinamização e convívio de que necessitávamos: mesas, cadeiras, telefonias, televisões e jogos».

A administração hospitalar cedeu uma grande sala, sem uso, nos baixos dum dos pavilhões. Os doentes, alguns enfermeiros e o próprio médico Azevedo e Silva reuniram algum dinheiro pessoal e organizaram ali uma modesta sede onde puseram a funcionar uma espécie de «café».

Com a venda de bicas, bolos e refrigerenates, e graças ao esforço dos doentes que participavam no projecto, foram conseguindo os fins almejados como primeira etapa: a aquisição de mobiliário, de jogos, de aparelhos de rádio, a realização de convívios e passeios.

Só ao fim de largos anos, o Clube de Doentes Dr.Medina viria a receber um substancial apoio da administração do hospital, passando a funcionar num velho pavilhão remodelado e transformado numa alegre sala com lareira, balcão ao fundo, quadros a óleo nas paredes e várias mesas de café.

Nos primeiros 15 anos, Azevedo e Silva e os enfermeiros que participavam no projecto - Alfredo Barata e João Gaspar - reuniam semanalmente com os sócios, em sessões durante as quais incentivavam os doentes a organizarem actividades diversas, mas não organizando-as na sua vez.

Os passeios dos doentes

Uma dessas actividades que ainda hoje perdura é a excursão anual dos doentes, financiada com as receitas das vendas de «bicas» e refrigerantes no Clube, e que, à excepção do ano passado, se realiza ininterruptamente desde 1966.

«Desde o primeiro passeio, à Fonte da Telha, faz agora 22 anos, já percorremos os 17 distritos do país, em excursões de três dias com duas pernoitas» - afirma com orgulho José Esteves, de 74 anos, doente mental crónico internado há 36, que é desde sempre o organizador das excursões, além de desempenhar as funções de tesoureiro do Clube.

Ele evoca, rindo, episódios dalguns desses passeios, um deles ocorrido em Seia: «Chegámos à pensão onde famos jantar e dormir e os enfermeiros que nos acompanhavam mandaram os doentes lavar as mãos e indicaram o lugar de cada um à mesa. A dona da casa achou aquilo estranho, pois julgava que nós éramos funcionários do hospital. Quando percebeu que éramos doentes, desmaiou.»

Para José Esteves - um antigo cabo da marinha expulso da armada quando da Revolta dos Marinheiros, em 1936 - o mais engraçado é que, num restaurante ao lado, jantava um grupo de legionários (a história passava-se antes do 25 de Abril) que «desataram à pancada uns com os outros, enquanto que os doentes se portaram na melhor das ordens».

«A patroa até nos ofereceu uma bebida grátis, como quem pede desculpa» - afirmou.

Para Azevedo e Silva, estes passeios em que participou sempre, algumas vezes acompanhado da mulher, «provaram que indivíduos com dez anos e mais de internamento podem, embora doentes, existir com dignidade, circulando entre a população e dissolvendo-se nela, quando as condições materiais objectivas são favoráveis».

«Os clubes de doentes foram uma das expressões do movimento de dinamização dentro do hospital Miguel Bombarda, ocorrido sensivelmente entre 1957 e os princípios da década de 80. Deram um importante contributo para aquilo a que hoje se chama - erradamente, a meu ver - a desinstitucionalização dos doentes dos hospitais psiquiátricos e fizeram história na psiquiatria portuguesa» - sublinha.

Passaram mais de vinte anos e as reuniões semanais deixaram de realizar-se na vasta sala do Clube de doentes Dr.Medina que, hoje, mais parece um tranquilo café de aldeia, onde os doentes jogam às cartas.

«Os doentes que formavam o núcleo inicial do Clube começam a apresentar sintomas de cansaço e alguns até já faleceram. Bem vê, o tempo passou. Eu também estou mais velho e absorvido por uma pesada rotina assistencial numa instituição cheia de carências. Empenheime também noutras iniciativas, que considero, de momento, mais significativas. No entanto, penso que o clube devia ser reactivado embora, tal como existe, desempenhe um importante papel no hospital, como local de convívio» - afirma o psiquiatra.

O mutismo, a interiorização, a indiferença, são características da maioria dos esquizofrénicos

Um enfermeiro especial

Numa mesa de canto, uma enfermeira joga uma animada partida de sueca com três doentes. Ao balcão, um internado serve laranjadas e cafés. Quando acabar o seu turno, outros doentes irão substituí-lo. As mais variadas tarefas respeitantes ao clube continuam, como sempre foram, a ser desempenhadas pelos doentes, que também gerem os lucros. Quando surge algum diferendo, o enfermeiro Alfredo Barata, enfermeiro-chefe da 2ª Enfermaria de homens, serve de conselheiro.

A existência do clube de doentes Dr.Medina constitui, para este homem de 59 anos, na profissão há 38, o principal obstáculo a pedir a reforma.

«Tenho amor ao clube e ajudo no que posso. Mas limito-me a dar conselhos, o resto é com eles. Já juntaram 500 contos, imagine!», diz, orgulhoso.

Apesar dos seus muitos anos de contacto com doentes do foro psiquiátrico, ele não se deixou endurecer pela rotina diária.

«Custa-me que passem o dia ao abandono. Eles não andam em liberdade, andam abandonados quando deviam estar protegidos e acompanhados», declarou.

Alfredo Barata conhece os hábitos dos doentes da sua enfermaria, que o procuram constantemente sob um pretexto ou outro.

«Invadem-me o gabinete logo pela manhã. Uns querem que lhes guarde um dinheirito, outros vêm pedir cigarros. Dou a quem ajuda nas limpezas ou aos que trabalham nas oficinas. Mais não posso, o orçamento mensal de que disponho para os 80 homens da enfermaria é de 2.650 escudos», afirmou.

Sem a dedicação deste enfermeiro, talvez as excursões de doentes não pudessem realizar-se. É ele que os prepara para os passeios que, em muitos casos, representam a primeira saída do hospital ao fim de anos e anos.

«Podem ficar perturbados com o ambiente estranho e por isso têm que tomar uma medicação especial, antes e durante a excursão. Sou eu que me encarrego dessa parte», esclarece.

As roupas que os doentes hão-de vestir vão sendo conseguidas através de donativos e é a mulher de Alfredo Barata que a lava e arranja para que os cerca de 40 participantes na excursão possam apresentar-se com dignidade.

Este enfermeiro é, na opinião do psiquiatra Azevedo e Silva, «um caso de dedicação profissional como há poucos no hospital Miguel Bombarda».

«Hospital está pior que nos anos de 1965 a 1970»

«Aqui, o pessoal, além de escasso, está, em 50 por cento dos casos, pouco motivado, o que não admira pois os honorários são baixos e os incentivos de carreira quase inexistentes. Nestas condições, é difícil estar disponível para fazer actividades fora da rotina», afirma o médico.

Na sua opinião, o hospital «se funcionasse noutras condições, poderia desempenhar um importante papel na comunidade pois está implantado no próprio bairro que assiste e quase só por esse facto caberia dentro dos mais modernos conceitos da psiquiatria de sector ou da psiquiatria comunitária».

«Isto desde que lhe fossem concedidos outros meios financeiros e logísticos e que apoios oficiais menos tímidos e menos limitativos lhe concedessem

Continua na pág. 14

Decisão de Beleza é contestada por especialistas

TODOS CONTRA ENCERRAMENTO DO HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

«Estamos contra a destruição do Hospital Júlio de Matos como cidadãos, como médicos e como psiquiatras», afirmou hoje ao Diário de Lisboa o psiquiatra e dirigente do Sindicato dos Médicos do Sul, Luz e Silva, que considerou tais medidas «uma aventura», «um bilhete sem regresso».

O psiquiatra, que pertence aos quadros do Hospital cuja desactivação está prevista para 1991, disse que como cidadãos, os médicos que lá prestam serviço «não podem concordar com a destruição dum espaço dedicado à saúde e sua substituição por algo que não sabem o que será».

«Sabemos que o projecto de urbanização previsto para aquele local está desactivado. A principal razão para isso foram as conclusões dum estudo realizado pelo Gabinete de Urbanização de Lisboa segundo o qual a construção de uma urbanização nos terrenos do Júlio de Matos paralisaria completamente o trânsito nas avenidas circundantes», afirmou.

Luz e Silva disse que, segundo o referido Gabinete, se registaria uma sobrecarga de 800 viaturas por hora em artérias como avenida do Brasil, avenida do Rio de Janeiro, avenida de Roma e outras e que essa sobrecarga seria suficiente para impedir os automóveis de circular.

O médico disse que desde que foi posta em evidência a impossibilidade da urbanização, nada se sabe sobre o destino dos vastos terrenos do Hospital, hoje pertencentes ao estado e que foram, na sua maioria, adquiridos pelo próprio Júlio de Matos, psiquiatra que fundou a instituição.

«Como médicos, consideramos que o Hospital Júlio de Matos devia ser utilizado para albergar outras valências da medicina, pois as instalações estão sub-aproveitadas», sublinhou Luz e Silva.

Por último, o dirigente sindical citou as razões «psiquiátricas» que levam o Sindicato dos Médicos e os profissionais de saúde que trabalham no Júlio de Matos a rejeitar o plano de reorganização dos Serviços de Saúde Mental ontem divulgado por Leonor Beleza.

«Este plano é uma aventura, um bilhete sem regresso. Não foram boas as provas dadas noutros países pelos centros de saúde mental deste tipo», sublinhou o psiquiatra que citou alguns exemplos:

«Nos Estados Unidos, foi interrompida a construção de novos centros de saúde mental quando faltava fazer mais de metade das unidades previstas e na Grã-Bretanha não resultaram as estruturas alternativas aos hospitais psiquiátricos, de tal forma que as penitenciárias estão cheias de doentes mentais, por terem desaparecido camas hospitalares onde alojá-los. Na França, não chegaram a encerrar nenhum hospital psiquiátrico», acrescentou.

Muitos doentes para poucas camas

O destino dos chamados doentes crónicos ou de evolução prolongada é outra das grandes preocupações dos médicos do Hospital Júlio de Matos.

«A ministra da Saúde diz que eles estão a diminuir. É um facto, desde que existem as novas medicações. Mas ainda há uma percentagem apreciável e haverá sempre doentes deste tipo, alguns esquizofrénicos, psicóticos-manfaco-depressivos, e outros, que necessitam de um apoio psiquiátrico permanente. Para onde irão?», perguntou o médico.

Dos 1600 doentes internados no hospital Júlio de Matos, 700 são doentes crónicos. No Hospital Miguel Bombarda, 70 a 80 por cento dos 600 internados são também doentes de evolução prolongada.

Segundo o plano de reorganização dos Serviços de Saúde Mental, na região de Lisboa as camas destinadas a doentes mentais crónicos serão limitadas a 600.

Para as demências da terceira idade - fenómeno que, na opinião do psiquiatra Luz e Silva, «está sempre a aumentar» - o plano de Leonor Beleza prevê 80 camas.

«Não sabemos o que sucederá aos doentes, sobretudo aos velhos, que não têm quaisquer laços familiares. Mesmo quando têm família, esta dificilmente se poderá encarregar de um doentes do foro psiquiátrico. A vida moderna não se coaduna com isso», sublinhou.

Luz e Silva recordou o que aconteceu recentemente em Barcelona, quando do encerramento dum hospital psiquiátrico.

«No primeiro ano, morreram trinta doentes. O número de mortos já vai em mais de 60. Será que é isso que se pretende, que os doentes mentais morram todos?», pergunta.

Ordem também está contra

Para a Ordem dos Médicos, o encerramento do hospital Júlio de Matos é «prematuro» e «um disparate».

Esta opinião foi emitida pelo presidente da secção regional do Sul da Ordem dos Médicos, Costa e Sousa, segundo o qual «há muitos doentes sem suporte de espécie alguma que necessitam de permanecer no hospital».

«Estamos num país onde faltam apoios sociais. Fechar hospitais especializados do tipo do Júlio de Matos parece-nos um bocado disparatado, mesmo que o número de doentes crónicos esteja a diminuir», sublinhou.

A Ordem dos Médicos deverá tomar uma posição oficial sobre o plano de reorganização dos Serviços de Psiquiatria e Saúde Mental, na reunião do Conselho nacional, prevista para amanhã de manhã, antes do encontro com a ministra da Saúde agendado para a parte da tarde.

O Sindicato dos Médicos do Sul irá também abordar a questão na reunião marcada para a manhã à noite.

A Nave dos Loucos

Continuação da pág. 13

outras oportunidades», acrescenta.

Alguns números parecem confirmar estas opiniões: das cerca de 20 mil consultas praticadas anualmente no Hospital Miguel Bombarda, um terço diz respeito à equipa chefiada por este médico, aquela cuja zona assistencial abrange precisamente a parte de Lisboa onde o hospital está implantado.

Por outro lado, o orçamento do Miguel Bombarda pouco excedeu, em 1988, o do ano anterior, podendo dizer-se que não aumentou na prática, se tivermos em conta a inflacção. A biblioteca não é actualizada significativamente há mais de vinte anos.

«Do ponto de vista da dinamização institucional - se exceptuarmos os três anos que se seguiram ao 25 de Abril - estamos pior que nos anos de 1965 a 1970», afirmou.

O psiquiatra critica o facto de os serviços de assistência psiquiátrica e promoção de saúde mental criados recentemente e mais incentivados se destinarem sobretudo à luta contra a droga quando «o problema da droga é uma pequena vaga no oceano, muito mais vasto, da saúde e docnça mental do país.»

«As chamadas toxicomanias modernas têm um significado mínimo em termos de percentagem, quando comparadas com as demências senis, as psicoses manfaco-depressivas, as esquizofrenias, as descompensações neuróticas graves e o alcoolismo, que representam o grosso do problema»; sublinhou.

Plano de Saúde Mental Integrado

Às dificuldades que as tentativas de dinamização interna do Hospital Miguel Bombarda têm encontrado, aliada à tomada de consciência da importância da psiquiatria de sector, levou Azevedo e Silva e um grupo de médicos, enfermeiros e psicólogos (estes quase todos voluntários, pois no quadro do hospital só há um) a orientar uma parte substancial dos seus esforços para a comunidade exterior.

Surgiu assim, há menos de três anos, o Plano de Saúde Mental Integrado do 1º Bairro de Lisboa, abreviadamente designado por PSMI, o qual visa conseguir objectivos como a prevenção e a promoção da saúde mental na área abrangida pela equipa assistencial Lisboa-1º Bairro.

«Cada vez se reforça mais a nossa já antiga convicção de que necessitamos de apelar para a comunidade exterior: escolas, administrações regionais de saúde, instituições várias e, muito especialmente, juntas de freguesia. Através de diversas acções, procuramos consciencializar as pessoas colectivas ou singulares do 1º Bairro para a necessidade de promoção da saúde mental, de modo a transformar agentes até então passivos, nessa área, em agentes activos», afirmou Azevedo e Silva.

Entre esses agentes merecem especial atenção certos técnicos, nomeadamente os orientadores escolares, alguns professores, médicos, psicólogos, assistentes sociais, instituições como o Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) ou outras que nada têm a ver com a psicologia ou a psiquiatria, como o AR.CO, autarquias e até simples elementos da população.

Para atingir os seus objectivos, o PSMI promove acções de formação, informação e dinamização - palestras, colóquios, atendimentos - e, especialmente, reuniões semanais de reflexão conjunta com técnicos e outros elementos da comunidade.

«Questionamos-nos sobre determinadas situações, estudamo-las em conjunto e vamos - uns e outros - inventando formas para as resolver, procurando nunca psiquiatrizar indevidamente as situações, nem retirar a iniciativa aos tais agentes da comunidade» - explicou Azevedo e Silva.

Este processo tem dado os seus frutos, permitindo, por exemplo, ultrapassar situações de insucesso escolar ou de mau comportamento sistemático na escola.

«Conseguimos uma desmultiplicação de esforços e intervenções, impossíveis de realizar se a equipa, com o seu escasso número de técnicos, se mantivesse confinada aos muros do hospital» - disse o médico que manifestou o receio de o PSMI "vir a desaparecer, uma vez a que tem andado sempre na margem do sossobrar» .

De facto, a Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários contribuiu com 800 contos no primeiro ano do projecto - em 1986 - e com 1200 contos no segundo, mas em 1988 nada deu para o PSMI.

«Este ano, recebemos apenas uma discreta ajuda da gerência do hospital, que mostrou alguma abertura para o projecto. Falta-nos uma infinidade de coisas, nem sequer dispomos dum pequeno secretariado. As nossas esperanças estão voltadas para as instituições situadas no 1º Bairro, especialmente as juntas de freguesia» - sublinhou o médico.

E acrescentou: «Era fundamental que o ministério da saúde, a direcção-geral dos cuidados de saúde primários e a gerência do hospital permitissem a criação, a curso prazo, dum Centro de Saúde Mental de Lisboa 1º Bairro, até como centro piloto, pois não podemos esquecer que o 1º Bairro de Lisboa comportam das populações mais desfavorecidas da cidade. Mas, ultimamente, paréce que as nossas iniciativas encontram sobretudo obstáculos por parte das entidades centrais. Talvez por equívoco no diálogo.»

Plano de Saúde Mental Integrado de Lisboa 1º Bairro, Clube dos Doentes: dois redemoinhos à superfície do grande pântano de águas paradas que é o Hospital Miguel Bombarda.

Entretanto, dois adolescentes deram entrada na 2ª enfermaria de homens. Têm 16 e 18 anos e conservem ainda um brilho no olhos e alguma vivacidade nos gestos. Seria bom que não envelhecessem entre aquelas paredes escalavradas e nuas, ou, pelo menos, que não se transformassem em mortos vivos como José F.

Mas quem os impedirá?

BOLSA DE VALORES

Com o patrocínio do CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

EMPRESAS FINANCEIRAS ARRASTAM MERCADO DE ACÇÕES PARA A QUEDA

O mercado oficial de acções da Bolsa de Valores de Lisboa teve hoje uma nova sessão em queda, ao inicar mais uma semana de negociações. Até mesmo o efeito positivo de uma maior liquidez - expressa numa menor proporção de títulos não transaccionados do que na sessão de sexta-feira - se dilui perante a clara superioridade das descidas sobre as quedas.

Pelo menos, era este o panorama do mercado quando, há hora de fecho da nossa edição de hoje, faltava ainda conhcer o resultado da negociação referente a 29 dos 168 títulos accionistas admtidos à cotação oficial. Até ao momento, estavam já apuradas 27 subidas contra 38 quedas e 42 cotações repetidas sem alteração, enquanto 32 espécies accionistas ficavam já sem motivar qualquer transacção.

De realçar o papel importante desempenhado pelas empresas do sector financeiro neste agravamento da tendência do mercado. Na verdade, o sector das financeiras foi hoje um dos que mais sofreu com a queda, não registando qualquer subida a compensar o efeito de oito descidas. O resto do sector repetia as suas cotações mais recentes, ficando ainda dois títulos sem serem transaccionados. Repare-se que, descontado o sector das financeiras, a parte do mercado já negociada até ao momento se dividiria quase equalitativamente entre subidas (27), descidas (30), cotações repetidas (31) e «não efectuados» (30), pelo que se pode concluiur que, até ao momento em que acompanhamos o mercado, eram as financeiras que o estavam a desequilibrar.

As duas maiores subidas registadas até ao momento (as únicas de amplitude digna de referência) favoreciam as acções da António Henrique Serrano (mais 15,2% que na sessão de sexta-feira) e da Companhia Portuguesa de Higiene (mais 14,7%, também face à sessão precedente). Duas empresas que há já uma semana não eram transaccionadas consolidaram hoje perdas avultadas face à cotação então formada: foram elas a Inô (menos 20%) e a Sabel (menos 13,8%).

Quanto às transacções mais avultadas, foram hoje realizada com os títulos da Somague (50 mil contos por 20 mil acções a 2.500$ cada, mantendo a cotação), da Marconi - portador (30,5 mil contos por 2.216 acções a 13.750$ cada, com subida de 50$), da Caima (27,5 mil contos por 2.207 acções a 12.450$ cada).

Subidas

G. A. P. - 1.300$ (transaccionadas 120 acções; cotação anterior: 1.290$); VIDAGO - 1.820$ (100; 1.800$); PROALIMENTAR - 2.340$ (500; 2.300$); ANTÓNIO HENRIQUE SERRANO - 1.670$ (110; 1.450$); VASCO GAMA - 3.760$ (10; 3.500$); CARNES NOBRE - 2.200$ (1340; 2.180$); TORRES NOVAS - 1.840$ (100; 1.800$); FEPSA - 1.850$ (60; 1.840$); BORDALIMA - 1.710$ (20; 1.700$); FITOR - 1.760$ (200; 1.750$); NOVOPAN - 4.020$ (392; 4.000$); SIAF - 3.200$ (100; 3.100$); PORTO CAVALEIROS - 2.600$ (380; 2.580$); Cª PORTUGUESA HIGIENE - 2.340$ (390; 2.040$); SONAE - 12.700$ (220; 12.650$); CIRES - 7.400$ (1.500; 7.300$); CIPAN - 3.820$ (155; 3.800$); CINCA - 5.600$ (250; 5.500$); INDASA - 2.440$ (230; 2.420$); VISTA ALEGRE - 4.500$ (270; 4.440$); ENGIL - 1.790$ (1.150; 1.780$); PAPELARIA FERNANDES - 2.360$ (3.173; 2.300$); J. S. CORREIA - 3.980$ (90; 3.900$); SOPONATA (port.) - 1.900$ (157; 1.850$); MARCONI (port.) - 13.750$ (2.216; 13.700$); COTAPO - 1.460$ (110; 1.450$); MUNDICENTER - 9.750$ (1.760; 9.600$).

Descidas

REFRIGE - 2.900$ (transaccionadas 120 acções; cotação anterior: 3.000$); MACEDO COELHO - 1.500$ (180; 1.540$); SOPRAGOL - 2.300$ (170; 2.360$); PERSUÍNOS - 2.880$ (20; 2.900$); PRAZOL - 2.100$ (290; 2.140$); ALCO - 400$ (3.440; 420$); AVEIRENSE MOAGENS - 1.100$ (120;1.200$); LUÍS CORREIA - 2.800$ (10; 2.980$); CORTICEIRA AMORIM - 4.000$ (200; 4.100$); IPOCORK - 3.500$ (150; 3.600$); CAIMA - 12.450$ (2.207; 12.500$); COPIDATA - 1.980$ (50; 2.000$); MABOR - 3.360$ (925; 3.400$); FISIPE - 3.220$ (420; 3.260$); PROADEC - 1.300$ (10; 1.380$); SOPOL - 1.400$ (60; 1.410$); AMADEU GAUDÊNCIO - 1.440$ (1.157; 1.450$); EMPOR - 1.300$ (62; 1.340$); SABEL - 2.240$ (200; 2.600$); INFORGAL - 1.800$ (690; 1.850$); BETÃO LIZ - 3.980$ (150; 4.000$); INÔ - 2.320$ (40; 2.900$); ORBITUR - 1.690$ (113; 1.700$); SERVIÇO PORTUGUÊS CONTENTORES - 1.320$ (100; 1.430$); OREY ANTUNES - 1.200$ (463; 1.230$); MARCONI (nom.) - 10.200$ (950; 10.250$); LOCAPOR - 5.100$ (145; 5.200$); B. P. I. (port.) - 7.800$ (540; 7.900$); B. C. I. (nom.) - 7.000$ (100; 7.050$); B. C. P. (port.) - 8.700$ (700; 8.750$); B. C. P. (nom. em. 88) - 6.700$ (890; 6.750$); CITIBANK (port.) - 3.800$ (1.120; 3.900$); EUROLEASING - 6.500$ (220; 6.550$); LEASINVEST - 9.850$ (140; 9.900$); GARANTIA - 5.500$ (110; 5.600$); O TRABALHO - 11.600$ (107; 11.950$); GRÃO-PARÁ - 2.680$ (1.200; 2.700$).

Cotações Repetidas

FINAGRA - 1.600$ (transaccionadas 201 acções); TRIUNFO - 1.200$ (3.615); COFACO - 3.300$ (90); SOJA PORTUGAL - 4.600$ (1.577); MADEIRENSE TABACOS - 3.000$ (310); EMASA - 890$ (50); SUMOLIS - 3.000$ (1.983); VILA FRANCA - 1.050$ (120); AMIEIROS VERDES - 1.750$ (70); ARBORFIL - 2.920$ (70); FIACO - 1.750$ (30); NOVEMBAL - 2.500$ (10); LITHO FORMAS - 2.440$ (350); ISAR RAKOLL - 1.700$ (321); CIN (em. 88) - 3.180$ (50); POLIMAIA - 2.400$ (2.020); CRISAL - 4.120$ (2.290); LUZOSTELA - 1.900$ (20); MOTA E Cª. - 5.200$ (500); ERG - 1.290$ (70); SOMEC - 1.600$ (400); SOMAGUE - 2.500$ (20.000); SOARES COSTA - 2.000$ (590); S. G. O. - 1.950$ (340); A. C. SANTOS - 1.700$ (50); D. PEDRO - 2.100$ (1.370); HOTELAGOS - 1.500$ (1.470); TERNOR - 1.350$ (790); IMOLEASING - 5.000$ (200); B. P. I. (nom.)- 6.800$ (1.882); SOFINLOC - 12.800$ (1.880); CISF - 25.000$ (438); LUSOLEASING - 7.600$ (1.050); MANUFACTURERS HANOVER (port.) - 6.950$ (2.510); B. C. I. (port.) - 9.000$ (136); B. C. P. (nom.) - 6.800$ (1.200); B. C. P. (port. em. 88) - 8.650$ (320); HELLER - 5.600$ (352); ESPÍRITO SANTO - 5.000$ (833); SOCIEDADE PORTUGUESA DE SEGUROS - 3.220$ (250); SONAGI - 2.700$ (100); FENALU - 4.200$ (50).

Não Transaccionadas

SICEL, CURIA, FÁBRICA NACIONAL MARGARINAS, RAÇÕES VALOURO, RAÇÕES PROGADO, COPAM, VELDEC, GREGÓRIO, MOURA MATOS, ESTAMPARIA IMPÉRIO, LAMEIRINHO, TÊXTEIA ATMA, AMORIM E IRMÃOS, CHAMPCORK, FOSFOREIRA PORTUGUESA, LABORATÓRIOS IBERFAR, CIN, TÂMEGA, OPCA, MUNDINTER, TRANSMOTOR, PENINA, JÚPITER, TUROPA, TRANSBEL, SOPONATA (nom.), TERTIR, TRANSINSULAR (port.), TRANSINSULAR (nom.), MANUFACTURERS HANOVER (nom.), CITIBANK (nom.), HIDROPROJECTO, TIME SHARING.

Veiga Anjos preside às duas bolsas para "preparar terreno"

O Governo espera do novo presidente da Bolsa de Valores de Lisboa um contributo decisivo no sentido da harmonização operacional das bolsas e da preparação do «terreno» para as novas orientações no mercado de capitais, afirmou ontem o ministro das Finanças ao conferir posse a João Veiga Anjos no cargo de presidente da Comissão Directiva da Bolsa de Valores de Lisboa, que passa a acumular com idênticas funções na Bolsa de Valores do Porto.

Na ocasião, Miguel Cadilhe referiu que a estratégia definida para o sistema financeiro passa também pela modernização do mercado de valores mobiliários. O ministro das Finanças recordou as medidas já tomadas nesse sentido, nomeadamente a criação da figura do auditor-geral do mercado de títulos e a elaboração de legislação específica entregue a comissões especializadas, através das quais já foi possível aprovar um conjunto de orientações a serem implementadas em breve. Entre essas orientações, Cadilhe destacou a evolução para um mercado de negociação em contínuo e de cotação única de âmbito nacional, a entrega das bolsas à plena administração ou propriedade dos seus operadores e a criação de uma comissão nacional dos mercados de valores mobiliários, que se destinará ao acompanhamento do mercado.

Articular e coordenar as várias medidas a desenvolver nas duas bolsas, no âmbito das orientações definidas, é, no dizer do ministro das Finanças, o desafio feito ao novo presidente da Bolsa de Valores de Lisboa.

Ao usar da palavra, Veiga Anjos considerou ser indispensável proceder-se a alterações estruturais significativas, nomeadamente a desmonetarização da dívida pública, a modernização do sistema financeiro e o crescimento da importância relativa do segmento accionista no financiamento da economia.

Fazendo uma análise da dimensão do mercado de capitais, Veiga Anjos considerou que o mercado primário sofreu um acréscimo significativo, como consequência da dinamização do secundário, dando como exemplo o facto de o total de emissões ter triplicado entre 1985 e 1987. Também o mercado secundário viu o seu volume crescer em 1987, para 7 vezes a dimensão de 1986 e 27 vezes a de 1985, referiu Veiga Anjos.

Sobre a actual conjuntura, o novo presidente da bolsa lisboeta observou ainda que o volume de transacções representa hoje 47 por cento do de 1987 e 290 por cento do de 1986. Para Veiga Anjos, esta situação permite concluir que falta ao mercado alguma regularidade, liquidez, consistência e racionalidade, devido ao facto de não existirem ainda profissionais em número suficiente.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51$50	57$50
ALEMANHA FED. (marco)	81$95	83$15
ÁUSTRIA (xelim)	11$65	11$85
BÉLGICA (franco)	3$717	3$967
BRASIL (cruzado)	$112	$212
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119$35	121$85
(notas de 5 a 1000)	119$85	122$35
DINAMARCA (coroa)	21$25	21$65
ESPANHA (peseta)	1$217	1$337
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	142$30	145$80
(notas de 5 a 1000)	142$80	146$30
FINLÂNDIA (marka)	34$65	35$25
FRANÇA (franco)	24$00	24$70
HOLANDA (florim)	72$65	73$75
IRLANDA (libra)	220$25	224$25
ITÁLIA (lira)	1$100	1$115
JAPÃO (iene)	1$127	1$182
NORUEGA (coroa)	21$85	22$35
REINO UNIDO (libra)	262$75	267$25
SUÉCIA (coroa)	23$55	24$05
SUÍÇA (franco)	97$95	99$45
VENEZUELA (bolívar)	3$450	4$250

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
O seu Banco

Um grupo de arménios manifestam-se em frente ao Soviete Supremo, em Moscovo, apelando para que se ponha fim ao "genocídio de arménios" no Azerbaijão.

Situação continua tensa nas repúblicas soviéticas

Gorbachev reafirmou defesa da reforma e da democracia

A «perestroika» (reestruturação) é a principal orientação da actividade do povo soviético, mas a imperfeição dos instrumentos políticos disponíveis dificultam o seu desenvolvimento — considerou hoje em Moscovo o líder soviético Mikhail Gorbachev. Falando na abertura da sessão extraordinária do Soviete Supremo da União Soviética, Gorbachev acrescentou que «a saída da estagnação é impossível sem a democratização de toda a vida e sem a reforma política».

A sessão de hoje do Soviete Supremo, de 1500 membros, destina-se a debater dois projectos de leis, nomeadamente sobre alterações e aditamentos constitucionais e a realização de eleições.

Gorbachev criticou na sua intervenção o autoritarismo e a repressão, que disse terem sido apanágio dos anteriores líderes soviéticos e apelou ao Soviete Supremo para apoiar as reformas políticas por si preconizadas.

A sessão, que deverá durar dois dias, poderá ser marcada por objecções dos delegados da Estónia e de outras repúblicas — segundo observadores em Moscovo.

Para estes delegados, as reformas podem limitar a sua soberania formal no seio da União Soviética.

O líder soviético recebeu ontem o apoio da maioria dos 3000 membros do Comité Central do Partido Comunista para o seu plano de reformas que hoje apresentou no Soviete Supremo.

De acordo com esse plano de reformas, o Soviete Supremo desaparecerá na forma que detém actualmente e ressurgirá em Abril composto por duas câmaras diferentes: a alta e a baixa.

As reformas prevêem ainda a realização de eleições, embora sem a participão de novos partidos, e o reforço dos poderes para o cargo de presidente da República, lugar que Gorbachev deverá certamente manter.

Retratos de Khomeiny no Azerbaijão

Bandeiras verdes do Islão e retratos do líder iraniano «ayatollah» Komeiny surgiram nas ruas da capital do Azerbaijão, Baku, e mais de 800 pessoas foram detidas na sequência das tensões étnicas, indicaram ontem notícias oficiais.

O jornal governamental soviético «Izvestia» publicou uma entrevista de um jovem de 26 anos, Nemat Panakhov, considerado o líder dos milhares de pessoas que se têm manifestado na Praça Lenine, em Baku.

Os azerbaijanis são tradicionalmente muçulmanos afins dos turcos, enquanto os arménios — que com eles estão em conflito — são tradicionalmente cristãos.

Quer o Azerbaijão quer a Arménia, fazem fronteira com o Irão, o que preocupa as autoridades soviéticas, que temem que a revolução fundamentalista islâmica de Khomeiny passe a fronteira para a Ásia Central Soviética.

O «Izvestia» atribuiu a Panakhov a afirmação de que os líderes das manifestações em Baku rejeitaram apelos ao fundamentalismo islâmico. E preferem seguir a «perestroika».

Uma reportagem da Televisão soviética indicou continuar tensa a situação em Baku, em cuja praça central prosseguem os comícios. Muitas empresas continuam fechadas e os comboios permanecem por descarregar.

Em Baku e Erevan, capital da Arménia, mantém-se o recolher obrigatório restrito e a Polícia deteve activistas arménios, entre eles o dissidente Sergei Grigoryants.

Os estudantes do ensino secundário e superior não comparecem às aulas e os prejuízos provocados pelas greves e paralisações de empresas ascendem às dezenas de milhões de rublos, disse a Televisão.

Roménia contraria tendência geral nos países de Leste

O presidente romeno, Nicolae Ceausescu, reafirmou o seu plano de destruir milhares de aldeias e instalar os seus habitantes em novas cidades, dizendo que algumas aldeias foran já transformadas.

Discursando na abertura de uma reunião do Comité Central do Partido Comunista romeno, Ceausescu excluiu, por outro lado, a possibilidade de descentralização económica ou de pluralismo político.

Ceausescu, que tem ignorado a tendência para as reformas na União Soviética e mantido um regime de dureza, desde que ascendeu ao poder, em 1965, disse que espera criar cerca de 550 novas cidades para substituir as aldeias.

«Actualmente, um número considerável (de aldeias) pode ser considerado como genuínas cidades agro-industriais», disse Ceausescu, segundo a agência noticiosa estatal, a Agerpress.

O projecto agrícola de Ceausescu tem sido criticado a nível internacional, particularmente pelos países seus aliados do Pacto de Varsóvia e pela vizinha Hungria, que considera que ele visa erradicar a cultura da minoria húngara na Roménia.

Este diferendo levou a consequências duras, nunca antes registadas, entre dois aliados do Pacto de Varsóvia, com a Hungria a expulsar, na semana passada, um diplomata romeno de Budapeste, em retaliação pela expulsão pela Roménia de um diplomata húngaro, no início deste mês.

Ceausescu reafirmou a sua convicção de que a questão da nacionalidade na Roménia foi já resolvida e que todos os cidadãos gozam de direitos iguais.

Disse que havia acordo amplo na Roménia sobre o seu plano de transformação das aldeias.

A Agerpress afirmou que o plenário do CC do Partido Comunista romeno saudou as afirmações do presidente com vivas e aplausos.

O líder partidário disse que o plano visa levar a vida rural à harmonia com as áreas urbanas, e «criar condições, como abastecer os habitantes de tudo o que eles precisem, para uma vida decente e civilizada».

Ceausescu rejeitou, por outro lado, o ponto de vista dos reformadores comunistas na Europa de Leste, de que, no interesse da gestão eficaz, o partido devia retirar-se da responsabilidade directa por muitos assuntos económicos e sociais.

«A tese, segundo a qual o partido não deve ser responsável pela implementação de planos e programas económicos e sociais, mas deixar os sectores económicos e sociais resolver as questões como acharem melhor é, na nossa oponião, completamente errado e perigoso», disse Ceausescu.

Assembleia Geral aguarda pedido dos países árabes

SESSÃO DA ONU PODERÁ REALIZAR-SE EM GENEBRA COM PRESENÇA DE ARAFAT

A Organização das Nações Unidas vai adoptar medidas oportunas para garantir a intervenção do líder palestiniano, Yasser Arafat, na sua Assembleia Geral, afirmou o presidente da 43ª sessão da Assembleia Geral da ONU, Dante Caputo. Logo que a ONU receba "um pedido especial do grupo de países árabes (para uma eventual sessão na cidade suíça de Genebra), procederá da melhor maneira possível para assegurar que Arafat possa dirigir-se a este forum internacional, afirmou o presidente da Assembleia Geral.

Dante Caputo, o ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, que presidente à actual sessão da Assembleia Geral, respondeu assim à recusa norte-americana de conceder um visto de entrada nos Estados Unidos ao presidente da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat, para ele discursar na quinta-feira na Assembleia Geral da ONU.

Entretanto foi revelado esta manhã em Nova Iorque os países árabes apresentarão hoje nas Nações Unidas uma proposta em que apelam para que o Departamento de Estado norte-americano conceda o visto de entrada a Arafat.

Esta primeira proposta de resolução será completada por uma outra, que propõe a mudança para Genebra da sessão sobre a Palestina e Médio Oriente da Assembleia Geral da ONU, caso o Departamento de Estado mantenha a recusa na concessão do visto ao líder da OLP, atitude já definida como "firme e definitiva".

Clovis Maksoud, embaixador nas Nações Unidas da Liga Árabe, disse que, se o Departamento de Estado norte-americano não conceder o visto a Arafat até amanhã, quarta-feira, a Assembleia Geral reunir-se-á num outro local para ouvir Yasser Arafat.

"Se não houver mais opções, então dentro de 24, 36 ou no

Negociações quadripartidas para a paz na África Austral

Última reunião tem início amanhã em Brazzaville

A última ronda das negociações entre a África do Sul, Angola e Cuba, com a mediação dos Estados Unidos, decorre em Brazzaville entre amanhã e 1 de Dezembro, foi anunciado em Washington. Durante essa reunião, a que assistirá Chester Crocker, secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, espera-se que as partes fixam a data da assinatura do acordo, que prevê a independência da Namíbia e a saída das tropas cubanas de Angola, disse o porta-voz do Departamento de Estado, Charles Redman.

A agência noticiosa angolana anunciou na segunda-feira, em Luanda, que o acordo final tripartido sobre a paz no Sudoeste de África será assinado em 15 de Janeiro por Angola, Cuba e África do Sul, depois de ser rubricado esta semana o «protocolo de Brazzaville».

Na reunião de Brazaville serão tratados assuntos técnicos, já discutidos a semana passada nas Nações Unidas, com a intenção de dar os últimos retoques no compromisso final.

Nas discussões mantidas até agora as partes parecem estar de acordo em que a partir de 1 de Janeiro de 1989 deverá entrar em vigor uma resolução da ONU para conceder a independência à Namíbia e iniciar a retirada das tropas cubanas de Angola.

Angop ataca Savimbi

Em editorial intitulado «Ingerência premeditada», a agência noticiosa angolana atacou ontem a «campanha diplomática» do presidente da UNITA, Jonas Savimbi, para, com o apoio dos «seus aliados sul-africanos e norte-americanos, obrigará o governo angolano a negociar com o movimento rebelde».

Quando «a paz para o povo angolano está próxima», salienta o editorial, «certos círculos ultraconservadores tentam propagar aos quatro ventos que a paz em Angola só será possível com a reconciliação nacional, chegando mesmo a declarar que certos chefes de Estado africanos estão preocupados com esta situação».

O editorial cita «rumores veiculados a partir de Washington por certa Imprensa internacional», segundo os quais a diplomacia norte-americana pretende realizar em Brazzaville, no próximo mês, uma conferência internacional para «forçar o Governo legítimo de Angola» a aceitar o princípio das negociações com Savimbi.

Para o editorialista, é «pura ilusão» a tese sul-africana e norte-americana de que o conflito angolano é «componente inseparável» do conflito da África Austral e, como tal, deve «ser resolvido no «forum» internacional», dado que o principal culpado é a África do Sul, que «fomenta a guerra aos países vizinhos, para além de dar apoio aos grupos contra-revolucionários» UNITA e Renamo.

Crocker encontra-se com Mobutu

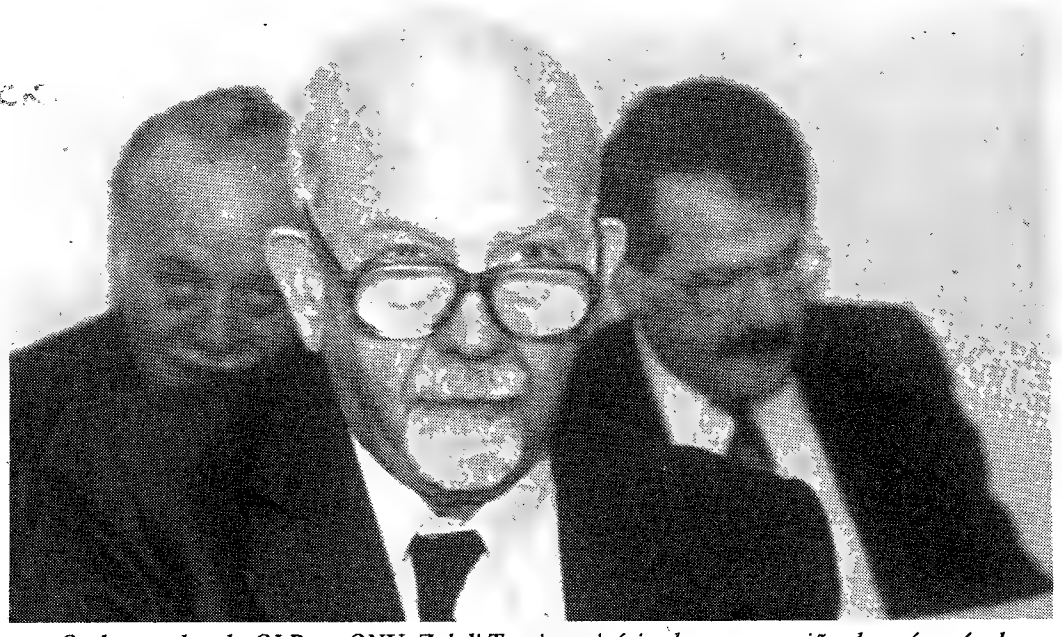
O secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, desloca-se hoje a Kinshasa para um encontro com o presidente zairense Mobutu Seko – disse à agência Lusa uma fonte do protocolo congolês.

O informador não afastou a hipótese de o responsável norte-americano se avistar na capital zairense com o lídér da UNITA – Jonas Savimbi, à semelhança de contactos estabelecidos nas anteriores rondas em Brazzaville.

As capitais dos dois países são separadas pelo rio Congo, processando-se o trânsito entre os dois aeroportos em cerca de 15 minutos, situação que tem sido aproveitada pelos chefes das missões de Washington e Pretória para estabelecer contactos com responsáveis da UNITA, sempre que necessário.

A fonte congolesa assegurou à Lusa que, para participarem nos trabalhos da nona sessão quadripartida de Brazzaville, já se encontra na capital congolesa a delegação dos Estados Unidos, aguardando-se hoje a chegada das representações de Angola e Cuba.

Entretanto, fontes oficiais congolesas disseram à agência Lusa ter causado «choque e surpresa» a nota divulgada em Washington pelo porta-voz do Departamento de Estado dos Estados Unidos, Charles Redman, referindo que não seria assinado um acordo em Brazzaville.



O observador da OLP na ONU, Zehdi Terzi, no início de uma reunião de países árabes, destinada a encontrar uma alternativa à recusa dos EUA de conceder um visto de entrada a Yasser Arafat, que deveria discursar na Assembleia Geral na quinta-feira.

máximo 48 horas, não teremos outra alternativa senão reunir-mo-nos num país que respeite as suas obrigações relativamente às Nações Unidas, em Genebra ou Viena" - declarou Maksoud.

A proposta do grupo árabe será hoje apresentada a um comité das Nações Unidas, que por seu turno a apresentará amanhã à Assembleia Geral da organização.

O debate, que estava previsto para começar na quinta-feira, poderá agora ser adiado para meados de Dezembro, caso venha a ser marcado para Genebra - disseram fontes diplomáticas.

Entretanto, os advogados norte-americanos conhecidos pela sua participação em casos políticos controversos, decidiram contestar no tribunal a recusa do visto a Arafat em nome do comité privado de relações americano-árabes. Um dos advogados disse que tencionava apresentar até amanhã o processo em tribunal.

Washington justificou a sua atitude argumentando que "elementos da OLP estão implicados em actos de terrorismo contra americanos e outros".

O comité das relações com o país anfitrião, que esteve reunido ontem, não tomou ainda qualquer posição, muito embora a maioria dos oradorers se tenham manifestado contra a recusa do visto a Arafat.

O comité da Internacional Socialista para o Médio Oriente condenou também a decisão do Departamento de Estado norte-americano de proibir a entrada de Arafat nos Estados Unidos.

A União Soviética juntou-se igualmente ao grupo de países que criticaram a recusa norte-americana.

"Um passo não construtivo e ilegal", assim é vista em Moscovo a recusa de Washington, segundo o porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Guennady Guerassimov.

Afeganistão: soviéticos voltam a estabelecer contactos com a guerrilha anti-Cabul

Representantes soviéticos e da guerrilha afegã anti-Cabul vão reunir-se na próxima semana para conversações sobre a troca de prisioneiros, a retirada das tropas soviéticas e o futuro do Afeganistão, informou um porta-voz dos rebeldes.

No domingo, os soviéticos estabeleceram o primeiro contacto directo com representantes da guerrilha depois de se iniciar a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

Participaram no encontro, em representação dos rebeldes, Abdul Rahim e Ghairat Bahir e, em representação dos soviéticos, quatro diplomatas, entre os quais o adido militar, coronel Victor Belvi.

Na versão que deu do encontro, Rahim referiu que os soviéticos pretendiam discutir assuntos militares, em especial a troca de prisioneiros de guerra, e o futuro político do Afeganistão.

Recusando-se a entrar em pormenores, o porta-voz da guerrilha adiantou apenas que fora acordada a realização de uma reunião de alto nível entre as duas partes «fora do Paquistão, na próxima semana».

«Esperemos — disse — que esta reunião convença os soviéticos a acelerarem a retirada das suas tropas e a porem termo à escalada da guerra».

Um responsável da secção política da embaixada soviética em Islamabade recusou-se a confirmar a realização do novo encontro.

«As conversações de ontem terminaram apenas com a promessa de que os contactos seriam continuados», acrescentou.

A próxima reunião

O local escolhido para a próxima reunião será Jidá, capital da Arábia Saudita, disse hoje um porta-voz dos rebeldes.

Burhanuddin Rabbani, líder da aliança dos sete partidos da oposição afegã, deverá chefiar a delegação dos rebeldes que será constituída por três elementos.

A delegação soviética às conversações será chefiada por Yuli Vorontsov, adjunto do ministro dos Negócios Estrangeiros, disse a mesma fonte.

Vorontsov é considerado pelos diplomatas ocidentais um homem próximo do líder soviético, Mijkail Gorbachev, desempenhando actualmente o cargo de embaixador em Cabul.

Às conversações previstas para Jidá, serão as primeiras a alto nível entre rebeldes afegãos e o Kremlin, desde que as tropas soviéticas entraram no Afeganistão em 1979 para ajudar os comunistas no poder.

Um porta-voz dos rebeldes informou que os dirigentes da guerrilha afegã concordaram com as conversações no decorrer de uma reunião em Pashawar, no Noroeste do Paquistão.

Acrescentou que a delegação partirá para Jidá hoje à noite ou na quarta-feira. As conversações deverão durar cerca de três dias.

O presidente afegão, Najibullah, propôs, em Outubro, a realização de conversações em Meca, igualmente na Arábia Saudita, mas os rebeldes recusaram a oferta.

Os rebeldes acrescentaram que propuseram no primeiro encontro a libertação de quatro soldados soviéticos em troca de 100 rebeldes num «gesto de boavontade», mas não foi alcançado qualquer acordo.

Segundo o acordo celebrado em Genebra, no mês de Abril, Moscovo terá de retirar todas as suas tropas do Afeganistão, até 15 de Fevereiro.

Fontes soviéticas admitem que o prazo venha a ser adiado tendo em conta o aumento dos ataques dos rebeldes.

O Kremlin tem incitado os rebeldes a negociarem com o presidente Najibullah a constituição de um governo de coligação alargada para pôr termo à guerra no Afeganistão.

Dois soldados soviéticos em missão de patrulha numa rua da capital afegã, Cabul.

Presidente argelino impôs-se no sexto congresso da FLN

Mario Sampaio
Correspondente em Paris

Após dois dias de discussões apaixonadas, o presidente argelino, Chadli Benjedid, impôs-se ontem no congresso do Partido Único e foi designado por aclamação como candidato único às próximas eleições presidenciais.

Numerosos foram aqueles que intervieram para sublinhar «o alto nível de responsabilidade» de que fez prova o presidente Chadli Benjedid durante as sangrentas manifestações do «Outubro Negro». Mas o segundo dia do sexto congresso da Frente de Libertação Nacional, o partido único argelino, foi essencialmente consagrado à escolha dos homens que presidirão aos destinos da Argélia durante os próximos cinco anos. Os debates, que tinham começado no domingo com uma análise 'vigorosa' da depuração dos diversos aparelhos do partido, terminou ontem com a vitória absoluta da 'linha Chadli'.

A partir de agora, com o desaparecimento do 'bureau' político, o comité central passará a ser o verdadeiro centro de decisão e de reflexão da FLN.

Ao obter o seu terceiro mandato de secretário-geral do Partido Único, Chadli Benjedid passou a ser pela mesma ocasião o candidato único da FLN ás próximas eleições presidenciais em Fevereiro. Mas a sua reeleição constitui principalmente a realização dum acordo de princípio sobre a abertura democrática que ele defende, e à qual as próprias Forças Armadas vieram trazer o seu apoio. O comité central passará a jogar a carta da abertura em relação aos 'elementos honestos e sinceros' que o queiram, disse o presidente.

Será preciso contudo não esperar que venham a ter lugar mudanças espectaculares. Como o fazia notar ontem um congressista: «O problema não são os homens, mas o sistema. As mudanças vão portanto ter lugar progressivamente.»

As grandes linhas do «Programa Chadli» já eram conhecidas antes do fim do congresso: abertura da FLN que passará a ser mais um movimento do que propriamente um partido político. Criação do Conselho Constitucional. Independência da justiça. Aligeiramento do serviço militar. Nova lei sobre a informação para permitir aos cidadãos melhor exercer os seus direitos.» Mas é sobretudo a autonomia concedida ás organizações da juventude que parece ser o ponto mais importante, quando se sabe que 70 por cento dos argelinos ainda não artingiram os 30 anos de idade.

Outras mudanças poderão ter eventualmente lugar, principalmente aquela que implica a separação entre a FLN e o Estado. Um congresso extraordinário irá ter lugar dentro dum ano para estudar a criação duma nova frente 'que reagrupe todas as energias'. Em seguida virá o referendo sobre a Constituição.

Israel: trabalhistas divididos quanto à integração no Governo

A liderança do Partido Trabalhista de Israel parece enfrentar um forte desafio interno na sequência da nova oferta de integração governamental feita pelo primeiro-ministro Yitzhak Shamir.

Pela proposta de Shamir, o líder trabalhista Shimon Peres deverá escolher entre o posto dos Negócios Estrangeiros, que tem vindo a ocupar, ou o das Finanças, enquanto o ministro da Defesa, Yitzhak Rabin, se manteria no seu posto.

Os trabalhistas haviam exigido para integrarem o novo executivo dois dos mais importantes ministérios e uma igualdade de posições face aos conservadores do partido Likud.

Sou contra entrar em negociações com o Likud para formação de um governo e vou expressar esta posição aos meus colegas, afirmou o secretário do Partido Trabalhista, Uzi Baram, que acrescentou: «penso que seja inevitável uma disputa sobre este tema.»

Tanto Peres como Rabin alertaram já os seus colegas de que a não participação no governo, deixando esse lugar aos partidos religiosos e da extrema-direita, poderia comprometer os avanços obtidos no desanuviamento israelo-árabe.

Um adjunto de Shamir afirmou entretanto que a negociação para a formação do novo governo não integrará o projecto defendido por Peres para a realização de uma conferência internacional de paz para o Médio Oriente.

A mesma fonte adiantou que o Partido Conservador pretende que o novo executivo favoreça o estabelecimento de um maior número de comunidades judaicas nos territórios ocupados da margem Ocidental e faixa de Gaza.

Entre os palestinianos a discórdia parece igualmente instalada, através de greves convocadas por dois grupos radicais que se mostram contrários à moderação de atitudes por parte do governo palestiniano no exílio.

Eleição presidencial no Paquistão

O novo presidente paquistanês será eleito a 12 de Dezembro, conforme anunciou a comissão de eleições governamental, enquanto os dois maiores partidos do Paquistão disputam a supremacia no governo provincial do Punjab.

O comissário eleitoral, S.A. Nusrat, disse em conferência de Imprensa que as candidaturas para a Presidência serão conhecidas a 6 de Dezembro, quatro dias antes de o novo primeiro-ministro tomar posse.

Ghulam Ishaq Khan, presidente do Senado tornou-se presidente em exercício quando o chefe de Estado Zia-Ul-Haq morreu, a 17 de Agosto, num desastre de avião, que peritos dizem ter sido provavelmente causado por sabotagem.

O novo presidente, com vastos poderes constitucionais, será eleito para um mandato de quatro anos pelos membros do Parlamento e das quatro assembleias provinciais.

"Doping": ministro da Educação promete nova legislação

O ministro da Educação, Roberto Carneiro, afirmou em conferência de Imprensa, que irá propor nova legislação sobre desporto no âmbito da luta «antidoping».

Aquele membro do Governo falava após ter regressado de uma reunião sobre desporto e educação física realizada em Moscovo.

A legislação irá abranger não só os atletas, mas também os técnicos, dirigentes e médicos eventualmente envolvidos no processo de ingestão de substâncias ilegais, para um melhor apuramento das responsabilidades.

O responsável pela pasta da Educação revelou ainda que o controlo «antidoping» não deverá só ser feito nas provas desportivas mas também nos treinos.

Maradona regressará ao Boca Juniors

«Quando o meu contrato com o Nápoles terminar em 1993, tomarei o primeiro avião de regresso à Argentina, para representar o Boca Juniors» — revelou Maradona aos jornalistas que o aguardavam à chegada à capital argentina.

Maradona deslocou-se à Argentina para passar dois dias com a família, após a vitória da sua equipa sobre os actuais campeões italianos, o AC Milão, por um expressivo 4-1.

Condecoração para Platini

Michel Platini, treinador da selecção francesa de futebol, foi condecorado pelo rei Hussein da Jordânia pela sua acção na recuperação de jovens toxicómanos.

Platini afirmou em conferência de Imprensa realizada em Amã que irá participar em dois jogos particulares que visam recolher fundos para o combate à droga.

Recorde-se que Platini dirige uma fundação, com sede em Paris, que se dedica ao apoio a toxicómanos.

Heysel Park vai ser demolido

O Estádio de Heysel Park, onde morreram 39 pessoas na final da Taça dos Campeões Europeus de futebol de 1985, vai ser demolido e substituído por um novo recinto, anunciou um porta-voz da Federação belga de futebol.

A Federação belga quer «apagar o nome de Heysel Park», por isso está a ser concluído o projecto de construção de um novo estádio que receberá o nome do rei da Bélgica: «Rei Balduíno» — informou Leon Vlogaert, porta-voz da Federação Belga de Futebol.

Heysel Park será demolido até ao fim do ano, mas o novo estádio só vai começar a ser construído no fim de 1989 e «não deverá ficar concluído antes de 1991», disse Vlogaert.

Assim, durante esse período, os jogos internacionais serão disputados em estádios de clubes belgas, acrescentou.

Havelange acredita no êxito do futebol nos EUA

O presidente da Federação Internacional de Futebol, João Havelange, disse que os Estados Unidos, país organizador do mundial de 1994, está em vias de se tornar numa grande potência futebolística.

«No século XXI os Estados Unidos serão sem dúvida uma grande potência do futebol», defendeu Havelange em entrevista a um jornal argentino.

Os Estados Unidos será o país anfitrião do campeonato mundial de 1994, depois de ter sido escolhido em detrimento do Brasil e Marrocos, outros candidatos à organização da prova.

Havelange revelou ainda que a União Soviética poderá apresentar de futuro uma candidatura para acolher o mundial.

O presidente da FIFA adiantou ainda acreditar que o campeonato mundial de 1998 se deverá realizar na Ásia, tendo a China e o Japão apresentado já o seu pedido de candidatura.

Xadrez: castigos adiados

O Congresso anual da Federação Internacional de Xadrez (FIDE) decidiu adiar até Agosto de 1989 a decisão de banir ou não de todas as competições o argentino e grande mestre internacional, Miguel Quinteros, acusado de ter participado num torneio na África do Sul, violando as disposições da FIDE que não permitem contactos com aquele país da África Austral.

Quinteros foi já suspenso das competições por três anos depois de ter participado num jogo de exibição em Setembro, na cidade de Joanesburgo. No entanto, o xadrezista argentino conta com o apoio de Ian Josephs, representante do Mónaco, que sustenta ser demasiado severo o castigo aplicado.

O austríaco Karl Robatsch enfrenta também a possibilidade de vir a ser punido pela FIDE por um ano, depois de ter participado pela primeira vez numa competição sul-africana.

Ontem na Casa da Imprensa

DESPORTO DEBATIDO PELA "HORIZONTE"

As carências das estruturas desportivas em Portugal e os seus reflexos nas participações olímpicas foram objecto de um debate efectuado ontem na Casa da Imprensa, pela revista de educação física e desportos, «Horizonte».

O encontro teve o patrocínio do Comité Olímpico Português (COP) e subordinou-se ao tema **«A missão olímpica»**, visando realizar um balanço da presença portuguesa em Seul-88, que auxilie a optimização possível para Barcelona-92.

Interrogados por jornalistas desportivos especialmente convidados para o efeito, Celorico Moreira e Vasco Lince, respectivamente chefe e chefe adjunto da delegação que se deslocou a Seul, prestaram esclarecimentos sobre alguns aspectos menos conhecidos ou mais controversos da representação portuguesa.

Assim, foi referida a existência de um documento quase inédito a nível mundial, o regulamento da missão portuguesa aos Jogos Olímpicos de Seul-88, a cujo articulado todos os integrantes, atletas e não só, se submetiam voluntariamente, através de uma prévia declaração por escrito (o «DL» transcreveu, em devido tempo, esse documento).

Rosa Mota, por exemplo, assinou, como todos os demais, um documento no qual se comprometia a aceitar o regulamento, que a obrigava a ficar instalada na aldeia olímpica, o que a atleta cumpriu integralmente, apesar das interrogações que na altura o assunto levantou na Imprensa.

«Rosa Mota teve em Seul o mesmo estatuto do que qualquer outro atleta», sublinhou Celorico Moreira, que uma vez mais referiu que o COP, na salvaguarda da sua independência, se nega a opiniar sobre o diferendo entre Rosa Mota (campeã olímpica e mundial da maratona) e a Federação Portuguesa de Atletismo.

O chefe da delegação aludiu, também, ao caso do atleta da modalidade de luta, mandado regressar a Portugal por razões de ordem disciplinar e a uma repreensão aplicada a Roberto Durão, devido ao facto de este não efectuar treinos de espada, disciplina de esgrima para a qual fora seleccionado.

Ambos os casos entroncavam no regulamento da missão e foram resolvidos em conformidade com o mesmo.

•

Relativamente a Barcelona-92, foi revelada a pouca ou mesmo nula receptividade que, por parte do Comité Olímpico Espanhol (COE), têm recebido as propostas de colaboração do Comité Olímpico Português, as quais, de resto, são mesmo anteriores à aceitação da capital catalã com sede das próximas olimpíadas de Verão.

Não se conseguiu, até ao momento, concretizar sequer um protocolo de cooperação entre os dois comités olímpicos ibéricos.

E a esperança de que tal suceda, a curto ou a médio prazo, talvez seja agora ainda mais remota, uma vez que o Estado espanhol, tendo em vista Barcelona-92, pôs à disposição do COE recursos praticamente inesgotáveis, que lhe garantem ampla auto-suficiência.

Quanto a Portugal, como diria um dos participantes no debate, Luís Caldas, ele próprio membro do COP e uma das mais prestigiadas figuras do olimpismo lusitano, **«um país onde não há uma piscina coberta de 50 metros, que tem apenas três pistas de tartan e nem uma única de ciclismo, pouco terá para oferecer aos organizadores de Barcelona-92 em termos de colaboração»**.

E no que respeita aos problemas que o COP defronta, também Celorico Moreira se mostrou algo pessimista: **«se o comité mantiver o mesmo tipo de estruturas, dificilmente poderá assumir um papel dinamizador no processo de transformação do desporto nacional»**.

Muito críticos, de resto, foram outros intervenientes no debate, como foi o caso do professor Fernando Ferreira: **«a educação física em Portugal é uma ilusão, para não dizer que é uma mentira»**.

Vasco Lince, por seu lado, referiu-se ao impacto que o problema do «doping» teve nos jogos de Seul-88, afirmando-se claramente a favor da irradiação «pura e simples» dos atletas com controlo positivo.

Lince defendeu a efectivação de controlo em todas as fases do apuramento para as finais olímpicas, e da não entrega de medalhas enquanto não forem conhecidos os resultados das análises efectuadas. Expressou, também, a sua esperança nos resultados do controlo efectuado, sem aviso prévio, durante os treinos. **«Sei o que são os Jogos Olímpicos, mas não sei o que é o olimpismo, tal o desvirtuamento a que o ideal olímpico foi submetido»**, disse Vasco Lince na sua intervenção, marcada por alguma amargura.

Clube-empresa que significado?

A classificação de clubes que o projecto de lei de bases do sistema desportivo pretende consagrar (clubes tradicionais, clubes com praticantes profissionais, clubes-empresa), não deixa de trazer à polémica alguns dados novos sobre esta importante faceta do domínio desportivo.

A evolução do movimento associativo também em Portugal parece um facto seguro. O Estado não pode negar esta evolução, que haverá que transformar numa regulamentação condigna e que defenda o desenvolvimento associativo nos seus mais legítimos interesses.

Porém, nem tudo é claro neste processo, havendo o perigo das classificações não corresponderem à realidade, projectarem o fenómeno para além do exequível e do que se pode considerar como o mais certo na matéria em causa.

Os chamados clubes tradicionais lutam hoje com dificuldades de monta, ameaçados na sua animação desportiva que sempre se fez na plena harmonia da recreação e da competição. Os clubes com praticantes profissionais parecem-nos uma construção errada e que não tem em conta essa realidade outra, natural, que nos diz que os clubes, com algum suporte para isso, devem antes de mais ser clubes com técnicos profissionais, que forjarão, através de uma formação interna, os praticantes profissionais, proporcionando uma extensão desportiva que o recrutamento de atletas profissionais tem tendência quase sempre para fazer diminuir.

Quanto aos clubes-empresa, pensamos, ao invés, do que é moeda corrente, do que se entende vulgarmente por isso, que estes não se devem constituir apenas para realizar um maior volume de compras e vendas de recursos atinentes, de que o investimento está outro tanto, tendo em conta o significado hoje do movimento empresarial europeu, na sua mais legítima expressão, numa formação técnica no interior do clube-empresa com cotas de aproveitamento de quadros, de especialistas, de profissionais competentes, de nível superior, bem elevado. O clube-empresa tem hoje um significado preciso no domínio desportivo, como o atesta aqui bem perto a vizinha Espanha, ao introduzir no movimento seu associativo a figura da sociedade anónima desportiva, limitando a subscrição nominal individual de capital ao máximo de quinze por cento, ao cercear as dívidas flutuantes de mandato para mandato de gerência, ao apostar na renovação permanente dos seus gestores como factor de eficácia e de desenvolvimento.

É preciso acompanhar o progresso. Em muitas situações o velho clube de sócios parece sociologicamente ultrapassado. Mas em qualquer dos casos, urge não perder de vista os fins últimos do movimento associativo. Não ceder neste particular. Ter sempre em mente que o desporto só consente numa lógica de evolução, onde a animação desportiva, como o afirma o prof. Teotónio Lima, continua a ter uma função fundamental como etapa vital para o desenvolvimento desportivo do País.

Viegas Gomes

Hóquei em patins

"Europeu" de juvenis começa hoje

Portugal inicia a defesa do seu título europeu de hóquei em patins em juvenis frente à Suíça num dos encontros da primeira jornada do campeonato que vai decorrer até 3 de Dezembro em Villeneuve, perto de Montreux, Suíça.

Inglaterra e França disputam o jogo inaugural, seguindo-se depois o Itália-RFA, Suíça-Portugal e Espanha-Holanda.

O campeonato europeu, que Portugal conquistou nos últimos três anos — em 1985 em Palma de Maiorca, em 1986 em Oliveira de Azeméis e 1987 em Vercelli — conta com a participação de oito selecções.

Na jornada, de amanhã Portugal jogará com a RFA e no dia seguinte, a turma portuguesa defrontará a Itália.

O jogo Portugal-Espanha, tradicionalmente o mais importante das provas internacionais de hóquei em patins, é o último da derradeira jornada do Europeu de Juvenis, que termina a 3 de Dezembro.

Boavista em pé de guerra

"ÁRBITROS IMPEDIRAM NOSSA PRESENÇA NA UEFA"

●*Valentim Loureiro é o acusador*

A arbitragem de Jorge Coroado no encontro de domingo, em Portimão, esteve na base da conferência de Imprensa que decorreu ontem, no Porto, convocada pelo major Valentim Loureiro e, durante a qual aquele dirigente teceu as mais duras críticas ao sector da arbitragem, nomeadamente ao seu presidente José Pinto de Sousa. Quanto a Jorge Coroado, Valentim Loureiro não foi pródigo quanto a acusações rotuladas de alguma gravidade.

As contundentes palavras ontem proferidas pelo líder boavisteiro já tinham antecedentes, como se verifica através do texto dos telex remetidos ao Conselho Nacional de Arbitragem em 16 e 23 de Setembro cujo teor aqui registamos:

Telex de 16/9

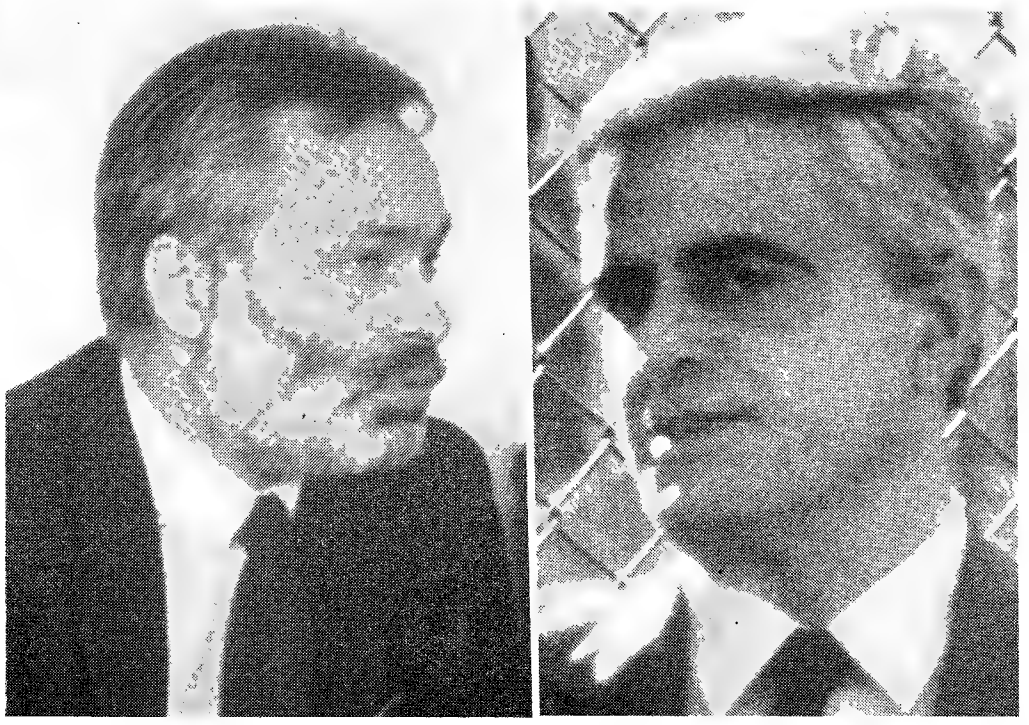
«Ao tomarmos conhecimento da nomeção da equipa de arbitragem chefiada pelo árbitro sr. Jorge Coroado, para o jogo Chaves - Boavista, cumpre-nos transmitir-lhe as nossas reservas a tal nomeação, não porque esta equipa não esteja à altura de dirigir este jogo — bem pelo contrário —, mas porque, face aos problemas havidos em Chaves, na época passada, no jogo que o Boavista ali foi disputar, não seria ainda oportuno voltar a dirigir tal jogo.

Como se recordará, no jogo da época passada houve ali grandes e graves problemas por causa da marcação de um fora-de-jogo, o que provocou tumultos vários e só possibilitou a saída do campo, tanto da equipa de arbitragem como de elementos da direcção do Boavista, no carro da PSP, é lógico e evidente que não nos pareça oportuna tal nomeação.

A manter-se, esperamos que a equipa de arbitragem do sr. Jorge Coroado esteja à altura de resistir a prováveis pressões por parte do GD Chaves.»

Telex de 23/9

«1 – Relativamente ao assunto referido (o tal jogo de Chaves), a Direcção do Boavista lamenta, decorrida uma semana, não ter recebido qualquer esclarecimento; 2 – temos a certeza de que se se tratasse de outro qualquer clube já teria havido uma resposta; 3 – não queremos acreditar que tenha dado uma entrevista à «Gazeta» para nos responder; 4 – acerca do que diz, aceitamos que se tenha esquecido dos graves acontecimentos verificados em Chaves, no jogo da época passada, são lapsos, embora lapsos graves; 5 – o que não aceitamos é que se diga que mudar o árbitro era criar um precedente; 6 – precedente, só se fosse no que respeita à presente época, pois nas outras, como é do domínio público, houve sempre substituições à última hora, como muito bem se sabe, ou não houve?; 7 – se reconheceu que, dados os antecedentes, o árbitro não era o indicado, deveria tê-lo substituído; 8 – manter a nomeação, não remediando o que estava mal, foi teimosia, prepotência mesmo; 9 – como se disse no «telex», ninguém pôs em causa a competência da equipa de arbitragem, o que se disse é que os antecedentes, recentes e frescos, não a aconselhavam; 10 – e a verdade é que o trabalho da equipa de arbitragem naquele jogo foi manifestamente prejudicial ao Boavista. Amarelos foram exibidos, mal começou o jogo, punindo injustamente a nossa equipa. E não se usando idêntico critério para com o adversário; 11 – o árbitro teve de defender-se, compreende-se; 12 – mas o seu nervosismo foi evidente, até pela linguagem malcriada e de intimidação que se permitiu ter para com os nossos jogadores. Adiante; 13 – o Boavista quer reafirmar-lhe desejar que o «boavisteiro» presidente da arbitragem brilhe. Mas não aceita ser prejudicado para fazer sobressair a imagem de isenção e seriedade que muito preocupa o presidente da arbitragem; 14 – para que não se esqueça, queremos chamar a sua atenção para o facto de considerarmos a eventual nomeação de Alder Dante para os nossos jogos uma provocação, pelos motivos que bem conhece.»



Valentim Loureiro e Pinto de Sousa: dois boavisteiros em confronto

Relações cortadas

Quanto ao que Valentim Loureiro pensa do presidente do Conselho Nacional de Arbitragem, recorremos às suas afirmações ontem proferidas de que destacamos esta «amostra»:

«Eu não tenho que confiar nem deixar de confiar. Ele está na função dele e eu na minha. Eu sou presidente do clube e ele é presidente da arbitragem. Eu quero dizer o seguinte: não há um bom relacionamento entre a pessoa Valentim Loureiro e a pessoa José António Pinto de Sousa, pelo que há relações cortadas no ponto de vista pessoal. Isso aconteceu no fim da época passada, exactamente por causa das questões da arbitragem. O Boavista considerou que não foi à Europa devido às arbitragens e eu pessoalmente responsabilizei o respectivo presidente por isso. A partir daí, nunca mais lhe falei. É evidente que conhecendo eu bem, como conheço, a pessoa do presidente da arbitragem e, enfim, ao contrário de quanto todos possam pensar, sei perfeitamente que o rigor ou a falta dele com que ele possa fazer determinadas nomeações é um facto. Portanto, eu estou atento. O sr. Pinto de Sousa anda no futebol há menos anos do que eu, e de arbitragem sei tanto como ele. Isto é que tem que ser claro, eu de arbitragem sei tanto como o presidente da arbitragem. Não sei se ele tirou algum curso aí em algum lado, mas penso que de arbitragem saberá tanto como eu. De lidar com pessoas saberá tanto como eu. Não é mais sério do que eu. Portanto, agora, há aqui uns certos desenvolvimentos, uns certos contornos, ou uns certos interesses, em que as pessoas estão na vida e não são exclusivamente dirigentes. Eu não sou exclusivamente presidente do Boavista, nem o sr. Pinto de Sousa é exclusivamente presidente da arbitragem. Eu tenho a minha vida de negócios, o Pinto de Sousa tem a sua vida de negócios. E tudo isso tem ramificações. E, por vezes, pode haver influências. E eu estou certo. É só isto que eu tenho vindo a dizer. Mais nada...»

Valentim Loureiro, **dixit.** Agora resta aguardar pela «defesa» que Pinto de Sousa irá apresentar. Aguarde-se.

Futebol

Raul Águas: estágio nas Antas na escalada para o Bessa

Raul Águas afirmou que a partir da próxima semana vai passar a assistir aos treinos do FC Porto, ministrados por Artur Jorge.

«Vou procurar assistir aos treinos do FC Porto porque o futebol faz-me falta e é mais uma experiência proveitosa para a minha carreira» — adiantou Raul Águas que recentemente rescindiu contrato com o Desportivo de Chaves.

O ex-técnico flaviense, que chegou a ser uma das principais hipóteses para suceder Tomislav Ivic e mais recentemente Quinito, no comando técnico da equipa portista, só na próxima semana inicia esta fase de observação nas Antas.

«O FC Porto vai defrontar o meu ex-clube e só depois desse encontro é que passarei a acompanhar o trabalho dos portistas, para que esta minha opção não esteja sujeita a segundas interpretações» — explicou.

Entretanto, e na sequência da notícia que ontem demos nestas colunas, o major Valentim Loureiro confirmou já haver contratado Raul Águas para a partir da próxima temporada ocupar o cargo de treinador principal do Boavista.

É estranho que Raul Águas tenha ontem desmentido, na RTP, a sua vinculação ao Boavista quando noutro local e no mesmo momento Valentim Loureiro afirmava o inverso. Que pretenderia Raul Águas com tal atitude? Enganar quem e porquê?

Poderemos acrescentar que Raul Águas há algum tempo que vem assistindo a encontros disputados pelo clube do Bessa e está incumbido de observar os jogadores que se encontram emprestado pelo Boavista a outros clubes.

Viseu: Mosquitos por cordas

As relações entre Carlos Alhinho e os dirigentes do Académico de Viseu, encontram-se cada vez mais tensas e tudo aponta para que o divórcio ocorra nas próximas horas e, ao que consta naquela cidade beirã, Fernando Cabrita e Henrique Calisto reúnem francas possibilidades de suceder a Alhinho.

Elvas despede José Mourinho...

A direcção do Elvas rescindiu o contrato com o treinador da sua equipa de futebol, José Mourinho.

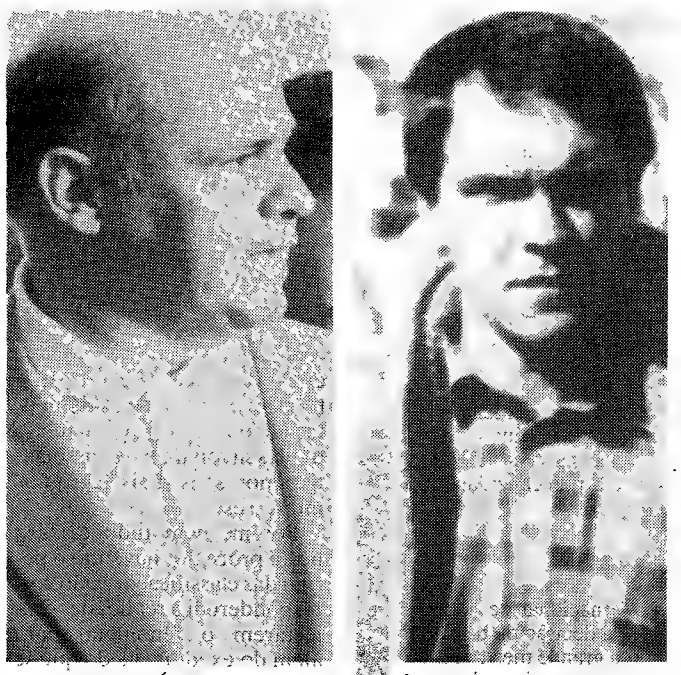
Massano Simões (presidente do clube) referiu que a rescisão amigável ficou a dever-se ao facto de **«a equipa não estar a render o que pode, principalmente em jogos fora de casa, onde já perdeu 8 pontos em 6 encontros».**

Aquele dirigente adiantou que algumas derrotas sofridas pela equipa aconteceram nos últimos minutos de jogo, a última das quais no sábado passado, frente ao Olivais e Moscavide, em que o Elvas perdeu por 2-1.

Entretanto o treinador-adjunto, Jorge de Almeida, assumiu o comando provisório da equipa até que a direcção do clube contrate um novo técnico, o que se presume venha a acontecer ainda esta semana.

... e Montijo contrata Celestino

Entretanto, o Montijo resolveu já a sucessão de Alcides Nascimento, ao contratar Celestino, antigo jogador daquele clube, do Sporting e da Académica.



Pepe e Raúl Águas: o presente e o futuro

Francisco Mário no Lusitânia dos Açores

O Lusitânia dos Açores contratou Francisco Mário (que oportunamente foi despedido do Seixal) para o cargo de treinador da sua equipa principal.

Fernando Mendes: cinco semanas de pausa

O futebolista leonino Fernando Mendes sofreu uma fissura no peróneo, devendo estar inactivo por um período de cinco semanas.

A revelação feita pelo dr. Rodrigues Gomes foi feita logo após o jogador ter sido submetido a um exame de raio X.

Juniores convocados

Com vista ao encontro particular, a realizar com a França no próximo dia 7 de Dezembro, no Estádio Nacional, Carlos Queirós, convocou os seguintes 18 juniores: João Pinto I (Boavista); Alexandre e Jordão (Estrela da Amadora); José Castro, Jorge Castro e Luís Miguel (FC Porto); Jojó (Grupo dos Pescadores da Costa da Caparica); Brassard, Miguel Geraldes e Rui Bento (Benfica); Elias (Sporting de Braga); Peixe, Rogério, Paulo Torres, Paulo Pilar, João Pinto II e Paulo Jorge (Sporting); e Beto (Vitória de Setúbal).

Vata: rematador mais certeiro por estas bandas

Goleadores estão adormecidos

Menos de dois golos por jogo foi a média alcançada pelas vinte equipas do actual Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão, nos 140 encontros da prova já realizados. Este «score» constitui uma das mais baixas médias de concretização das equipas na história do futebol português.

A penúltima jornada do nacional de futebol, em que foram marcados apenas11 golos, ilustra a crise que afecta os avançados portugueses, designadamente os das principais equipas. Goleadores como Paulinho Cascavel, Rui Águas, Mladenov, Valdo, Silas e Madjer (entre outros) apresentam uma percentagem de tentos pouco consentânea com as suas credenciais.

Portugal ocupa um dos mais modestos lugares no «ranking» de marcadores do futebol europeu, apresentando uma média de produtividade em golos muito inferior às de Inglaterra, RFA, Itália, Bulgária e Espanha.

O mote para um campeonato pouco realizador foi dado logo na jornada inaugural em que foram marcados apenas 12 tentos.

A excepção verificou-se nas 3.ª, 4.ª, 7.ª e 11.ª jornadas, com obtenção de 26 golos, o máximo até agora conseguido, em 14 rondas disputadas.

A crise dos goleadores portugueses foi notória na 10.ª jornada com 14 golos, 12.ª com 13 e 13.ª com 11.

Estratégias marcadamente defensivas (evidenciadas pelas equipas que lutam normalmente pela fuga à despromoção) e a irregularidade atacante demonstrada pelas formações mais cotadas e teoricamente favoritas (Benfica, Porto e Sporting) são algumas das razões para o baixo índice de concretização. Em consequência, equipas como o Beira Mar, Nacional da Madeira, Penafiel e Vitória de Setúbal, no final deste primeiro terço de campeonato, em lugares de «honra» na tabela classificativa, em detrimento de outras com pretensões à Europa (Boavista, Belenenses e Vitória de Guimarães).

O benfiquista Vata situa-se como o rematador mais certeiro com oito chutos feitos com acerto, seguindo-se Jordão (V. Setúbal) e Jorge Silva (Marítimo), ambos com 7, Jorge Andrade (Boavista), Amâncio (Penafiel) e Aparício (V. Setúbal) com meia dúzia. Por curiosidade refira-se que entre os 13 «artilheiros» melhor colocados na lista de marcadores, não figura nenhum (exceptuando Vata) elemento dos quadros da Luz, Antas ou Alvalade.

Os ataques mais realizadores são os do Vitória de Setúbal e Nacional com 23 golos, enquanto o Fafe apenas acertou em 5 pontapés. Facto que muito preocupará Artur Jorge: os seus comandados somente obtiveram 12 golos nos 14 jogos efectuados.

Lá por fora

Holanda:
PSV perde com o Fortuna

O PSV Eindhoven, campeão europeu de futebol, foi perder por um golo (0-1) ao Estádio do Fortuna Sittard, mas continua a liderar o campeonato holandês da primeira divisão.

Disputada a 15.ª jornada, o PSV soma 23 pontos, mais quatro do que o Fortuna, 2.º da geral com menos um jogo.

Resultados: RKC Waalwijk-Haarlem, 3-1; Roda JC Kerkrade-FC Groningen, 1-1; FC Twente Enschede-FC Utrecht, 0-0; Sparta Roterdão-MVV Maastricht, 1-1; Ajax Amesterdão-Volendam, 2-0; Fortuna Sittard-PSV Eindhoven, 1-0; Veendam-VVV Venlo, 0-0; Willem II Tilburg-BVV Den Bosch, 1-3, e Pec Zwolle-Feyenoord Roterdão, 2-4.

Inglaterra:
Norwich no comando

Embora consentido (em casa) o empate a dois golos com o Luton, a equipa do Norwich continua a liderar o campeonato inglês (após a 14.ª jornada) com mais 3 pontos do que o Arsenal, ainda que os arsenalistas tenham menos um jogo. Eis os resultados: Charlton - Nottingham Forester, 0-1; Conventry - Aston Villa, 2-1; Derby-County - Arsenal, 2-1; Liverpool - Wimbledon, 1-1; Middlesbrough - Sheffield Wednesday, 0-1; Norwich - Luton, 2-2; Southampton - Millwall, 2-2; Tottenham - Queen's Park Rangers, 2-2; West Ham - Everton, 0-1.

Olimpíada e "doping"

DE SEUL A BARCELONA: O FUTURO COMEÇA HOJE

Seul foi ontem. Amanhã será Barcelona. O futuro começa hoje. Atletas e treinadores preparam já perspectivas para 1992 a partir do que em 1988 se alcançou. Resultados há que irão ser batidos, inexoravelmente. Outros, porém, só gerações vindouras os poderão ultrapassar. É a velha interrogação empolgante: quais os limites da capacidade humana?

O desporto é indissociável de diversos processos globais característicos do nosso tempo: urbanização, expansão da indústria química, poluição do meio ambiente... Na vida política e social do Homem contemporâneo, o fenómeno desportivo reveste-se de factores inegavelmente positivos. Contudo, o grande progresso da ciência, em especial da biologia, da química e da medicina, gerou um problema extremamente negativo: o «doping».

Os Jogos Olímpicos de Seul provaram, uma vez mais, que determinadas competições desportivas são consideradas, sobretudo, autênticos campos de batalha de farmacêuticos e médicos anónimos, podendo o desporto de alta competição ser, em muitos casos, comparado a um concurso de mestres de seringa e droga.

«Um atleta que se 'dopa' engana a triplicar: primeiro, o adversário; segundo, ele próprio; terceiro, os espectadores», declarou o director do Instituto de Bioquímica da Universidade de Colónia, professor Manfred Donike, durante uma sessão da Comissão Médica do Comité Olímpico Internacional realizada em Seul no âmbito da Olimpíada.

Uso de «doping»: perigo de morte!

Só depois da Segunda Guerra Mundial a opinião pública internacional se mostrou seriamente alarmada por causa do «doping». O problema veio-se agravando à medida que os atletas arriscavam, cada vez mais, a sua própria vida, chegando mesmo, de quando em quando, a morrer devido aos efeitos dos estimulantes consumidos.

Todos os desportistas conhecem as consequências ruinosas do «doping». E, no entanto, há quem continue a «dopar-se». Porquê?

Os especialistas chegaram à conclusão de que se trata de uma questão social. Questão social que, entre outros factores, é gerada pela comercialização exacerbada do desporto.

As fortíssimas pressões, oriundas dos mais diversos sectores da sociedade, no sentido da realização de uma vitória, da conquista de um título, da superação de um recorde, não constituirão um poderoso «convite» ao consumo do «doping»?

Ainda recentemente um grupo de atletas norte-americanos foi convidado a responder a um questionário anónimo que incluía a pergunta seguinte: «Se, para alcançares um máximo no desporto, tiveres de utilizar drogas, que sabes possuírem efeitos excepcionalmente perigosos para a tua saúde, este conhecimento conseguirá demover-te de o fazeres?» A análise das respostas é, pura e simplesmente, inquietante: 70 por cento dos entrevistados confessaram ser consumidores de estimulantes.

O controlo «antidoping» em Jogos Olímpicos é, como se sabe, muito rigoroso. De tal modo que muitos são os atletas seriamente apreensivos com um aumento considerável de probabilidades de serem tidos como culpados sem terem culpa alguma. Porque no rol dos produtos proibidos figuram dezenas de medicamentos que, no caso de uma constipação ou de outras indisposições ligeiras, eram tomadas sem cuidados de maior...

De qualquer modo, os especialistas apertam o cerco. A Comissão Médica do COI, reunida em Seul, concluiu pela necessidade de alargar o controlo «antidoping» aos treinos desportivos. É sublinhou que tal só pode surtir o efeito desejado se esse controlo for organizado por uma comissão especializada que, a nível internacional, assegure condições iguais para todos.

Aguarda-se, portanto, que a medida seja posta em prática. O mais rapidamente possível. Para que em Barcelona não haja as vergonhas que em Seul houve. O futuro começa hoje...

Ténis

Mats Wilander continua no topo

Mats Wilander mantém o 1.º lugar na lista da Associação de Ténis Profissional (ATP), de acordo com a lista ontem divulgada em Arlington, Texas.

A 2.ª posição continua a pertencer ao checoslovaco Ivan Lendl, sendo o norte-americano Andre Agassi o 3.º e Boris Becker da Alemanha Federal o 4.º classificado.

Os primeiro dez classificados são os seguintes: 1.º Mats Wilander (Suécia), 2.º Ivan Lendl (Checoslováquia), 3.º Andre Agassi (EUA), 4.º Boris Becker (RFA), 5.º Stefan Edberg (Suécia), 6.º Kent Carlsson (Suécia), 7.º Jimmy Connors (EUA), 8.º Jakob Hlasek (Suíça), 9.º Henri Leconte (França) e 10.º Tim Mayotte (EUA).

Chris Evert vence Navratilova

A norte-americana Chris Evert venceu, domingo, a sua compatriota Martina Navratilova, pelos parciais de 7-6, 7-5, em partida da série de exibição do torneio Michelin.

«Não jogava no Forum há seis anos e gostei de regressar. É bom poder jogar sem pressão porque fico mais à vontade e tudo resulta melhor», comentou Chris Evert.

Martina Navratilova afirmou ter sido prejudicada pelas luzes do recinto coberto: «tinha de me esforçar para fixar Evert. As luzes não a incomodavam, mas eu tenho estigmatismo o que dificulta muito as coisas quando jogo em recintos cobertos, como o Fórum», disse.

No entanto, Navratilova reconheceu o mérito da sua adversária: «o jogo foi bem disputado mas Chris Evert soube aproveitar da melhor maneira as minhas falhas».

Torneio dos (8) Mestres

Os oito melhores jogadores de ténis do mundo participam a partir do dia 30 no torneio dos mestres, a realizar no Madison Square Garden, em Nova Iorque.

Os oito jogadores já estão distribuídos por dois grupos, sendo a Suécia e os Estados Unidos os países com o maior número de presenças, dois jogadores.

A constituição dos grupos é a seguinte:

GRUPO ROD LAVER: Mats Wilander (Suécia), Boris Becker (RFA), Stefan Edberg (Suécia) e Henri Leconte (França).

GRUPO FRED PERRY: Ivan Lendl (Checoslováquia), André Agassi (EUA), Jakob Hlasek (Suíça) e Tim Mayotte (EUA).

Leixões: protesto em dia de festa

«O Leixões e a cidade de Matosinhos, com os seus mais altos representantes na primeira linha, irão até onde for preciso para ganharem o bingo» — foi afirmado ontem, ao fim da tarde, no decorrer da anunciada manifestação de protesto, defronte dos Paços do Concelho de Matosinhos, precisamente no dia em que o mais popular e representativo clube do concelho completou a bonita idade de 81 anos.

Uma efeméride marcada pela revolta de ilustres matosinhenses, com o presidente da Câmara, Narciso Miranda à frente, empunhando o «cartaz» do descontentamento geral: **«Irei reclamar para as principais figuras do Governo e da Presidência da República e, se isto não resultar, então irei até junto da Alta Autoridade Contra a Corrupção.»**

Narciso Miranda falou, num tom empolgante, à multidão concentrada desde bem cedo junto da «sua» Câmara. **«O bingo terá de ser para o Leixões, porque de contrário não será para mais ninguém em Matosinhos»,** disse ainda aquele autarca, justificando tal concessão com as obras já realizadas em prol dos clubes do concelho e, particularmente, do Leixões. Narciso Miranda insurgiu-se, ainda, contra as explicações dadas oficialmente para a atribuição do bingo à Sopete — a falta de um espaço por parte do Leixões — que apresentou o velho cinema Constantino Neri, como sala destinada a tal finalidade. Segundo o presidente da Câmara matosinhense, tal espaço foi igualmente sugerido pelo Leixões, razão pela qual não via motivo para a rejeição da proposta leixonense.

No encontro que teve lugar entre Narciso Miranda e a direcção do Leixões ficou, ainda, bem claro que o Leixões irá recorrer para os tribunais competentes e, ao mesmo tempo, processar a Secretaria de Estado do Turismo pelo não cumprimento do que está regulamentado.

Entretanto, narciso Miranda anunciou, também, que irá «pedir explicações sobre a 'máquina' do Estado que depende directa ou indirectaamente da Sopete, bem como ao conselho consultivo e ao inspector de jogos, de alguma forma ligados também à Sopete». Dada a gravidade de tais afirmações é de presumir que o «bingo» ainda vai dar para se saberem coisas que, de outro modo, dificilmente viriam à luz do dia. Aguardemos os próximos capítulos...

MN

DL HÁ 20 ANOS

Estudantes ocupam a Universidade de Birmingham

A ocupação pelos estudantes da Universidade de Birmingham, decidida quarta-feira à noite, foi seguida durante o dia de ontem por incidentes mais violentos.

«A Universidade -declarou um dos represententes dos estudantes - é dirigida por um composto de lordes, homens de negócios senis, que perderam todo o contacto com a vida e as suas realidades.»

Por sua vez, em Madrid, os estudantes que ocupavam desde o meio dia de ontem a Faculdade de Ciências Políticas e Económicas da Universidade de Madrid, evacuaram o local ao fim da tarde. Decidiram celebrar assembleias livres em todas as Faculdades, logo às primeiras horas de hoje. Estava prevista uma grande reunião ao meio dia, para proceder à expulsão da Polícia da Universidade e discutir a luta contra a repressão.

Em Bruxelas, um ovo veio rebentar na primeira pedra com que as autoridades municipais da cidade inauguravam a construção do novo palácio dos correios. Era o protesto dos estudantes de Arquitectura contra a construção em plena cidade de edifícios enormes sem plano de urbanismo.

Assinados contratos para inovação de um terço da CP

Cinco membros do Governo asistiram esta manhã à cerimónia da assinatura de um contrato que permitirá renovar grande parte das vias férreas portuguesas (um terço), dando-se, assim, cumprimento à decisão recente do Conselho de Ministros.

Saúde visual

A Liga de Sanidade Pública, prosseguindo na sua campanha de profilaxia social, promove, com a colaboração do Grémio Nacional de Óptica, duas jornadas sobre Saúde Visual.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	–	–	0,0	—
V. Castelo	10	10	0,0	Chuva
Vila Real	5	5	0,0	Chuvisco
Porto	9	9	0,0	Chuva
Coimbra	10	10	0,0	Encob.
C. Carvoeiro ..	10	10	0,0	Encob.
C. Branco	7	6	0,0	Chuvisco
Portalegre	7	7	0,0	Chuva
Lisboa	10	10	0,0	Neblina
Évora	9	9	0,0	Encob.
Beja	10	9	0,0	Encob.
Faro	12	12	0,0	P. nub.
Sagres	15	14	0,0	Chuvisco
P. Delgada	17	17	0,0	P. nub.
Horta	18	15	0,0	M. nub.
Funchal	15	15	0,0	Limpo

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 14, Porto 13, Faro 17, Ponta Delgada 20, Funchal 21.

Temperatura do ar em °C ● Precipitação em mm

NA EUROPA

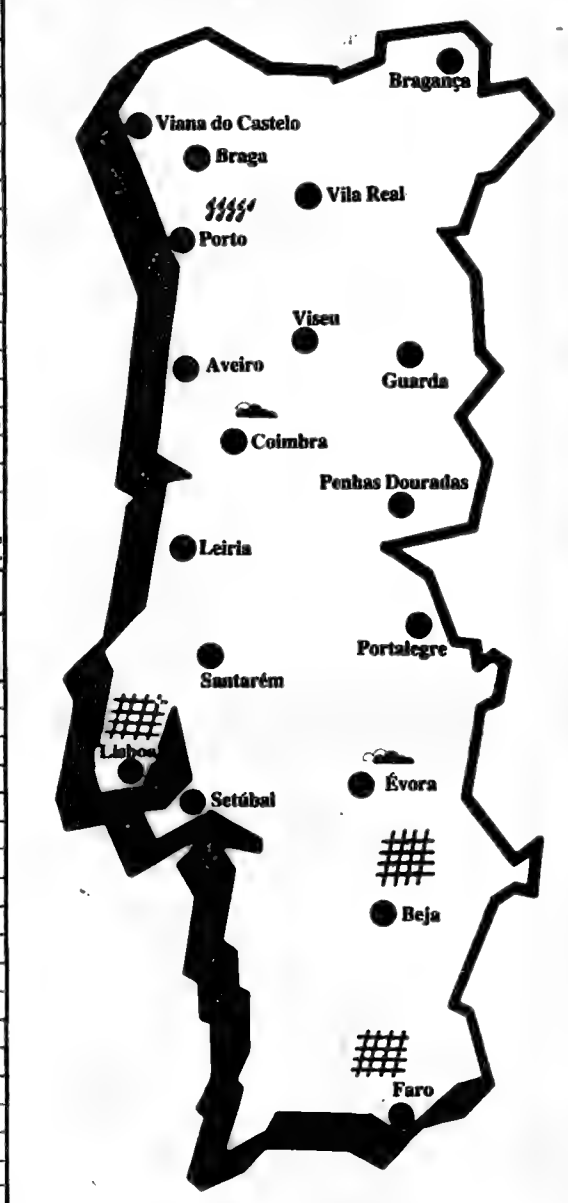
	T. 6 h	Mín.	Às 18 h.
Madrid	5	5	Chuvisco
Londres	0	–1	Neblina
Paris	1	1	Neblina
Bruxelas	5	5	Neblina
Amesterdão. ...	7	6	Muito nub.
Genebra	0	–3	Neblina
Roma	2	1	Limpo
Oslo	1	–1	Muito nub.
Copenhaga	7	6	Muito nub.
Estocolmo	–3	–3	Limpo
Berlim	7	7	Chuvisco
Viena	3	2	Chuva
Varsóvia	5	4	Chuva
Atenas	13	11	Muito nub.
Moscovo	0	0	Neve

Temperatura do ar em °C ● Precipitação em mm

NO MUNDO

	Mín.	Máx.	As 13 h.
Caracas	18	25	Nublado
Joanesburgo ...	15	28	Limpo
Los Angeles	11	18	Nublado
Montreal	–7	00	Nublado
Nova Deli	12	27	Limpo
Nova Iorque ...	2	14	Limpo
R. de Janeiro ..	19	35	Chuva
S. Francisco ...	11	16	Chuva
São Paulo	–	–	—
Tóquio	8	14	Nublado

Temperatura do ar em °C ● Precipitação em mm.



TEMPO

HOJE

No Continente:

Regiões do Norte e Centro: Céu muito nublado diminuindo de nebulosidade a partir da tarde. Vento fraco ou moderado de leste períodos de chuva durante a manhã. Mar de pequena vaga a cavado e ondulação oeste com cerca de três metros.

Regiões do Sul: Céu geralmente pouco nublado, apresentando abertas a partir da tarde. Vento fraco a moderado de leste. Aguaceiros frequentes duarante a manhã. Mar de pequena vaga e ondulação oeste com cerca de três metros na costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação sueste de cerca de tres metros na costa Sul.

Nos Açores:

Grupo Ocidental e Central: Céu geralmente muito nublado. Vento forte de sudoeste. Períodos de chuva.

Estado do mar: Mar grosso a alteroso. Ondulação noroeste de quatro a cinco metros.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de oeste. Aguaceiros.

Estado do mar: Mar cavado. Ondulação noroeste de três a quatro metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste por vezes com rajadas. Aguaceiros.

Estado do do mar: Costa Norte: Mar de pequena vaga ou cavado. Ondulação noroeste de três a quatro metros.

Costa Sul: Mar encrespado ou de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.

AMANHÃ

Céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de leste. Neblina ou nevoeiro matinal e descida da temperatura mínima.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de sueste. Neblina ou nevoeiro matinal.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
04.29	4,1 m	10.11	1,2 m
16.55	3,8 m	22.17	1,3 m

Amanhã

05.12	4,0 m	10.54	1,3 m
17.39	3,6 m	22.57	1,5 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

EFEMÉRIDES

1912 É proclamada a independência da Albânia.

1922 Arqueólogos anunciam a descoberta de tesouros fabulosos no túmulo do Faraó egipcio Tutankhamon.

1926 O general Óscar Carmona toma posse do cargo de presidente da República portuguesa.

1929 Richard E. Byrd, tenente da Marinha norte-americana, anuncia, através da rádio do seu avião, que acabou de efectuar o primeiro voo sobre o Polo Norte.

1945 Josip Tito proclama a Constituição da República socialista da Jugoslávia, depondo o rei Pedro II, a quem são retiradas todas as regalias de monarca.

1947 A ONU anuncia um plano de divisão da Palestina.

1962 A França e a Grã-Bretanha estabelecem um acordo para a construção do avião supersónico «Concorde».

1964 Centenas de milhar de pessoas manifestam-se em Pequim contra o envolvimento dos EUA no Congo.

1973 Mais de cem pessoas morrem no incêndio de um Centro Comercial em Kumamoto, Japão.

1976 O presidente da Venezuela, Carlos Andres Perez, visita Portugal.

1977 A União Soviética rejeita o convite do Egipto para participar em conversações informais da conferência de Genebra sobre o Médio Oriente.

1979 Os EUA apelam para o Tribunal Internacional de Haia para que sejam libertados.

1980 Mais de vinte pessoas morrem em confrontos entre o exército e guerrilheiros de El Salvador.

1981 O presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, convida o primeiro-ministro português, Pinto Balsemão, a visitar oficialmente o seu país.

1985 Entra em vigor um acordo entre Londres e Dublin, que concede à República irlandesa um papel consultivo formal no Governo da provincia britânica da irlanda do Norte.

- Os lideres da oposição negra na África do Sul, Nelson e Winnie Mandela, ganham o prémio do Terceiro Mundo 1985 pela sua campanha anti-Apartheid.

1986 Nasce, num hospital de Napoles, a primeira criança italiana cujo sexo foi pré-determinado pelos médicos durante um teste de fertilização.

1987 50 a 100 pistoleiros matam cercá de 30 pessoas no decurso das eleições na capital do Haiti, Por-au-Prince.

- A Swapo inaugura, em Luanda, a sua agência noticiosa, The Namibian Press Agency (NAMPA).

DESCORTIÇADOR E ARTESANATO DE CORTIÇA

Domenico Conte
Serviço Lusa/«DL»

É o descortiçador, esse «lobo solitário» do montado, ligado aos sobros desde a infância, que arranca a casca da árvore da cortiça e quase lhe sente correr a seiva em cada golpe que desfere com o seu machado.

E esta vivência em comum com o sobreiro, leva-o (está-lhe no subconsciente) a aproveitar as pranchas de cortiça para a feitura de objectos utilitários, nomeadamente os cochos, recipientes para beber água confeccionados a partir da concavidade da casca dos entrenos dos sobros.

Raro é o descortiçador que não faça estes vasos típicos por onde o camponês das zonas dos montados sacia a sede, especialmente quando o calor aperta.

Nasce, assim, o artesanato de cortiça, primeiro associado a objectos utilitários, e, depois, para os que têm dentro de si o fogo natural da arte, a feitura de peças, que pela sua beleza estética, chegam a irradiar vida das células mortas da casca do sobro.

Neste caso, está José Claudino, um descortiçador da Lamarosa, no concelho de Coruche, que, tal como colegas seus de profissão, começou por fazer cochos.

Mas a arte estava-lhe na massa do sangue aliada a uma habilidade de mãos e peças artísticas nasceram espontâneas.

Instrumentos musicais, nomeadamente acordeões, saxofones e trompetas, e pequenos toneis, videiras com parras e molduras para fotografias, além dos cochos e outros artefactos utilitários, como os tarros (cesto para levar a comida), começaram a ser executados pelo artesão, ora à porta de sua casa, de Verão, sentado num mocho (banco tradicional em madeira e empalhado), ora à beira da lareira, no Inverno.

«Comecei na minha juventude por fazer cochos por brincadeira. Mas depois vi colegas de profissão a fazer peças com mais arte. Passados uns anos largos ganhei cegueira pelo artesanato e agora gosto muito disto», disse o artesão.

E, com a simplicidade e humildade que definem, em certa medida, um homem que «deu o litro» para sobreviver na vida dura do campo, acrescentou reconhecido com o poder local: «a câmara começou depois nas festas populares do concelho a arranjar-me uma barraca, onde mostro e vendo os meus trabalhos e fabrico novas peças.»

Na confecção dos objectos, José Claudino utiliza, além das pranchas de cortiça, lixa, lima, faca e navalha, verniz, cola e alfinetes.

No concelho de Coruche há ainda mais três conceituados artesãos de cortiça — Joaquim Marques (também da Lamarosa), Luís José Dias, de São Torcato, e Manuel Tira Picos, de Santana do Mato.

Curiosamente, tal como José Claudino, todos eles exercem a profissão de descortiçador (vulgarmente designada por tirador de cortiça), e começaram também por confeccionar cochos para só depois «voarem» mais alto no domínio do artesanato.

No município de Coruche há, de acordo com dados fornecidos pela Câmara, entre 550 a 600 descortiçadores, repartidos especialmente pelas freguesias do Couço, Santana do Mato, Lamarosa e Fajarda.

José Labaredas, secretário do presidente da autarquia, disse à agência Lusa que a maior incidência de tiradores de cortiça é no Couço e Santana do Mato, as freguesias mais populosas do concelho depois de Coruche.

A propósito do salário do descortiçador, adiantou que ganha muito acima dos trabalhadores agrícolas, chegando a auferir entre 2000 a 2500 escudos por dia.

A mesma fonte referiu ainda que a cortiça é tirada dos sobreiros de princípios de Junho a 15 de Agosto e que os descortiçadores executam nos restantes meses do ano trabalhos agrícolas e, também, se dedicam à lenha, tanto ao corte, como ao desbaste ou esgalha.

Esgalhar é o verbo usado pelos descortiçadores e lenhadores para designar o acto de cortar ou desbastar, a machado, a casca dos ramos dos sobros e de outras árvores, ramos esses que depois são amontoados numa área chamada «estaleiro» e vendidos como lenha para a lareira.

Curiosa é a operação executada pelos descortiçadores e que consiste em retirar depois dos ramos e tronquinhos dos sobros, à enxó ou a machado, cortiça à «falca». Este termo popular designa nacos de qualquer coisa, como sejam de pão, ou, neste caso, de cortiça.

Depois de retirada a cortiça, esses tronquinhos vendem-se como lenha para a lareira, enquanto a cortiça extraída à «falca» é ensacada em redes e vendida aos industriais do ramo.

«Quem se distingue como um bom tirador de cortiça, distingue-se também nos outros trabalhos agrícolas», observou José Labaredas.

E isto, explicou, por duas razões: uma que se prende com a pujança física que a profissão de descortiçador exige e a outra com a perícia que se adquire em trabalhos de mãos através dela.

Devido à dureza da profissão, a vida útil do descortiçador varia entre os 20 e os 60 anos, embora haja excepções, como é o caso de José Claudino que aos 65 anos continua a descortiçar sobros com a vitalidade de um jovem.

É casado, tem uma filha e um neto de 21 anos, que ganha a vida como bate-chapas e que não seguiu as pegadas do avô que passa as horas de lazer a fazer o que mais gosta — peças de cortiça.

É noite. Quase Inverno. Uma chuva outonal açoita o montado e um vento forte agita a ramagem das árvores produzindo o ruído característico da floresta.

Na Lamarosa, freguesia de um concelho florestado em mais de 80 por cento da sua área por sobros, José Claudino, sentado a um recanto da lareira, com as chamas a lamber um tronco, transforma pranchas de cortiça em peças de artesanatao.

E nascem acordeões que só lhes falta tocar música, videiras que se houvesse um pequeno milagre dariam uvas e cochos pelos quais apetece beber água.

São peças que transmitem uma harmonia entre o conteúdo e a forma, que têm expressão artística — alma — essa alma que um descortiçador-artesão dá à casca do sobreiro.

Cinema de Paris

Um urso chamado urso

NESTE filme raro que Jean-Jacques Annaud agora nos deu, após grandes, longos e pacientes trabalhos de filmagem, um urso tão verdadeiro quanto mítico, enche o pendor ecológico do espectador, cheio de ternura também pelo ursinho que o acompanha — pai e filho adoptivo desta aventura sem história entre bichos e homens, e natureza americana do fim do século, que só a marca das espingardas revela.

História, porém, sim, e fácil de contar: um ursinho perde a mãe lambareira de mel e esmagada por uma avalanche, e encontra um pai mal ferido por um caçador cupido e nervoso. Partem ambos perseguidos pelo inimigo e seus cães, defendendo-se com sanha o urso grande e escondendo-se o pequeno, que acaba por ser capturado pelos homens. E é então que o urso grande, bem ensaiado por domadores especializados, se encontra frente a frente com o caçadpr desarmado — e lhe dá uma descompostura de urros e ameaças de punhadas, que o homenzinho escuta apavorado, de joelhos, implorando a vida salva, cuja última hora vê chegada. O urso, então, vira-lhe as costas, em desprezo, e parte, bamboleando a sua tonelada de carne e pelo, com serena dignidade... Salta o homem à espingarda e aponta o animal pelas costas — mas não ousa, de vergonha, o assassinato sonhado. Nem deixa um companheiro praticá-lo. Cada homem guarda o seu mistério, dizem um ao outro. O urso, por seu lado, nada mais tem que dizer aos homens. O pequeno, solto, e de novo órfão, é cobiçado por um puma e, quase a ser apanhado, é salvo pelos urros magestosos dum outro urso grande que faz fugir a fera; e com ele mais uma vez parte, na sua descoberta de um mundo em que os homens são, afinal, entidades acessórias — embora capazes de reabilitação moral... Há-de aprendê-lo até chegar a grande, e então com o devido desprezo à espécie inimiga. Assim a natureza, datada de há exactamente cem anos sem mudança, possa manter-se ainda — como a fotografia prova e deseja, um tanto por demais esteticamente.

É tudo tão belo, tão selvagem e tão épico (e tão moral) que pode perdoar-se a J.J. Annaud a ideia de simular ou reconstituir, em psicologia (ou psicanálise) animal, por duas vezes, sonhos traumatizados do urso miúdo — neste filme de grande sucesso que «L'Ours» se chama.

JA França

10 dias em Coimbra

A FÁBULA DA DANÇA

Carlos Porto

AFFABULATION, espectáculo da C.ª de Dança La Liseuse, de Georges Appaix. Teatro Académico de Gil Vicente. BUC/88-20-11-88. JOELLE LEANDRE **por Joelle Léandre. Teatro Paulo Quintela. BUC/88/21-11-88.**

Se há espectáculos que bastam para justificar um festival, «Affabulation» de Georges Appaix é um deles. Natural de Marselha onde nasceu em 1953, a primeira tentação de Appaix foi a engenharia, tendo-se formado mas não chegando a exercer. Da engenharia passou para a música: curso de saxofonista no Conservatório de Aix-en-Provence. Da música para a dança, estuda dança contemporânea com Odile Duboc e outros.

Trabalha como bailarino e compositor com Odile Duboc. Em 1982/83 uma outra tentação: a coreografia, participando em espectáculos de rua no festival «A Dança em Aix».

Em 1984, funda em Paris a companhia La Liseuse (nome de um quadro de Matisse), com a qual cria diversos bailados, aliás como para outras companhias. Obtém em 1986 o Prémio Villa Médicis hors les murs.

Entre outros produz, já em 1988, o bailado «Affabulation» que inclui textos de La Fontaine. Para Appaix, no entanto, a literatura não é a motivação do seu trabalho nem o seu trabalho a ilustração da literatura, antes um dos materiais que utiliza: «As minhas escolhas não são escolhas feitas numa cultura livresca, mas sobretudo movimentos do coração por coisas que eu leio...»

O impressionante no trabalho de Georges Appaix decorre de vários pressupostos que nem sempre surgem reunidos: a qualidade das dançarinas e dos dançarinos, como tal mas também na sua versatilidade: cantam, tocam, representam; a inventividade só aparentemente simples do coreógrafo; o seu domínio dos materiais que utiliza, corpos e movimentos, música e textos, luz e elementos cénicos.

O resultado das técnicas múltiplas dos intérpretes (entre os quais o próprio Appaix) e dessa inventividade do coreógrafo, consiste na permanente fluidez da sua dança que exprime, com simplicidade mas não sem sabedoria, o ritmo, a respiração, a beleza da liberdade dos corpos e dos sentidos. Liberdade parece ser uma boa palavra para definir este trabalho tão exaltante para quem o vê, o que não significa, pelo contrário, que não haja no trabalho de Georges Appaix uma grande exigência de rigor, um domínio pleno da escrita e do discurso.

Um outro aspecto produtivo do espectáculo consiste em não pretender ser dança-teatro, que é muitas vezes uma realidade espúria. Sendo dança esta surge contaminada por outras formas de expressão de que o teatro naturalmente não está ausente.

As fábulas de La Fontaine e outros textos (Bergson e Musil, informa o programa) surgem ditos de forma neutra, e nalguns casos repetidos, o que impede a procura da transposição da palavra para outra forma de expressão, ao mesmo tempo que a distingue no percurso do espectáculo. Há nesse pormenor alguma coisa que lembra as experiências de Rogério de Carvalho.

A utilização pelos próprios dançarinos de pequenas gaitas de beiço é um dos elementos do humor que impregna todo o espectáculo como uma das suas marcas essenciais.

Se a coreografia de Georges Appaix passa pela «modern dance», por Jerome Robbins, por Pina Bausch, os resultados finais são completamente pessoais e, que eu saiba, originais. Resultados que se podem definir como a descoberta, que não é evidentemente única, da dança como prazer. Como diz o coreógrafo, nas palavras do programa: «Não se vai ver um espectáculo de dança pelas pernas deste ou daquela, nem por um corpo muito eficaz, mas para descobrir coisas verdadeiras e belas, que dão prazer, que fazem sorrir e mesmo rir.»

Foi isso que no espectáculo de Georges Appaix tivemos o gosto de confirmar.

O contrabaixo de Joelle Léandre

Joelle Léandre, compositora e intérprete, formou-se pelo Conservatório de Música de Paris e obteve o 1.º Prémio por unanimidade. Tem feito uma carreira de concertista, de criadora de «performances» e de compositora. Na área do jazz tem participado em numerosos concertos de celebridades do género. Escreveu músicas para vários espectáculos teatrais, entre eles, para um como «Troilo e Cressida», de Shakespeare. Criou ainda música para bailados. A sua discografia é já vasta.

No trabalho desta artista, como sempre devia ser, o jogo entre a música e a «performance» é (foi-o pelo menos neste espectáculo) duplamente motivado: porque a jovem música revela um impecável domínio do instrumento e também da sua voz (tanto quando um leigo o pode afirmar) e porque os seus jogos teatrais não são marginais mas exprimem valores concretos.

Neste concerto, Joelle Léandre interpretou não apenas obras suas como de outros compositores, entre eles, John Cage de quem apresentou uma composição executada em forma de percussão como se o contrabaixo fosse um piano.

Um exemplo magnífico deste trabalho foi uma cena intitulada Táxi. Trata-se de facto de uma cena com música na qual a artista comunica, num tom de voz impagável, o discurso de um taxista ao vê-la querer ocupar o seu carro com o respectivo contrabaixo. O texto, a música e a interpretação constituem um trabalho teatral de grande qualidade.

No final, Joelle Léandre sai de cena à qual regressa rapidamente com um avental, balde e vassoura. Transformara-se na mulher da limpeza que ouve no seu transístor uma qualquer canção brasileira. Ela vai descobrir com espanto a música do contrabaixo. Um regalo.

lamento não ter podido assistir a um outro concerto de Joelle Léandre com Carlos Zíngaro. Acredito que deve ter sido um acontecimento.

Joelle Léandre (França)

Companhia de Dança de Georges Affaix

Informação

CP – Caminhos de Ferro Portugueses

Greves declaradas pelo Sindicato dos Ferroviários do Sul

Ligação: LISBOA/BARREIRO

Período entre as 7.30 e as 10.30 horas dos dias 28 e 30 de Novembro e 5 e 7 de Dezembro de 1988.

1. Para obviar aos inconvenientes causados aos senhores passageiros durante os períodos de greve acima referidos, a CP informa que estabelecerá carreiras rodoviárias alternativas entre LISBOA (Praça de Espanha — Passagem superior à Av. Gulbenkian, junto ao NOVOTEL) e BARREIRO (Palácio de Coimbra) e vice-versa.
   Todos os autocarros no sentido LISBOA/BARREIRO e vice-versa terão paragem em Barreiro A. O serviço inicia-se no Barreiro às 7.15 horas.
2. Dadas as circunstâncias emergentes da greve não há compromisso de enlace aos comboios inter-regionais, suburbanos e regionais que cheguem ou partam do Barreiro durante o período da greve.
   Devem, assim, os senhores passageiros apresentar-se na estação do Barreiro A com a devida antecedência.
3. Embora as estações envolvidas na venda de bilhetes para os comboios inter-regionais, suburbanos e regionais da Região Sul tenham instruções para avisar que não são asseguradas ligações para esses comboios entre Lisboa-Terreiro do Paço-Barreiro e vice-versa, a CP solicita e agradece aos senhores passageiros cujas viagens se iniciem ou terminem na Região Sul durante o período de greve que obtenham informações mais actualizadas antes do início das suas viagens.
4. Terão acesso ao serviço rodoviário alternativo os senhores passageiros com título de transporte válido para a CP.

Lisboa, 24 de Novembro de 1988

Informação prestada pela Divisão de Relações Públicas da CP

Caminhos de Ferro Portugueses

Orlando Villas-Boas, em conferência na Gulbenkian

SALVEM-SE OS ÍNDIOS BRASILEIROS

Rodrigues Borges
Fotos José Tavares

Setenta e quatro anos de idade, quase quarenta de sertão, uma vida a lutar pelo reconhecimento de um estatuto social do índio brasileiro, bem como pela defesa dos seus valores culturais, como meio de evitar a marginalização e desaparecimento dos grupos tribais, eis Orlando Villas-Boas. Ontem ao fim da tarde, no auditório 2 da Gulbenkian, o etnólogo (ele prefere sertanista e indigenista, nada de "logos"...) contou a uma assistência interessada, a exceder a lotação do recinto, as suas experiências com os índios. Numa linguagem simples, salpicada de humor, optando pelo lado prático e objectivo em detrimento de explicações porventura mais científicas, Orlando Villas-Boas conseguiu ainda apresentar uma mensagem: «Salvem-se os índios brasileiros, que eram cinco milhões por altura do "descobrimento" e restam agora cerca de duzentos e vinte mil».

Apresentado por António de Bacelar Carrelhas, presidente da Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo, Orlando Villas-Boas começou por contar a forma como, juntamente com seus irmãos Cláudio e Leonardo, iniciou as suas primeiras actividades de desbravamento, levadas a efeito pela vanguarda da expedição Roncador-Xingu. Mais tarde, nomeado chefe de toda a expedição, pôde acelerar os trabalhos em andamento. Essa exploração conseguiu avançar do Alto-Xingu até à Bacia do Tapajós, deixando nos seus roteiros dezoito campos de pouso; alguns desses campos foram posteriormente transformados em bases militares e postos de assistência aos índios.

No seu jeito bem característico, imitando por vezes a fala dos sertanejos contratados para a expedição, Orlando explica a tremenda dificuldade que teve em entrar neste projecto, que então já o entusiasmava. Rejeitados inicialmente, ele e os irmãos tiveram que se "mascarar" de sertanejos analfabetos (barbudos e esfarrapados) para mais tarde serem aceites. Começaram por executar as mais duras tarefas, para as quais não estavam naturalmente vocacionados, mas ao fim e ao cabo tudo acabou por dar certo. Até conseguiram convencer a maioria dos homens recrutados, quase todos criminosos perseguidos pela polícia, de que a expedição não era para "matar índio", mas sim para os defender, coisa que ao princípio não entrava naquelas cabeças duras...

Orlando segue, o mais cronologicamente possível ainda que sem grandes preocupações neste sentido. Concluída a expedição, ele fomentou intensa campanha para a criação de uma reserva indígena, no Alto-Xingu. Criada a reserva, com o nome de "Parque Nacional do Xingu", Orlando Villas-Boas foi nomeado seu director em 1961. Assumindo com seriedade este cargo, teve assim possibilidade de melhorar a assistência aos índios, garantiu a preservação da fauna e da flora e reaparelhou os postos, além de facilitar os estudos de Etnologia e Linguística, de que resultou o aparecimento de valiosa documentação sobre a grande área habitada pelos indígenas, antes desconhecida.

Do seu contacto, durante anos a fio, com os índios, Orlando adquire um somatório inigualável de conhecimentos àcerca dos seus usos e costumes, da sua cultura, da forma como se organizam socialmente, desde a família, à aldeia, á tribu.

O homem índio preza acima de tudo a sua liberdade e é altamente individualista, contra algumas opiniões que já tenho ouvido em contrário. A propósito, o conferencista conta (sempre com muita graça, a suscitar o sorriso cúmplice do auditório) alguns episódios: por exemplo, o índio não dá nada a ninguém, só troca. Mesmo no caso excepcional de na aldeia vizinha ter ocorrido uma tragédia, género inundações ou fogo terem destruído haveres, colheitas ou mantimentos, o índio troca o seu auxílio - que é normalmente importante - por um simples fruto, uma contrapartida simbólica, mas que implica a regra da troca. Lá dar de "mão beijada", é que nunca...

Nem matar, nem ferir

Um dos grandes orgulhos de Orlando Villas-Boas é, durante o seu comando, nunca ter provocado a morte, ou um simples ferimento, a um índio sequer. Nem mesmo para salvar-se de uma agressão. E explica como conseguiu, à força de persuasão, incutir nos seus homens (os tais garimpeiros rudes, muitos deles com cadastro criminal, que continuou a utilizar nas várias expedições que dirigiu) esse mesmo espírito. Bem dirigidos, esses homens tornavam-se óptimos desbravadores e prestaram serviços que o sertanista classifica de inestimáveis.

Orlando Villas-Boas recorre à projecção de diversos slides, que mostram à plateia alguns dos mais característicos rituais indígenas, as suas pinturas festivas, as suas habitações, alguns dos seus utensílios.

Conta como os índios não entram em discussões fúteis uns com os outros, mesmo a nível familiar (entre o casal, entre pais e filhos, entre irmãos) mas, como todos os conflitos se resolvem, com a ajuda dos pajés (feiticeiros), que são os juízes de todas as contendas.

Orlando Villas-Boas conseguiu prender o auditório

Outro caso curioso diz respeito à liberdade nas relações sexuais - liberdade mas com regras de ouro. Por exemplo, se a mulher não gostar do marido imposto pelos pais (os casamentos são negociados e aprazados ainda na infância do futuro casal), pode relacionar-se intimamente com outro homem sem dar satisfações ao legítimo, só que, se da relação extra-conjugal nascer algum filho o pai "será sempre" o marido. Por outro lado as jovens, logo a partir dos 13 ou 14 anos, iniciam-se na vida sexual com quem lhes apetecer. O problema é a gravidez: se isso acontecer, elas preferem matar-se a apresentarem-se como "mães solteiras".

Orlando Villas-Boas salienta ainda o extraordinário sentido de humor dos índios, contando a propósito saborosos episódios que se passaram consigo ou de que teve conhecimento directo. Alguns deles podem passar por anedotas e a verdade é que o auditório riu com gosto ao ouvi-los, naquele jeito tão típico do etnólogo e sertanista.

No final da conferência, a assistência foi convidada a fazer as perguntas que desejasse. E as perguntas "choveram"na mesa, presidida por Pedro Támen. Bacelar Carrelhas, advogado e depois homem de negócios a nível internacional, fazia a ponte entre Orlando Villas-Boas e um público bastante participativo. A sessão, que durou mais de duas horas, chegou ao seu termo. Orlando Vilas-Boas recebeu uma prolongada ovação.

Resta-nos dizer: várias vezes condecorado, este homem publicou diversos trabalhos sobre a vida indígena: Os Kayabi do Rio São Manuel, O Velho Cáia, Os Sertanejos do Brasil Central, entre outros. Juntamente com o seu irmão Cláudio, foi indicado em 1977 para concorrer ao Nobel da Paz.

Como escrevemos no início, Orlando Villas-Boas e o irmão Cláudio continuam a lutar pela defesa dos indios brasileiros. Agora, abandonado o terreno, principalmente através da realização de conferências, artigos, entrevistas aos jornais, rádio e televisão.

Orlando Villas-Boas foi durante largos anos o administrador-geral do Parque Nacional de Xingu, onde deixou uma obra notável. Actualmente aposentados, ele e o irmão continuam como assessores da presidência da Fundação Nacional do Índio, sendo Orlando o vice-presidente do Conselho Indigenista.

Há umas décadas atrás, em plena aldeia dos Xingu

Mais três subsídios do IPC

O IPC acaba de atribuir três subsídios ao abrigo do critério regulamentar que dá precedência aos projectos que envolvem um menor investimento por parte do instituto.

Os três projectos abrangidos pela assistência financeira automática são: «O Medo»,de Luis Alvarães com um subsídio no valor de 11.500 contos; «Na Pele do Urso», de Eduardo Guedes subsídiado com 25.800 contos e «Eternidade» de Quirino Simões contemplado com 23.707 contos de subsídio.

Cinema português em Bruxelas

«Tempos Difíceis» de João Botelho abre hoje a Quinzena de Cinema Português em Bruxelas durante a qual serão exibidos 24 filmes de 19 realizadores portugueses.

Paulo Rocha é o realizador mais representado, com cinco filmes – «A Ilha dos Amores», «Mudar de Vida», «A Ilha de Moraes», «Os Verdes Anos» e «O Desejado» –, seguindo-se João Botelho com duas películas – «Tempos Difíceis» e «Um Adeus Português».

Estão ainda representados Luís Filipe Rocha, com «Cerromaior», Jorge Brum do Canto (A Canção da Terra), Vítor Gonçalves (Uma Rapariga no Verão), Margarida Gil (Relação Fiel e Verdadeira), António Cunha Teles (O Cerco), José Fonseca e Costa (Sem Sombra de Pecado), Joaquim Pinto (Uma Pedra no Bolso) e João César Monteiro (Silvestre).

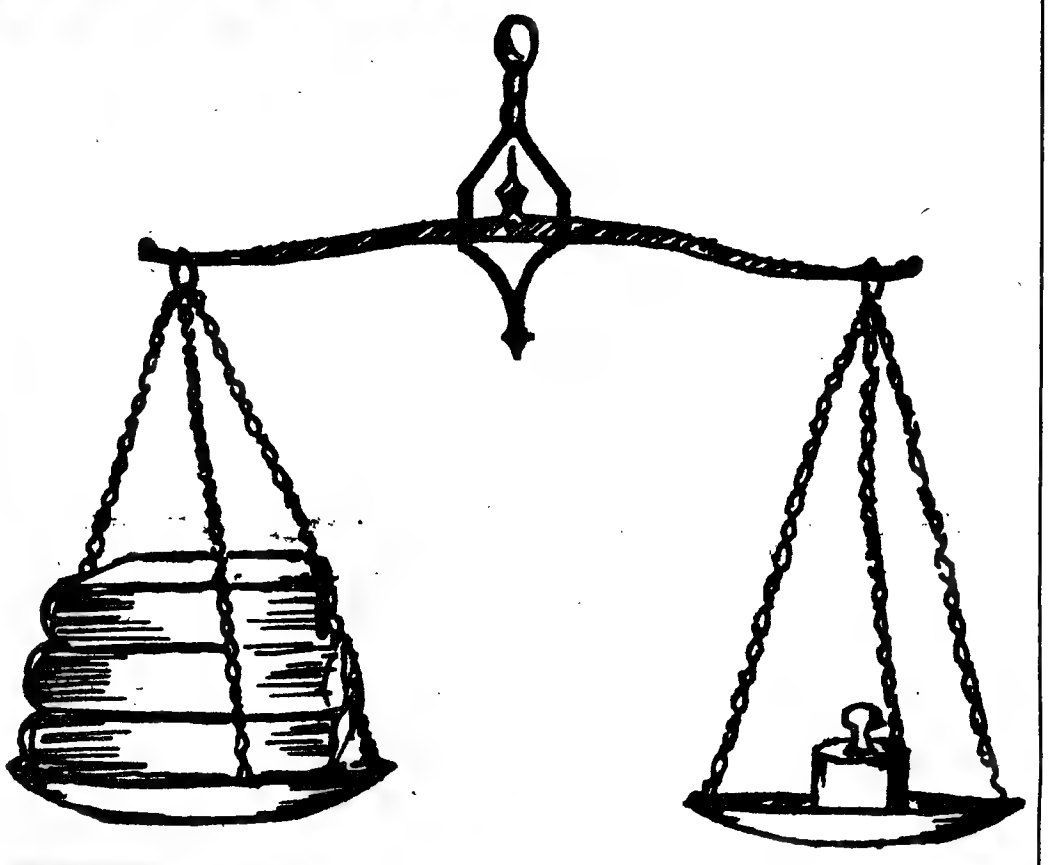
De Manoel de Oliveira, será exibido o filme «O Acto da Primavera», de António Macedo «Fátima Story», de João Canijo «Três Menos Eu», de António Reis e Margarida Cordeiro «Ana», de J. Ernesto de Sousa «Dom Roberto», de Noémia Delgado «Máscaras», de Alberto Seixas Santos «Brandos Costumes», de Manuela Serra «O Movimento das Coisas» e de Rui Simões «Bom Povo Português».

Picasso: recorde de vendas

«Arlequim e Jovem Acrobata», de Pablo Picasso, tornou-se o quadro mais caro do século XX, ao ser vendido pelo preço recorde de 20,9 milhões de libras (cerca de 5,5 milhões de contos), num leilão da galeria londrina «Christie's».

Agora também a peso a 600$00 o quilo

A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO LIVRO



Luisa Alexandra Botinas

«Pese-me aqui isto,por favor». «Veja lá quanto é que vai aqui?» Estas perguntas justificar-se-iam se fossem feitas numa mercearia e se a mercadoria a pesar fossem batatas ou cebolas. Mas na verdade são livros o que as pessoas pretendem comprar e a loja não é uma mercearia de bairro mas uma livraria, a Distri-Editora na Conde Valbom em Lisboa. Cada quilo de revistas custa 150 escudos enquanto que o «quilo do livro está a 600 escudos».

Durante uma volta que demos à livraria a meio de uma tarde de Novembro, pudemos constatar que as revistas e livros em promoção abrangem temas bastante diversos. Das revistas de bordados a dicionários, de romances a best-sellers , passando pelas revistas cor-de-rosa tipo «Sétimo Céu» ao lado de «Deve & Haver», de Mário Mesquita. De tudo um pouco lá há.

Abordámos o primeiro comprador. Um estudante universitário que comprou uma carrada de «Photos», seis ao todo. Não comprou livros porque achou que a maior parte deles não tinha qualidade. Para Vítor Badalinho, o estudante, «esta é uma iniciativa que condiz com o meu poder económico e mostra que os livros à disposição não se conseguiram vender. Penso que é uma iniciativa interessante desde que vá ao encontro dos gostos das pessoas».

No meio de cartazes com frases como «Agora ler ao quilo é mais barato!», um jovem de 23 anos que não quis dizer o seu nome, acaba de comprar um livro sobre Luis Buñuel e outro de Ellery Queen. Diz-nos: «É uma boa ideia para despachar o stock». Um cavalheiro de meia idade compra vários livros de banda desenhada e informa-nos:«Passei por aqui e vi na montra o anúncio.Resolvi entrar e comprei estes livros para os miúdos». A sua despesa é de cerca de dois mil escudos.

Para o gerente da loja Distri-Editora, onde decorre a promoção do livro a peso, é «uma forma original de escoar o que resta em armazém e é também uma manobra de promoção que a loja utiliza para trazer mais compradores». Segundo o gerente, é a primeira vez que uma iniciativa como esta tem lugar em Portugal. «Já se realizaram outras em Itália, na Alemanha e no Brasil».

Para Ana Maria, de 32 anos, a ideia de vender livros ao quilo «é bastante boa; até agora já comprei duas revistas e um livro e penso cá voltar mais vezes».

Procurámos fazer uma pequena estatística a partir da frequência dos compradores. Segundo as informações reunidas a média de idades dos compradores oscila entre os 18 e os 40 anos, pertencentes às classes média e alta, a hora escolhida pela maioria é a do almoço e as despesas variam entre os trinta escudos de uma revista e os três mil de vários livros.

Com a iniciativa a decorrer até ao fim do ano o gerente da loja adianta já um balanço positivo. Prenúncio de próximas edições similares.

Até ao fim do ano os livros a peso vão continuar a vender-se... como pãezinhos quentes.

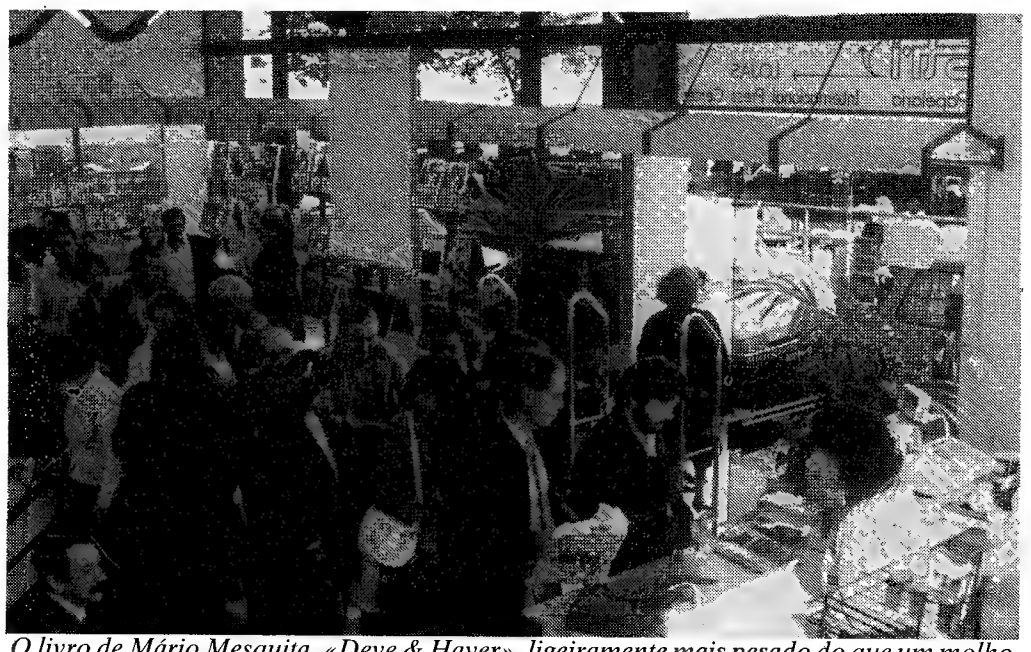
Não se pretende aqui fazer qualquer juízo de valor acerca desta inovação mercantilista, de qualquer modo, a sensação de estranheza perante esta transação subsiste e é pertinente a questão: a democratização da leitura justifica a banalização do livro ? A resposta só pode ser dada pelos leitores/compradores.

É verdade que os livros estão muito caros e que a maior parte das pessoas não tem acesso à leitura, não conhece os autores do seu próprio país e que o nível de analfabetismo é assustador. Mas a solução para esses males endémicos passa por acções como esta?

É muito provável que alguns, os mais optimistas, respondam que sim, que esta é uma forma agradável e simples de fazer chegar o livro a mais gente por menos dinheiro.

Mas outras vozes mais céptica podem contrapor-se, defendendo a ideia de que a solução fere a dignidade do livro e dos seus autores.

Todavia a situação deve ser desdramatizada já que se trata de uma forma original de vender livros e um facto é certo, as pessoas têm acorrido em grande número e as vendas não têm parado de aumentar.



O livro de Mário Mesquita, «Deve & Haver», ligeiramente mais pesado do que um molho de revistas cor-de-rosa

Uma antologia de Pablo Neruda um tanto mais leve que um manual de «bricolage»

DALI À BEIRA DA MORTE

O estado de saúde do pintor espanhol Salvador Dali piorou hoje, informaram fontes hospitalares.

Dali foi internado domingo no Hospital de Figueras com uma pneumonia e problemas cardíacos.

O secretário do artista, Robert Descharnes, revelou que os médicos do hospital querem que ele seja transferido para a Clínica Cuiron, de Barcelona, onde há dois anos lhe foi implantado um «pacemaker» (regulador cardíaco).

«Estou sempre preocupado com o meu amigo. É um homem de idade e 'a coisa' pode acontecer a qualquer momento», confessou, ao ser-lhe perguntado se o estado de saúde de Dali o preocupava.

Um boletim médico divulgado hoje referia que Dali estava «consciente» e ia ser submetido a um «intenso tratamento com antibióticos».

Salvador Dali, de seu nome completo Salvador Filipe Jacinto Dali, marquês de Pubol, nasceu em Figueras, norte da Catalunha, a 11 de Maio de 1904.

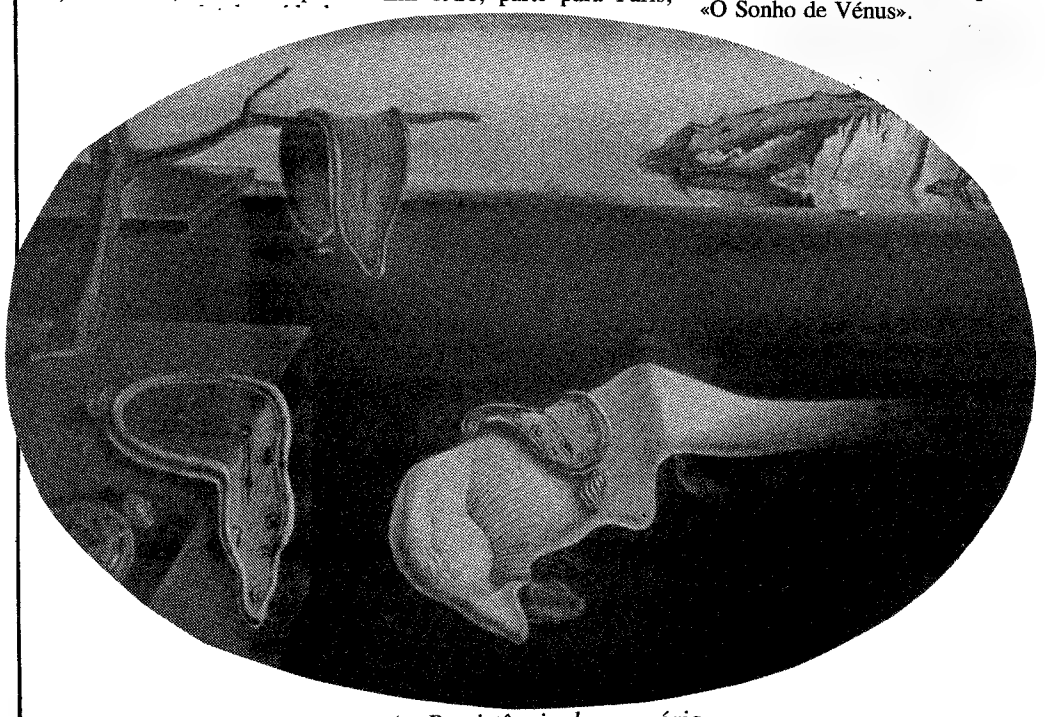
Filho de um notário, estudou num colégio de padres Maristas. Depois da entrada na escola de Belas-Artes de Madrid, iniciou a sua obra sob a influência da «pintura metafísica» dos italianos Georgio de Chirico e Carlo Carra.

Em 1928, parte para Paris, onde beneficia da influência do impressionismo, do cubismo e, mais tarde, do surrealismo, a cujo movimento se liga, e de onde foi excluído por André Breton, em 1940.

Entre 1928 e 1931 expõe, publica alguns livros e colabora com o realizador cinematográfico Luís Buñuel nos filmes «Um Cão Andaluz» e «A Idade de Ouro».

Em 1935 apresenta, em «A Conquista do Irracional», as suas teorias sobre «a actividade paranóico-crítica» como novo método de criação.

A partir de 1938, vive alguns anos nos Estados Unidos. Ali executa, para o parque de diversões da feira de Nova Iorque, «O Sonho de Vénus».



A «Persistência da memória»

Em Maio de 1979, Dali entra como «Imortal» na Academia Francesa de Belas-Artes, onde faz escândalo com um discurso intitulado «Gala (nome de sua mulher), Velasquez e o tosão de ouro».

Salvador Dali viveu em total reclusão no castelo de Pubol (do século XI), desde a morte, em Junho de 1982, da sua mulher e musa, Gala, a qual constituiu, aliás, uma presença quase obsessiva na obra do pintor catalão.

Gala, cujo verdadeiro nome era Elena Deluvina Diakonov, nascera na localidade de Kazan, arredores de Moscovo, numa família de raízes aristocráticas. O seu pai foi testamenteiro de vários príncipes, no tempo dos czares.

Dali e Gala conheceram-se em 1929, na capital francesa, tendo sido apresentados pelo escritor André Breton.

As obras de Dali e sua mulher, Gala, foram doadas ao Estado espanhol. E no Museu Dali, de Figueras, que foi inaugurado em 1970, encontram-se algumas das suas criações mais importantes.

Intelectuais espanhóis criticaram Salvador Dali pelo seu apoio ao regime do ditador Franco.

Entre as suas obras, contam-se «O Sangue É Mais Doce Que O Mel», «Persistência da Memória», «Premonição da Guerra Civil», «O Sono», «O Cristo de S. João da Cruz», «Gala Olhando Dali» e «Cavaleiro Alegre».

Dali é também responsável por ilustrações para «Les Chants de Maldoror», de Lautreamont, «Les Nuits Portagees», de Paul Eluard, «D. Quixote», de Cervantes, e «Divina Comédia», de Dante.

Um esclarecimento de Vitorino de Almeida

A propósito da notícia publicada na nossa edição de ontem, com base em declarações de António Vitorino d'Almeida no contexto da sua presença num programa de rádio, recebemos deste maestro o seguinte esclarecimento:

«Sempre considerei — e continuo, obviamente, a considerar — que a música sinfónica, com todo o material sonoro que exige, em termos de músicos e de instrumentos, não pode nem deve ser executada por orquestras de câmara.

Disse-o e escrevi-o várias vezes. Mas isso não é exactamente aquilo que se pode depreender do título saído no vosso prezado jornal, entre outros, em relação a um programa de rádio em que participei com o maestro Miguel Graça Moura.

Para o leitor comum, o título do artigo significaria que eu considerava a orquestra Gulbenkian em si uma fraude — o que seria absurdo!

O que eu defendo, isso sim, é que se crie imediatamente (pois já se esperou excessivamente) uma orquestra sinfónica de concerto, dado que a orquestra do S. Carlos está fundamentalmente adstrita à ópera. E, mais ainda, penso que a Fundação Gulbenkian, dispondo daquela que talvez continue a ser a melhor orquestra portuguesa (mas de câmara), estaria na melhor posição para aumentar os seus quadros e resolver enfim esse angustioso problema da nossa cultura: acabar, de facto, com os «restos sinfónicos» e pôr-nos, no campo das orquestras sinfónicas, a um nível minimamente digno da Europa.

Vitorino de Almeida

Muito agradeço, portanto, a publicação no «DL» desta rectificação, não por haver assinaláveis inexactidões na notícia, mas sim porque o título, isolado do contexto da entrevista, se presta a confusões.»

GRUPO TEATRO HOJE TEATRO DA GRAÇA/VOZ DO OPERÁRIO

"... um espectáculo inteligente servido por interpretações excelentes".
VALENTIM LEMOS – "Diário Notícias"

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

TENNESSEE WILLIAMS

Vieux Carré

Subs. SEC
Horário: de terça a sábado às 21.00 h
Domingo só às 16.00 h
MARCAÇÃO pelos Telefs.: 87 56 26 – 87 58 00

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
T. 726 06 18

3.º Mês

TERÇA A SÁBADO
ÀS 21.30 h
DOMINGO
ÀS 17.00 h

* ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
* TRADUÇÃO - AGOSTINHO DA SILVA
* MÚSICA - EDUARDO PAES MAMEDE

ÚLTIMAS SEMANAS
Só até 18 de Dezembro

«ASSIM HÁ NOITES DE TEATRO QUE SÃO INESQUECÍVEIS» — J. MARTINHO — «EXPRESSO»

EDIPO-REI

SÓFOCLES

SUBSÍDIO S.E.C. * APOIO F. GULBENKIAN

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANÚNCIO

PROC.º N.º 1389/88
2.º Juízo
1.ª Secção

O DOUTOR JOSÉ GOMES CORREIA, Juiz de Direito da Comarca do Seixal;

FAZ SABER que por este Juízo e nos termos do Art.º 228-A n.º 3 do C.P. Civil, são citados os Réus CARLOS ALBERTO ROSA VASQUES E MULHER MARIA VASQUES, com última residência conhecida na Av.ª Luís de Camões — Bloco C-31 — 2.º D, Miratejo — Corroios e actualmente em parte incerta, para comparecerem neste Tribunal no dia 20 de Dezembro de 1988 pelas 11.00 horas, a fim de intervirem na tentativa de conciliação a realizar nos autos de Acção de Despejo em que são Autores ANA ADELAIDE ISAACH AZEREDO XAVIER, podendo os citandos fazerem-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, sob pena de multa faltando.

MAIS são citados de que, no caso da tentativa se frustrar deverá contestar no prazo de DEZ DIAS e findos os dos éditos de TRINTA DIAS, sob pena de, não contestando, serem condenados no pedido, que consiste em entregar livre e devoluto de pessoas e coisas que nele se encontrem, a fracção autónoma designada pela letra D, correspondente ao 2.º piso D, do Bloco C-31 do prédio urbano sito em Miratejo, e ainda nas custas e procuradoria.

Seixal, 22 de Novembro de 1988

O Juiz de Direito,
José Gomes Correia

O Escrivão Adjunto,
Henrique Ramalho

«DL» 29/11/88 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL

DO 17.º JUÍZO CÍVEL

DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do Anúncio.

Execução de sentença n.º 2066-A 1.ª Secção

Exequentes – Comp.ª Seguros Império, EP

Executado – João Francisco Figueiredo da Rosa, residente, Quinta das Malhadinhas – Foros de Salvaterra de Magos – Salvaterra de Magos – Benavente.

Lisboa, 15 de Novembro de 1988

O Juiz de Direito,
Fernanda Martins X. Nunes

O Escrivão Adjunto,
José Alberto G. Carvalho

«DL» 29/11/88 2.ª Pub

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

7.º JUIZO CÍVEL

ANÚNCIO

Acção Sumária n.º 5221/1987 3.ª Secção. Autor A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P. Com sede na Rua Garrett, n.º 56 em LISBOA. Réu JOSÉ HENRIQUES ROSA DAS NEVES GOMES, última residência em Casal da Azenha, Armazém 10–A, Ponte Bica, em Loures.

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de 10 dias, findo o prazo dos éditos, contestarem querendo a acção, na qual a Autora pede o pagamento da quantia de 115 537$50 e respectivos juros de móra, com custas e procuradoria, como consta da petição inicial cujo duplicado se encontra na Secretaria deste Tribunal, à disposição do citando, sob pena de serem condenados no pedido.

Lisboa, 11 de Novembro de 1988

O Juiz de Direito,

(assinatura ilegível)

O Escrivão de Direito,

(assinatura ilegível)

«DL» 29/11/88 2.ª Pub

Yves Coppens, no Institut Franco-Portugais

BIOLOGICAMENTE O HOMEM ESTACIONOU

Luisa Alexandra Botinas

«A minha avó, que era bretã, disse-me uma vez: 'Tu talvez descendas do macaco, mas eu não!'». Yves Coppens, francês, paleontólogo, antigo professor de Antropologia no Museu de História Natural, professor no Colégio de França e correspondente da Academia das Ciências, preencheu assim com estes àpartes bem humorados a «aula» que deu ontem no auditório do Instituto Franco -Português, completamente cheio de ouvintes atentos que quiseram voltar, pela mão deste comunicador nato e ilustre professor, às origens do Homem.

Antes de iniciar a «viagem», Yves Coppens disse que para a compreendermos melhor é necessário que tenhamos em conta três ideias elementares. A primeira é a de que o tempo utilizado em paleontologia não é o tempo cronológico mas sim o geológico; em segundo lugar, é necessário que se tenha em conta que nada do que existe é estável e duradouro. Para o cientista, «durante o desenrolar da História da Terra verificaram-se inúmeras mutações nos oceanos e no Homem». Por último, Coppens apontou o conceito de filiação como fundamental para a explicação da origem de todos os seres vivos. Isto é , todos os seres que viveram ou vivem na face da Terra pertencem à mesma árvore genealógica.

Assim, as pesquisas sobre as origens do Homem devem, segundo Coppens, partir inevitavelmente destes três pressupostos.

A história da nossa «superfamília» ancestral começa há cerca de 35 milhões de anos com os antropóides,pequenos macacos cujo primeiro exemplar da espécie é encontrado no Egipto, e daí o seu nome de «baptismo», Egiptopitecus. Tem as dimensões de um gato, com uma cauda longa, é quadrúpede e tem um «pequeno cérebro» com 27 centímetros cúbicos.

A razão pela qual este antropóide é considerado como o primeiro elo da cadeia reside no facto de que a estrutura do seu cérebro se adapta ao meio em que vive.

Prosseguindo o «flash back» conduzido por Yves Coppens vamos encontrar o descendente do Egiptopitecus na África Oriental. É o Proconsul, com 20 milhões de anos. Já é um pouco maior que o seu antecessor, o prognatismo é menos acentuado, não tem cauda e a sua capacidade craniana aumentou razoavelmente, pois já tem 150 centímetros cúbicos.

Vamos encontrar o descendente do Proconsul no Quénia. Tem 15 milhões de anos e chama-se Queniapitecus. Desloca-se ainda nas quatro patas, é arborícola, o seu prognatismo é cada vez menor e o volume craniano é de 300 centímetros cúbicos. Na Eurásia este hominídeo é conhecido pelo nome de Ramapitecus.

Todas estas descobertas paleontológicas discordam de algum modo com as teorias dominantes que se reportam à Biologia. Enquanto que estas defendem a ideia que o Homem descende dos grandes símios, comó os gorilas, Yves Coppens contrapõe a ideia dos pequenos antropóides como explicação para a origem do Homem. Segundo a «East Side Story», a hipótese adiantada por Coppens, todos os testemunhos e ossadas dos primeiros hominídeos e ascendentes do Homem foram encontrados na parte Leste de África, enquanto que os vestígios dos grandes símios foram encontrados no lado oposto, a Oeste. Mas há oito milhões de anos que «somos independentes» do Chimpanzé...

A cultura pode ser um obstáculo ao desenvolvimento biológico

Yves Coppens apresenta a seguir mais duas etapas do desenvolvimento. A pré-humana, com o Austrolopitecus e a humana com o Homo Sapiens.

A primeira é estritamente africana. Durante 5 milhões de anos a nossa «família» de Austrolopitecos vive na África Oriental, a sua alimentação é predominantemente vegetariana, e desloca-se nos dois membros inferiores. A configuração dos dentes assemelha-se de alguma maneira à humana.

O Homo Habilis surge há três milhões de anos. O seu volume craniano é maior, é bípede e omnívoro. Entre ele e nós a única diferença é o género e não a espécie. O Homo Erectus utiliza instrumentos para dominar as adversidades que a Natureza lhe impõe e a alimentação condiciona os seus hábitos. Ele tem que se deslocar para a encontrar. É esse pormenor que o distingue dos pré-humanos, sedentários.

Hábitos, utensílios, tudo isso já faz parte do universo da cultura e do adquirido. Já nada é inato.

Chegámos ao estádio presente do desenvolvimento. Agora para onde vamos? Yves Coppens não vislumbra horizontes muito longíquos quanto ao desenvolvimento biológico do Homem. Com a tecnologia e a cultura tornámo-nos preguiçosos biológicamente. Todos os instrumentos inventados pelo Homem são próteses, prolongamentos dele próprio. Cada vez menos ele faz uso das suas capacidades motoras para suprir faltas. A transformação biológica que mediou o período do Homo Habilis ao Homo Sapiens Sapiens verificou-se a uma velocidade meteórica. Actualmente o Homem estacionou. Provavelmente daqui a alguns anos o Homem tornar-se-á um ser com o crânio excepcionalmente desenvolvido... e terá um pequeno corpo.

Yves Coppers: «Descendemos de pequenos hominídeos»

O piano de "Casablanca" em leilão

O piano utilizado no cenário do «Rick's Café» do filme «Casablanca» será leiloado a 16 de Dezembro na galeria «Sotheby's», em Nova Iorque.

Humphrey Bogart e Ingrid Bergman interpretaram, junto do piano, a sequência em que Sam cantou «As Time Goes By», no filme realizado, em 1942, por Michael Curtiz.

O piano está avaliado em 100 000 dólares, tem cerca de um metro de altura, 58 teclas e foi comprado à produtora Warner Bros, por um fanático do «Casablanca» — disseram fontes da Sotheby's. O dono do piano, não identificado, decidiu vendê-lo agora.

Serão leiloados também os óculos escuros usados por Bogart no mesmo filme.

Novo filme de Monique Rutler

A Cinequan, de Portugal, e as empresas Raiz e Embra-Filme, do Brasil, assinaram no Rio de Janeiro um protocolo de co-produção do filme «Solo de Violino», de Monique Rutler.

A parte portuguesa compromete-se a cobrir 80 por cento dos custos de produção do filme (orçados em 83 mil contos), que segundo a sua autora, «sendo de época (passa-se no início do século), tem também um fundo social, ao referir-se à condição de uma mulher (Adelaide Coelho da Cunha, filha do fundador do 'Diário de Notícias') no seu tempo.

Realizadora de duas longas metragens («Velhos são os Trapos», de 1979, e «Jogo de Mão», de 1983) e de diversos filmes para a Televisão, Monique Rutler explicou no Rio de Janeiro que a imposição dos produtores brasileiros de que a protagonista seja a nacionalidade brasileira levaram-na a alterar os seus planos quanto à atribuição do papel principal, que ainda não está definida.

Membro do júri de curtas-metragens da 5.ª edição do Festrio, a realizadora cita o colega João Botelho, ao afirmar que a grande vantagem para a criação cinematrográfica em Portugal no momento é a de os realizadores poderam fazer «os filmes que querem, sem grande pressões da parte dos produtores» e exigências de mercado.

Para ela, tal facto influi na «frescura» e na «independência» manifestada pelo conjunto da produção portuguesa nos últimos tempos.

«Não é normal encontrar-se tais características no cinema dos outros países, sobretudo na europa industrializada», observa.

«Solo de violino» será a segunda co-produção brasileira nos últimos três anos.

A anterior, «O Judeu», de Tom Job Azulay (com participação maioritária dos produtores brasileiros) encontra-se paralisada por falta de verbas.

DL CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2
U 2
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4
UM PRINCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa Club
ALGEMAS DE CRISTAL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras

Amoreiras 1
FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 3
UM PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4
ALGEMAS DE CRISTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5
PRETO NO BRANCO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 6
ENTRE O INFERNO E O CÉU
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 7
A HORA DOS HERÓIS
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Amoreiras 8
OS CANIBAIS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 9
O SEGREDO DE MILAGRO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 10
BOM DIA VIETNAME
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.30, 21.30 e 00.15 h

Pub.

"O Pequeno Nikita" — quando ele adormeceu era um típico rapaz americano. Ao acordar era filho de espiões russos. — em exibição nos Cinemas: Terminal, 7.ª Arte e Babilónia Amadora

Apolo 70
ALGEMAS DE CRISTAL
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila
— T. 539930
BOM DIA VIETMAN
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45 h

Berna
— T. 776098
FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358
SELF-SERVICE DO SEXO
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Cinebolso
BRINCA OUTRA VEZ COMIGO VANESSA
(maiores 18 anos)
Pornográfico
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
CONSULTÓRIO SEXUAL
23.30 h

Cine Camões
T. 324194
REFORMATÓRIO DE RAPARIGAS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 533253
MISS ARIZONA
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O ASSALTO AO PARQUE
24.00 h

Cinemateca Portuguesa
CRIME AND PUNISHMENT
18.30 h
HENRY V
21.30 h

Cine Portela
— T. 9434773

Estúdio Anusha
FRANTIC
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Estúdio Sheza
VERTIGEM AZUL
(maiores 12 anos)
15.15 e 21.15 h

City Cine
— T. 549999
A BESTA DA GUERRA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523
CORPOS ESCALDANTES
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768
FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134
FRENÉTICO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
MILAGRE DA RUA 8
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
VERTIGEM AZUL
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3
OS CANIBAIS
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Fontes Piccadilly
— T. 541037
ENCERRADO DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO

Gemini
— T. 734009
A INSUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1
CORPOS ESCALDANTES
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 21.30 e 24.00 h

Sala 2
ARMADILHA DE VÉNUS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império
— T. 555134
FOGO NA ESTRADA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

King Triplex

Sala 1
MISS ARIZONA
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Sala 2
MORTE ENTRE AS RUÍNAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

Sala 3
BARFLY – AMOR MARGINAL
(maiores 16 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
ARMADILHA DE VÉNUS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
TEMPO DE AMAR, TEMPO DE MATAR
(maiores 12 anos)
15.30. 18.45 e 21.45 h

Lumiares
— T. 801313
TEMPO DE AMAR, TEMPO DE MATAR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO
(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Sala 3
LACA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.45 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362
ENTRE O INFERNO E O CÉU
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 h

Odeon
— T. 326283
INFERNO DE MULHERES
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
LIBERDADE TOTAL
Pornográfico
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(maiores 18 anos)

Pathe
— T. 821933
A CIDADE DO VÍCIO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.00 h

Politeama
T. 326305
ENCERRADO PARA OBRAS

Quarteto
T. 771378

Sala 1
A BESTA DA GUERRA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 2
MILHO VERMELHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
UM AGENTE NA CORDA BAMBA
(maiores 18 anos)
23.30 h

Sala 3
BIRD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.30 e 21.30 h
A ENCRUZILHADA
(maiores 12 anos)
24.00 h

Sala 4
OLHOS NEGROS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A VIÚVA NEGRA
(maiores 12 anos)
23.45 h

São Jorge
T. 579144

Sala 1
FUGA À MEIA NOITE
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
PRÍNCIPE EM NOVA IORQUE
(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19.10 e 21.45 h

Sala 3
O SEGREDO DE MILAGRO
(maiores 16 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h

7.ª Arte
— T. 730715
O PEQUENO NIQUITA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Star
— T. 804210
LACA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
O PEQUENO NIKITA
(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595
U2
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
CROCODILO DUNDEE II
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon
T. 368480
RUAS DE GLÓRIA
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA – Babilónia – «Holllywood 1929», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO – Cine Teatro Chaby – «Los Angeles a Ferro e Fogo», às 21.30 h (maiores 16 anos).

CACÉM – Cinestúdio Flores – Encerrado para descanso do pessoal.

MEM MARTINS – Estúdio Dois Eme – «Gente de Dublin»

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino Estoril – Encerrado para obras.

ALGÉS – Cinema 2000 – «O Príncipe nas Trevas», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS – Alto da Barra – Sala 1 – «Bom-Dia Vietname», às 15.30 e 21.45 h (maiores 12 anos).

NOVA OEIRAS – Cine Palmeiras – Sala 1 – «Inferno Vermelho», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos).

CARCAVELOS – Atlântida Cine – «Barfly – Amor Marginal», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

CASCAIS – Miramar – Sala 1 – «Corpos Escaldantes», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 16 anos).

Sala 2 – «Um Príncipe em Nova Iorque», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA – Academia – «Assassinos Silenciosos», às 15.30 e 21.15 h, (maiores 12 anos).

ALMADA – Incrível Almadense – «O Clube da Meia-Noite» às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

COVA DA PIEDADE – Clube Piedense – «Preto no Branco», às 21.30 h (maiores 16 anos).

BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «Um Príncipe em Nova Iorque», às 15.00 e 18.30 h (maiores 12 anos).

DESENHO E PINTURA DE ANA CLÉRIGO

Inaugurada na passada sexta-feira, encontra-se patente até 12 de Dezembro, no Espaço 2 da Galeria do Casino Estoril, diariamente das 15 às 24, uma exposição de desenho e pintura de Ana Clérigo intitulada "...Por Castigo do Deus Posidon...".

A autora, licenciada em Pintura pela ESBAL e com o curso de Cenografia e Figurinos do Conservatório Nacional de Lisboa, realiza agora a sua primeira exposição individual.

No que respeita a colectivas, o seu currículo inicia-se em "Novos-Novos", na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em 1984. No ano seguinte participa na II Bienal de Chaves, no Salão de Colagens - Tapeçaria e Objectos" na SNBA e "Jovens Pintores da ESBAL" na Galeria Almada Negreiros. Em 1986 na II Bienal de Lagos. "Bolsa Malhoa, Prémio Estímulo" e na III Bienal de Chaves, foram algumas das suas participações em 1987.

Obra que se pode situar dentro das mais recentes tendências da arte contemporânea, afirma-se pelo cromatismo intensamente texturado que complementa uma figuração determinada a um tempo gestual, definida e forte.

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até Março de 89, a exposição temporária "Imagens do Tempo", escultura portuguesa do século XIII ao XVIII.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 28 de Fevereiro de 89, Tapeçarias de Vieira da Silva.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Dezembro, uma exposição de Maria José Oliveira de"Ourivesaria Têxtil" intitulada "Pano para Mangas". E ainda as exposições: "Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa", traje de 1888 a 1935, até 31 de Dezembro de 1989; "Traje de Ópera - Guarda Roupa de Tomás Alcaide" até 30 de Dezembro de 1988.
MUSEU DE ETNOLOGIA: até 31 de Março de 89, a exposição "A Aventura Humana".
GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): o Centro de Estudos de Fotografia da Associação Académica de Coimbra apresenta a exposição de homenagem a Robert Frank.
GULBENKIAN (galeria das exposições temporárias): a exposição do fotógrafo japonês Hiroji Kubota.
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DE SETÚBAL: exposição de pintura sobre porcelana subordinada ao tema "Flores e Pássaros", de Fernanda Ruas.
ARA-GALERIA DE ARTE (Centro Comercial Libersil, loja 48, Av. da Liberdade 38): até 11 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 22, sábados e domingos das 12 às 22, pintura de Jaime da Silva e escultura de Pedro Fazenda.
CENTRO COMERCIAL LIBERSIL (Av. da Liberdade, 38): a Galeria de S. Bento apresenta, até 22 de Dezembro, "Libesc 88"- Escultura e Instalação. Dezenas de artistas, portugueses e estrangeiros.
LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): até 17 de Dezembro, a exposição de pintura de João Vieira "Diálogos de Lisboa-Francisco de Holanda".
MUSEU MUNICIPAL DE LOURES (Casa do Adro): a exposição "Actualidades da Roménia".
"O PATAMAR"-GALERIA DE ARTE (R. da Ferraria, 13-Vila Velha,Sintra): até 8 de Dezembro, pintura de Edith Forjaz.
GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 29 de Dezembro, de terça a sábado das 14 às 20, pintura de Felippa Lobato.
GALERIA CAPITEL (Leiria): até 5 de Dezembro, pintura de Armando Anjos.
SPA (Av. Duque de Loulé, 31): exposição de desenho e pintura de Pais Garcia intitulada "Viagens de Mim" e duas esculturas de Aureliano de Aguiar.
GALERIA CÓMICOS (R. tenente Raul Cascais, 1-B): até 31 de Dezembro, pintura de Michael Biberstein.
GALERIA CAMPO DEL ARTE (R. Vieira Lusitano, 20 A): até 17 de Dezembro, pintura de Regina Machado "Ordem-Desordem", de segunda a sábado das 16 às 20.
GALERIA DE COLARES (R. Fria, 2-Colares): até 8 de Janeiro, às sextas, sábados, domingos e feriados das 14,30 às 19,30, pintura e cerâmica de José Joaquim Ramos.
MUSEU REGIONAL DE SINTRA: até 8 de Dezembro, "Bonecas de Sempre" de Elsa Ramalho.
MUSEU DE SETÚBAL: até 11 de Dezembro: a exposição de poesia visual "Outra Escrita Novo Suporte".
GALERIA DO MONTE (Santarém): até 31 de Dezembro, a colectiva de Natal.
CENTRO CULTURAL REGIONAL DE SANTARÉM: até 11 de Dezembro, a Bienal de Artes Plásticas "Salão de Outono 88". O júri é constituído por Maluda, Joaquim Baltazar e António Inverno.
HOTEL MERIDIEN PORTO: até 1 de Dezembro, aguarelas de Edgar Silva.
GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: até 15 de Dezembro, a 2ª Exposição de Arte Postal Internacional organizada pelo Grupo Artever.
GALERIA DE ARTE DO HOTEL D. JOÃO III (Leiria): até 11 de Dezembro, óleos e aguarelas de José Rodrigues.
QUADRADO AZUL (R. de Costa Cabral-Porto): pintura de Guilherme Camarinha, diariamente das 10 às 12 e das 15 às 22.
GALERIA ATLÂNTICA (R. Galeria de Paris, 67-Porto): pintura de Julião Sarmento.
GRUPO DRAMÁTICO POVOENSE (Póvoa de Santa Iria): pintura de António Janeiro, exposição integrada na "Artejovem".
CENTRO CULTURAL DO ENTRONCAMENTO: Exposição sobre a História do Caminho de Ferro em Portugal.
PALMA-GALERIA DE ARTE (Cª de Palma de Baixo, 6): até 14 de Dezembro, todos os dias das 14 às 20, aguarelas de Caldeira Martins.
GALERIA DN (R. Ant. Maria Cardoso, 41): a NOBAR-grupo Editorial, Lda. em colaboração com a Galeria Nasoni apresenta a exposição antológica de Domingos Pinho.
SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): até 11 de Dezembro, a primeira exposição individual de escultura de José Silva Teixeira.
GALERIA HOLLY (Largo da Trindade, 17): até 31 de Dezembro, uma exposição de obra gravada de vários artistas, entre os quais Arpad, Bissiere, c. Boumester, Bryen, A. Calder, Charchoune, S. Delaunay, Evandro Jardim, Göets, Hartung, Lanskoy, Leonor Fini, Magnelli, Malangatana, A. Masson, H. Michaux, Papazoff, Piza, Priner, Renina Katz, Vasarely, Vieira da Silva, J. Villon.. Patente, também, a colectiva permanente de Pintura.
GALERIA IAM (R. da Misericórdia, 92-1º / 2º): até 16 de Dezembro, de segunda a sábado das 15 às 19, a exposição de pintura de Carlos Batista "Tradição, Colagens e Outros Movimentos".
GALERIA VOZ DO OPERÁRIO: até 2 de Dezembro, de segunda a sexta das 10 às 19 e das 20 às 22, sábados das 15 às 19, pintura de Fátima Cruz Neves.
A MEIAS BAR - Galeria de Arte (Viseu): até 31 de Dezembro, desenho e pintura de Francisco José Simões e José Noel Perdigão.
ESPAÇO POLIGRUPO/ RENESCENÇA (R. Ivens, 14): de segunda a sexta das 9 às 20, sábados das 9 às 14, pintura de Manuela Frade.
BRIC-A-BRAC (R. Alexandre Herculano, 16): até 4 de Dezembro, pintura de Vasco Berardo.
HOTEL MERIDIEN LISBOA: pintura a óleo do pintor valenciano Manuel Pardo.
CASA DO ALGARVE DE ALMADA: uma exposição de escultura em caroços de azeitona, de Alcindo de Jesus Pacheco.
ARCADAS DO PARQUE DO ESTORIL: a Junta de Turismo da Costa do Estoril apresenta a té 15 de Dezembro, "viagens" - exposição de Pintura de Edgardo Xavier.
GALERIA GRAVURA (Tv. do Sequeiro, 4): de segunda a sexta das 10,30 às 13,30 e das 15 às 19, Serrãp Faria apresenta aguarelas, desenho e gravura.
GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 14 de Dezembro, uma colectiva de Pintura. Patente de segunda a sábado das 9 às 13 e das 15 às 19.
MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR (Castelo Branco): até 12 de Dezembro, pintura de Arnaldo Figueiredo e tapeçaria de Gisela Santi..
GALERIA SPATIUM (Tavira): exposição de estrutura de Sylvia Gygax.
GALERIA LIBERDADE 190 (Av. da Liberdade, 190 s/cv): pintura de Sara Mendes, de segunda a sábado das 15 às 20.
CENTRO EUROPEU DE LÍNGUAS (Av. Padre Manuel da Nóbrega, 3-A): até 30 de Dezembro, pinturas de Filipa da Silva com o título "Álibi Bis".
O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. dr. Alfredo Costa, 14-Sintra): até 4 de Dezembro, cerâmica de alto fogo e raku, da autoria de Mok e Paulo Guilherme.
FOTO GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12A): até 2 de Dezembro, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, fotografias de João Luís Dória.
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA: até 3 de Dezembro, pintura de Pires Vieira. Patente de segunda a sábado das 10 às 19.
GALERIA 111 (Campo Grande): até 14 de Dezembro, pintura de Jacinto Luís.
GALERIA MONUMENTAL (Campo Mártires da Pátria, 101): até 22 de Dezembro, pintura de Helena Pinto, de terça a sexta das 15 às 19,30, sábados e domingos das 16 às 20.
DITEC (Av. da Igreja): até 4 de Dezembro, a exposição "Gente", de Zé Penicheiro. De segunda a sexta das 14,30 às 19,30, sábados das 10 às 13 e das 15 às 19,30.
GALERIA LEO (Tv. da Queimada, 48-Bairro Alto): até 7 de Dezembro, de terça a sábado das 14,30 às 19,30, a exposição "Um Sono Profundo", 15 esculturas em ferro de Rui Chafes,
GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 4 de Dezembro, de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19, escultura de Pedro Maia e pintura de José Loureiro.
SNBA (R. Barata Salgueiro): todos os dias das 14 às 20, pintura de Fernando Falpe.
CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Dezembro, escultura de José Esteves. Patente de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20.
GALERIA DE ARTE ARCADA (Parque do Estoril): até 7 de Dezembro, todos os dias das 11 às 13 e das 14 às 19 (excepto terças-feiras), em exposição a "Colecção Buchholz II", com obras de Eurico Gonçalves, Helena Almeida, Joaquim Bravo, Joaquim Vieira, João Machado, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Manuel Baptista, Nadir Afonso e Vasco Costa.
GALERIA PRÍNCIPE REAL (Pª Príncipe Real, 32): até 6 de Dezembro, de segunda a sábado das 14 às 20, pintura de Augusto Canedo.
GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 17 de Dezembro, uma colectiva de pintura e escultura, patente das 15 às 19,30 incluindo sábados.
LOJA DE DESENHO (R. da Academia das Ciências, 2-B): até 10 de Dezembro, desenhos de Clara Menéres.
GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 9 de Dezembro, de segunda a sábado das 15 às 20, "Voando sem Asas nem Motores", uma instalação de António Viana.
GALERIA ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48 A): até 6 de Dezembro, de segunda a sábado das 10 às 19, pintura de António Palolo.
ALLIANCE FRANÇAISE DE LISBOA (R. Braamcamp, 13-1º): até 5 de Dezembro, nos dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 19,30, desenhos de Paiva Raposo.
MUSEU DE SETÚBAL: até 11 de Dezembro, a exposição "Poesia: outras escritas, novos suportes".

Farmácias

MÉDICO DE URGÊNCIA ☎ 76 61 71 / 76 61 78 / 76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA - SÃO TOMÉ: Ziler, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA: Aeroporto**, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR: Benfiluz**, E. de Benfica, 444-A (T. 7141206); **CAIS DO SODRÉ: Central**, R. de São Paulo, 108 (T. 320389); **CALVÁRIO: Monge**R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **ESTRELA: Marques Freire**, R. de Santo António à Estrela, 96 (T. 665196); **JARDIM CONSTANTINO: Portugal**, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **JARDIM DOS ANJOS: Jaime Matos**, R. Álvaro Coutinho, 8-10; **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **OLIVAIS SUL: Lemos**, R. Cidade da Beira, 46-C (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES: Algarve**, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); **SALDANHA - HOTEL SHERATON: Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **BURACA - AMADORA: Gaspar Pote**, R. das Gaias, lote 16, Bairro Zambujal (T. 8902221); **CARNAXIDE: H. Amaral**, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS - PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALTO DE SÃO JOÃO: Zional**, R. Morais Soares, 56-C; **BAIXA: Oliveira**, R. da Prata, 240 (T. 878415); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL: Rainha Santa**, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES: Rualto, Ld.ª**, R. Alto Carvalhão, 5 (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS - A CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39: Celta**, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **MADRE DE DEUS: Romana**, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Albano**, R. da Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **REGO: Prates & Mota**, R. da Beneficência, 91-93 (T. 326750); **SALDANHA: Avenidas**, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO: Santo António**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Almeida Araújo**, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Cardoso**, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS: Biotifar**, R. Bernardo Santareno, 21, Alto do Moinho (T. 2536351). Até às 19 horas; **AMORA: Moura Carneiro**, P. General Humberto Delgado, 16-C (T. 2243729). Permanente; **ARRENTELA: Ana Branco**, Quinta da Murtinheira (T. 2215590). Até às 22 horas; **MONTIJO: Monderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: Parque**, Av. Dr. Egas Moniz, 24 (T. 2392294). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Sália**, P. do Bocage, 96 (T. 22484). Permanente; **Nova**, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; **Alice**, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Permanente; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Permanente; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737); **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL: São João**, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 24476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS: Nova**, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Solla, loja D, lote 65 (T. 900724). Permanente; **Soares Correia**, E. das Águas Livres, Carenque (T. 965517). Permanente; **Nunes**, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Até às 22 horas; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Permanente; **Albergaria**, Queluz de Baixo. Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, L. Afonso de Albuquerque, 24 (T. 9230058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 9831240). Até às 22 horas.

DL TEATROS

Cascais-Ass. CG Stobbaerts

T. 2670320, junto ao Teatro Gil Vicente. De 3.ª a dom., às 21.30

«**MACBETH**», de William Shakespeare. Enc. de Jorge Listopad, fig. de Ana Silva e Sousa, trad. de Ricardo Alberty e mús. de João Heitor.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18
Sala Principal
De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**ÉDIPO-REI**». de Sófocles. Encenação: João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro, João Mota, Jorge Guerreiro, Paulo Ferreira e Victor Soares.

Variedades

Parque Mayer. (Telef. 326037)
De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, matinée ás 16.00

A PROVA DOS NOVOS, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e Nuno Nazaré Fernandes. Música de João Vasconcelos, Fernando C. Martins, Nuno Nazaré Fernandes e Fernando Ribeiro. Intérpretes: Marina Mota, Carlos Cunha, Vera Mónica, Carlos Ivo, Fernando Mendes, José Raposo, Maria João Abreu

Mae d'Agua das Amoreiras

Tel. 65 87 43
Terça, quinta e sexta, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**UM PARA O CAMINHO**», de Harold Pinter. Pela **Humana Comédia — Projecto de Arte e Espectáculo**. Tradução e encenação: Fernando Corte-Real. Cenários: Paulo Seabra.

Centro de Arte Moderna

R. Dr. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

3.ª e 4.ª, às 18.30; 5.ª e 6.ª, às 21.00; sábado, às 16.00 e 21.00; domingo, às 16.00
600$00. Até 26 de Novembro.

«**ERROS MEUS, MÁ FORTUNA, AMOR ARDENTE**», de Natália Correia. Encenação: Carlos Avilez. Cenários e figurinos: Emília Nadal. Música: Carlos Zíngaro. Intérpretes: Rogério Samora, Canto e Castro, Lia Gama, Alexandra Lencastre, Carlos Quintas, Carlos Freixo, Anna Paula e Zita Duarte, entre outros.

Teatro Municipal de Almada

R. Conde Ferreira (Telef. 2752175)
De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00
DONA ROSINHA, A SOLTEIRA. de Federico Garcia Lorca. Enc. de Joaquim Benite, Cenários e Figurinos de Vasco Eloy. Interp. Ana Nave, António Assunção, Bibi Gomes, Cecília Guimarães, Paramés, Manuela Cassola, Manuela Costa, Margarida Leal, Mário Timóteo e Teresa Gafeira.

1.º Acto

R. Eduardo A. Pedroso, 16-A, Algés — Tel. 211 50 33
De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 17.00

«**ANFITRIÕES**», de Augusto Abelaira. Pelo **Grupo Persona — Teatro de Comédia**. Encenação: Guilherme Filipe. Cenários: Rui Marcelino. Intérpretes: Custódia Gallego, Isabel Leitão, Maria Almeida, Miguel Meneses, Carlos Borges, Guilherme Filipe e Jorge Alonso.

Pragal (Almada)

Sociedade Recreativa União Pragalense — Tel. 276 64 69
6.ª e sábado, às 21.30. Até 30 de Outubro.

«**O JOGO DO AMOR E DO ACASO**», de Marivaux. Pelo GIC — Grupo de Intervenção Cultural. Intérpretes: Manuel Antunes, Maria José Pinto, Mário Leça, Sylvie Rocha e António Sousa. (Estreado em 10 de Outubro de 1988).

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45
Sábados, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**PIJAMA PARA 6**», de Marc Camoletti. Encenação: Carlos César. Cenários: J. Ramalho. Intérpretes: Octávio de Matos, Maria Tavares, Luís Mata, Helena Alvarez, António Semedo e Isabel Damata.

Casa da Comedia

R. São Francisco de Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99
Sábados e domingos, às 15.00 e 16.30

«**PIERROT & ARLEQUIM**», de Almada Negreiros.

Ritz Clube

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40
De terça a domingo, às 21.30

«**O BAILE**». Pelo grupo **A Barraca**. Guião e encenação: Hélder Costa. Intérpretes: Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula Sousa, Teresa Faria, António Cardoso, Luís Tomar, Victor Torres, Leonor Alcácer, Margarida Barão, Marta Tereno, João. Carneiro, José Oliveira, Miguel Rodrigues e António Cruz.

Teatro da Graça

R. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26
De terça a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«**VIEUX CARRÉ**», de Tennessee Williams. Pelo **Teatro Hoje**. Encenação: Carlos Fernando. Intérpretes: Carlos Fernando, Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, entre outros.

Teatro Maizum

R. dos Poiais, 75-B — Tel. 60 18 66
6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«**LISBOA MONUMENTAL**», de Fialho de Almeida. Encenação: Silvina Pereira. Dramaturgia: Manuel João Gomes. Cenografia: Henrique Nunes. Intérpretes: Alfredo de Brito, Fernando Candeias, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvina Pereira.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15
De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**AUTO DA FEIRA**», de Gil Vicente. Pelo Teatro da Cornucópia. Fixação de texto: prof. Luís Lindley Cintra. Dramaturgia e encenação: Luís Miguel Cintra. Apoio dramatúrgico: João Nuno Alçada. Cenários: Cristina Reis. Música: Paulo Brandão.

TIL — Teatro Infantil

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74
Sábados, domingos e feriados
«**A NUVEM OUE NÃO QUERIA CHOVER**»

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31
De terça a sábado, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00

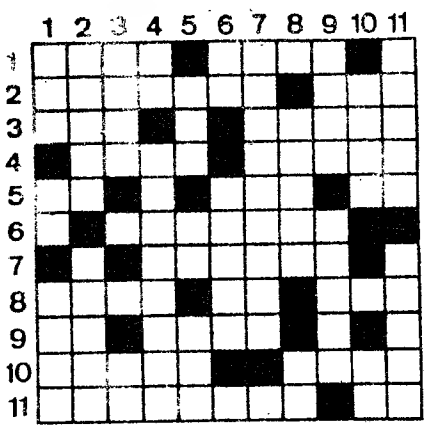
«**ORQUÍDEAS À LUZ DA LUA**», de Carlos Fuentes. Encenação: Blanco Xil. Com: Fernanda Montemor, Alina Vaz e Francisco Soromenho.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17 505

HORIZONTAIS:

1 Além disso. Planície entre duas montanhas.
2 Feche. Passado.
3 O mesmo que bonzo. Invulgares.
4 Remate. Amante.
5 Interjeição brasileira que exprime admiração. Manto real. Abreviatura de Santíssimo.
6 Gato.
7 Nome de pássaros.
8 Quadrúpede dos bosques da Califórnia. Era cristã. Irmã da mãe.
9 Sufixo que designa estado. Adormecimento.
10 Fisiólogo norte-americano que recebeu o Prémio Nobel pelas suas pesquisas sobre as doenças do sangue, em 1934. Palpitação.
11 Desenrugaria. Isto é (abrev. e inv).



VERTICAIS:

1 Abreviatura que designa o sistema de unidades que tem por base: o metro, a tonelada-massa e o segundo. Artigo indefinido. Conquista.
2 Fio de latão. Especiaria indiana.
3 Palmeira da Amazónia. Níquel (s.q).
4 Serviço nacional. Obstinados.
5 Pronome relativo. Cério (s.q). Freguesia do concelho de Alenquer.
6 Instrumento musical dos negros. Cidade da Alemanha.
7 Barco que desliza sobre um colchão de ar.
8 Sinal com a cabeça, olhos ou mãos. Bário (s.q).
9 Mamífero da família dos felídios. Aldeia de Itália.
10 Numeral cardinal. Pronome pessoal.
11 Nome de flores. Concederei.

RESOLVEU...

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 504**

HORIZONTAIS:

1 MULHER. QUE.
2 Oreara. Ua.
3 Azo. Aspirar.
4 BEM. Cis. SE.
5 Ínguas. Ag.
6 Luanda. Sá.
7 Rs. Han.
8 Rascão. Fá.
9 Eiras. Caxe.
10 Ira. Agá. Ais.
11 Semeariam.

VERTICAIS:

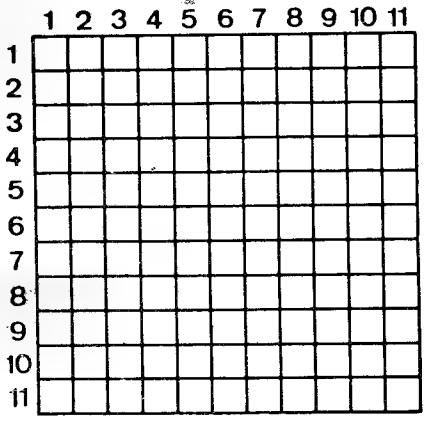
1 Moab. ARREIA.
2 Urze. Sair.
3 Leomil. Sras.
4 Há. NUNCA. É.
5 Era. Ga. Asam.
6 Rascunho. Ge.
7 Piada. Caa.
8 Quissanga.
9 Rau. Xaí.
10 Asas. FEIA.
11 Pregara. Sm.

PROVÉRBIO: Mulher que bem se arreia, nunca é feia.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 16 319

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho de Sabugal. Antiga medida de capacidade.
2 Uma das partes do Mundo. Arrostava.
3 Domesticou. Distinção.
4 Recrutarei.
5 Ave brasileira, semelhante ao zabelê. Guarnecera de arames.
6 Sufixo que designa estado. Acredita. Homem de baixa estatura.
7 Segundo mês sagrado dos hebreus que corresponde à Lua de Abril. Todos os corpos que existem no espaço.
8 Cidade da Roménia. Vê. Rio de Itália.
9 Queridas. Dar mios.
10 Trituravas. Filtrara.
11 Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Atravessar.



VERTICAIS:

1 Cidade fortificada da Espanha. Patrão.
2 Separaríamos.
3 Macaco. Verbais.
4 Extremidade dos braços. Nome de homem.
5 Desequilibradas mentais.
6 Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
7 Ave trepadora. Tálio (s.q). Aqui.
8 Incineraremos.
9 Ilha do estado da Baía. Seguias.
10 Nome de homem. Apagara.
11 Autores. Calote. Rezar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 318**

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Mealhada. Am.	1 Miragaia. Ir.
2 Imo. Unelos.	2 Em. Rol. Nado.
3 Reais. Ios.	3 Aoros. Os.
4 Aro. Malta.	4 To. Casa.
5 Gostarem.	5 Huaca. Caros.
6 Al. Em.	6 ANI. Reate.
7 Cabaços.	7 Desmembrava.
8 An. Catraias.	8 Al. Am. Aarau.
9 Arear. Só.	9 Oil. Iça.
10 Idoso. Vazia.	10 Asoto. Oásis.
11 Rosas. Au. SS.	11 Sá. Assoas.

Rádio

Antena Um

17.00: Sete mares; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Musical; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Música e músicos portugueses; **18.40**: Peças, de guitarra, de Tarrega; **19.00**: Integrais; **19.28**: Música de câmara; **20.40**: Solos de clavicórdio, de Francisco Xavier Bachixa, Carlos Seixas e João de Sousa Carvalho; **21.00**: Ciência e tecnologia... a procura sem fim; **21.30**: Ao serão, com música francesa; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.50**: Concerto nocturno; **02.00**: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Musical; **17.00**: Média alta; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: 24.ª hora; **01.00**: As noites da Comercial; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Espaço Lubritex; **20.00**: Espaço Inforgal; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **00.00**: Hora Akai; **01.00**: Som da frente; **03.00**: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Banda da amizade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: A viagem continua; **20.00**: Boa nova; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Sequência; **22.30**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula três; **19.00**: Atlântida; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.20**: Grande bazar.

Voz do Alto Tâmega

15.00: Da veiga à serra; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fontes termais.

Voz de Lisboa

15.00: Voz de Lisboa; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Voz de Lisboa; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Voz de Lisboa.

Voz do Minho

16.00: Linha do Minho; **18.00**: Bola branca; **19.00**: Jornal da região; **19.30**: Largo do Coreto.

TELEVISÃO

RTP1

17.30 - Brinca Brincado
«Piaf», «Hey Bumboo», «Tim-Tim», «As Aventuras do Pardal Nico» e «Livros Jovens».

18.25 - Tempos Modernos
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.11 - Boletim Meteorológico para Agricultura
20.20 - Passarelle
41º Episódio

21.05 - Modelo e Detective
8º Episódio: Desolada, Maddie pensa como teria sido agradável, nunca ter ouvido falar da Agência de Detectives «Blue Moon», até que um anjo lhe mostra como seria bem diferente a vida de todos sem a sua presença.

22.05 - Primeira Página
23.10 - Tribunal de Polícia
27º Episódio: Selma Hacker, que anteriormente fora casada por seis vezes, encontra-se agora sozinha. Certo dia, reencontra um antigo namorado, Marty Ratner, que a convida a segui-lo até à Florida para começarem juntos uma nova vida. Selma aceita a proposta, mas o velho amigo de sempre, o juiz Harry, aconselha-a a pensar maduramente no assunto, antes de tomar uma decisão precipitada...

23.40 - 24 Horas
00.10 - Remate

RTP2

17.00 - Helena
105º Episódio

17.35 - Trinta Minutos Com...
Abi Feijó

18.05 - Music Box
«Via Rápida»:

19.05 - Music Box
(Off The Wall)

20.00 - Clássicos da TV
«O Fugitivo»: Kimble apaixona-se por uma mulher que está em liberdade condicional (apenas durante o dia), sem que ele saiba.

21.00 - Jornal das Nove

8º Episódio da série «Modelo e Detective», no 1º canal às 21.05

21.30 - Maude
28º Episódio

22.00 - Cinemadois
«A Mensagem»: Fernando Pessoa e «Mensagem» - o poeta e o seu livro num confronto cujo palco é a própria História de Portugal. A memória de um povo refeita através da experiência singular de um dos grandes vultos da cultura portuguesa deste século. Um filme de Luís Vidal Lopes, com Filipe Ferrer, António Pires, Álvaro Simões, António Miguel, Canto e Castro e Cristina Hasser.

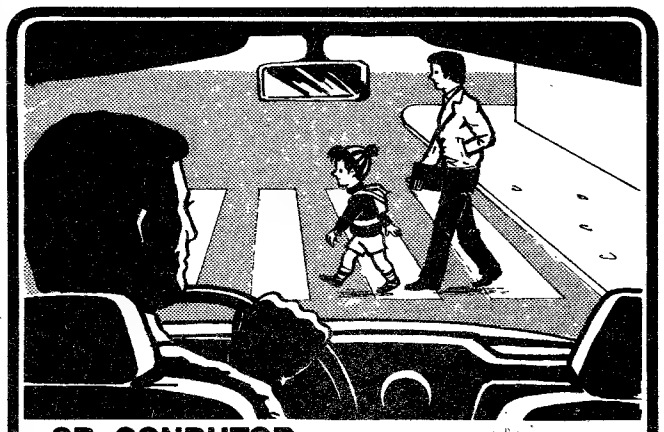
No 2º canal às 17.00, o 105º episódio da telenovela «Helena»

AMANHÃ

RTP-1
09.01 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.20 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Fama
14.15 - Viagem do Mimi
15.00 - Gala Real Inglesa
16.00 - A Última Fronteira
16.30 - Ponto por Ponto
17.30 - Brinca Brincando
18.25 - Tempos Modernos
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.07 - O Tempo
20.11- Boletim Agrário do Ministério da Agricultura
20.15 - Vamos Jogar no Totobola
20.35 - Passerelle
21.20 - Lotação Esgotada

RTP-2
15.01 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Helena
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - A Rota da Seda
19.00 - Music Box
19.55 - Clássicos da TV
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
21.55 - Primo Basílio

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.



GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 21.10 - Modelo e Detective

RTP2 21.55 - CinemaDois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento [illegible] Caraça, 17
Cruz Quebrada — 1495 LISBOA
Telef. 419 75 70

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54/5 — 32 02 71/2/3 — Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71/2/3
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» nos Açores e Madeira: 65$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Piteira Santos

ÚLTIMA HORA

Os preços do «brent», petróleo de referência do Mar do Norte, registaram hoje no mercado livre de Londres uma significativa descida, devido a um certo cepticismo relativamente ao respeito pelas quotas de produção da OPEP. O anúncio do acordo da OPEP tinha feito subir os preços como reacção inicial.

Hoje de novo no Tejo

"Infante D. Henrique": de sucata nacional a paquete de luxo estrangeiro

O paquete Infante D. Henrique, rebaptizado «Vasco da Gama», volta hoje ao Tejo, nove meses depois de ter abandonado o rio como um simples objecto de sucata.

O luxuoso «Infante D. Henrique», que percorreu os mares ao serviço da bandeira nacional durante mais de 26 anos, regressa agora às águas portuguesas, mas com pavilhão panamiano.

De sucata para a gestão portuguesa o navio transformou-se, em nove meses, num magnífico paquete turístico para os seus administradores estrangeiros. Em Lisboa embarcarão 750 turistas portugueses, que remeterão as divisas nacionais para os armadores greco-suecos.

Já com a bandeira panamiana, o «Vasco da Gama» navegou do Porto de Pireu, na Grécia, para Lisboa, onde os 750 turistas portugueses, que esgotaram a sua lotação, seguirão em cruzeiro inaugural rumo a Ceuta-Casablanca, de 1 a 4 de Janeiro.

O navio, que foi o maior e mais luxuoso paquete português depois de uma vida agitada em mares mais ou menos calmos, teve um fim inglório em Portugal: um apodrecimento lento, durante anos, como pensão numa lagoa artificial em Sines e, depois, feio e sujo, agonizou num qualquer cais deserto do Poço do Bispo, em Lisboa. O diagnóstico nacional foi a sucata.

O Gabinete da Área de Sines dispendeu, ainda, cerca de 39 mil contos para adaptar o navio às suas funções de hospedaria e gastou uma soma de mais de 47 mil contos para o adquirir como sucata.

Bastaram no entanto nove meses noutras mãos para lhe lavarem a «cara». Aperaltado pela tecnologia e pelo «faro» de uma nova gestão, o «Vasco da Gama» regressou do mundo de Hades, remoçado para enfrentar a navegação dos anos 90.

Da nova decoração interior destacam-se dois restaurantes, duas piscisnas descobertas, salões panorâmicos, música, locais para não fumadores, bares, night club, discoteca e bar-pub.

Com uma tripulação portuguesa de 248 elementos, o navio tem ainda um ginásio, sauna, massagem, infantário, cinema, casino, biblioteca, lojas e uma igreja. Todos os camarotes estão equipados com ar condicionado, TV a cores (vídeo ou emissores via satélite).

LOTARIA POPULAR

1º - 125812	1 500 000$00
2º - 339550	500 000$00
3º - 222387	250 000$00
4º - 117591	150 000$00
Terminações em 812	60 000$00
Terminações em 550	10 000$00
Terminações em 387	2 500$00
Terminações em 591	1 000$00
Terminações em 05, 06, 34 e 82	500$00

A.M.A. Auto Monumental de Aveiro SA
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

/D/E/C/A/R/A/S/

ROBERTO CARNEIRO sempre assiste, afinal, à discussão das verbas para a Educação consagradas em Orçamento de Estado, embora apenas em comissão especializada da Assembleia da República. Não é uma vitória da educação sobre o dever, mas sim uma forma astuta de evitar lavar a roupa em sessões de plenário que obtêm maior repercussão. É certo que o ministro da Educação já tinha feito denúncia pública da impossibilidade de cumprir metas e renovar o ensino em Portugal se o Orçamento elaborado por Miguel Cadilhe não lhe permitisse encontrar as notas suficientes para merecer «bom» no exame. Mas daí até aceitar confrontar-se publicamente com as perguntas da oposição parlamentar, em plenário, vai uma grande distância. E a verdade é que o importante é mesmo a obra feita. Na circunstância, convém não esquecer que o ónus da incapacidade para resolver os problemas do ensino entre nós recairá, de qualquer modo, sobre o ministro das Finanças. A outra face desta assumpção de responsabilidades, agora na comissão especializada, por parte de Roberto Carneiro, será a de os méritos possíveis lhe caberem a ele. É que, afinal, sempre é possível juntar algumas verbas da CEE ao que foi disponibilizado pelo OE e fazer uns brilharetes, quem sabe mesmo se com muito bons efeitos públicos. E ninguém dá por nada, porque as notas da CEE não trazem carimbo especial. O «mérito» é sempre de quem distribui as esmolas e fica conhecido dos pobres que as recebem...

Eleições amanhã

Distrital de Lisboa de olhos postos no PSD/Algés

Meios considerados desmesurados para disputas eleitorais desta natureza estão a ser mobilizados pelas duas forças concorrentes à gestão da secção de Algés do PSD, de cujo pleito poderá resultar, de acordo com fonte social-democrata citada pela agência LUSA, um desequilíbrio na correlação de forças no seio da Comissão Distrital de Lisboa daquele partido.

Às eleições para a estrutura -que, com cerca de mil inscritos, possui um peso significativo a nível distrital- vão colocar frente-a-frente, amanhã, António Moreira, actual líder -que conta com o beneplácito de Pinto Leite, presidente da Distrital- e Próspero Luis, militante considerado próximo do presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino Morais.

O pleito reflecte, afinal, duas posições opostas em relação à gestão do edil de Oeiras. Isaltino Morais é considerado «o melhor autarca social-democrata do País» pela generalidade dos núcleos e mesmo comissões instaladoras de novos núcleos, que têm nascido na zona à revelia da Comissão Política local e contestado pelo presidente desta estrutura, António Moreira.

Os defensores do autarca destacam sobretudo a política de habitação que empreendeu no concelho. E o próprio, se evitou comentar o acto eleitoral, apresentou precisamente os seus trunfos nessa matéria, revelando que Cavaco Silva entregará no próximo dia 18 as chaves às primeiras 40 famílias do Vale do Jamor contempladas com novas habitações, em Laveiras, Caxias.

LER ESCREVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO "DIÁRIO DE LISBOA". SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO.
CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO, 44, 1200 LISBOA.
TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

N.º 375

PODER E GLÓRIA, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

O tempo altera-se como medida do homem

Mário Avelar

«De que modo existem aqueles dois tempos - o passado e o futuro -, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser?»

Deste modo (se) questiona Santo Agostinho no Livro XI das Confissões ao reflectir sobre a essência do Tempo. Numa nota referente a este passo (*), os tradutores acentuam com justeza a concepção psicológica aqui expressa. Santo Agostinho não entenderá o Tempo sob uma perspectiva ontológica, reduzindo-o assim às contingências do olhar do sujeito. No entanto, não residirá nesse olhar o enfoque necessário para o entendimento do nosso lugar no universo? Da nossa transitoriedade? E também do que de efémero nos rodeia?

Há um momento nas nossas vidas em que o tempo parece suspender-se numa doce ilusão de segurança e permanência. Os lugares, as pessoas, os objectos surgem então como que resistindo incólumes à mudança. Mesmo a morte parece não o perturbar. Quando a consciência da mudança se insinua, objectos há que sinalisam a permanência, como resíduos de memória que firmam a nossa existência num contínuo. Assim, se ilude também a morte. Não será por acaso que se assiste hoje em dia ao visitar do antiquário por parte de uma jovem burguesia liberal. O que esse novo-riquismo aí procura é o objecto que, aparentemente, preenche uma memória, uma tradição, um passado. Deste modo se iludem raízes e se criam simulacros de superação do tempo.

Nesse romance essencial da nossa literatura que é A Sibila, mais do que a casa, é a **rocking-chair** que, no seu movimento rítmico, sinaliza o discurso da permanência, da tradição, da memória familiar: «Eis Germa que, embalando-se na velha **rocking-chair**, pensa e presente, sabendo-se actual relicário desse terrível, extenuante legado de aspiração humana. Nas suas veias, estão todos os infinitos estados do passado, no seu cérebro condensaram-se muitas experiências que não viveu, as negações e afirmações ocupam vastos espaços da sua alma. Ela move-se ritmicamente baloiçando-se naquela sala onde se recolhem em pilhas as maçãs; todo o ar rescende a maçã que suga da própria pele a frescura e dela dessangra o suco que acrescentará a reswerva da polpa viva, ainda por todo o Inverno.»

Mas, além do símbolo, a permanência revela-se através de outra presença, refiro-me às intervenções do narrador e na *sabedoria* aí expressa. Prazer e Glória participa de idêntica atitude.

Aqui se reitera o lugar da permanência, ao mesmo tempo que se introduz a figura do artista como polo unificador. Para além de possíveis referências biográficas, parewce-me essencial neste romance a conjugação destes dois planos: por um lado, as constantes intervenções do narrador onde a sabedoria se revela e, por outro, o modo como a históriado artista se insinua através da história colectiva, das mutações do espaço, dos lugares.

Observemos para já este último aspecto.

A João Pinheiro, o criador-protagonista, cabe essa função unificadora. A sua vida desenrola-se a nossos olhos através dos eventos considerados importantes pelo narrador, não no sentido de apresentar uma justificação positivista de causa-efeito, mas sim de o focar lateralmente através de episódios, circunstâncias e factos significativos. Aí ressalta o seu lugar na família, a relação com o pai e com a arte.

O artista e a arte surgem assim inseridos num processo de inevitável reflexão dos eventos quotidianos. E por isso mesmo se transformam. No início, *«A obra dele exprimia uma cólera e uma espécie de demência furiosa, exactamente porque estava impregnada das opressões da alma.»* (p. 62) No entanto, quando o fim se aproxima, diz o narrador: *«A verdade é que já não era um criador, mas um simples cliente de si próprio. Tudo à sua volta ia sofrendo mudanças, mas tão lentas que não valia a pena esperar para ver os efeitos ou os gozar e tomar como eixo de novas composições na arte. O que predominava era uma tremenda repetição na prolongada era jurídico-clerical que se empenhava em ficar imóvel. 'E, contudo, ela move-se' - pensava João Pinheiro, com um sorriso.»* (p. 257)

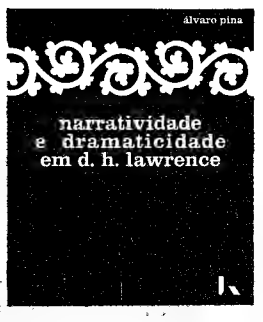
Como retratista da classe dominante, a sua obra reflectirá *«as pequenas mudanças necessárias para que tudo fique na mesma»*, parafraseando Lampedusa. Também aí se espelham os efeitos do tempo. Mas será essencialmente nas relações humanas que a nova medida do tempo se impõe: *«O tempo alterara-se como medida do homem. Não se estendia mais como um tapete rolando para a eternidade: era confinado aos sentidos de cada um, às suas probabilidades de prazer e de lucro. O homem criava um mundo para uso imediato, e a sua alma tornava-se plana e sem peripécias, só com efemérides.»* (p. 63)

Ao observar diferentes motivações e comportamentos ao longo da nossa História recente (transição da República para o Estado Novo sob uma forte memória da Monarquia, e o período pós-25 de Abril), o romance introduz necessariamente personagens vivendo entre épocas, personagens marcadas até por uma clara consciência de transitoriedade. Verónica, por exemplo, *«estava entre duas épocas: as da alternância entre a valsa de Viena e as experiências de Charcot.»* (p. 51) Assim ele se re-

Continua na pág. 6

NOVIDADES

Livros Horizonte



NARRATIVIDADE E DRAMATICIDADE EM D. H. LAWRENCE
Álvaro Pina
Novas pistas de análise e novas interpretações para a mestria de D. H. Lawrence nas formas narrativas breves

A SAIR EM DEZEMBRO

PESSOA: METADE DE NADA
E. M. de Melo e Castro
★ ★
IMAGENS DO MUNDO MEDIEVAL
Iria Gonçalves
★ ★
DESCRIÇÃO DA CIDADE DE LISBOA
por Damião de Góis

Pedidos a:
LIVROS HORIZONTE
Rua das Chagas, n.º 17, 1.º Dto., 1200 LISBOA
Tel.: 36 69 17 - 36 85 05

Distribuição:
DIGLIVRO - Lisboa Tel. 99 22 00/01/02
MOVILIVRO - Porto Tel: 57 89 37/57 65 94

SOBRE GILLES LIPOVETSKY

A era do vazio conduz ao narcisismo

Lourdes Féria

O impulso modernista, com a sua crença no futuro, na ciência, na técnica e na revolução (amanhã, o mundo ia mudar) esgotou-se. Dizem-no os filósofos, os sociólogos, os analistas das sociedades industrializadas que tomam como modelo. Dentro deste campo se inclue «A Era do Vazio», do francês **Gilles Lipovetsky,** um livro recentemente editado pela «Relógio D'Água». Obra que tal como uma outra do mesmo autor, com o título de «L'empire de l'ephémere» (a moda e o seu destino nas sociedades modernas» se debruça sobre o declínio do sentido histórico.

Fala, portanto, da condição do homem ocidental, atacado do **«complexo de Narciso»,** o que significa a obcessão pela sua própria imagem «já nenhuma ideologia é capaz de inflamar as multidões, a sociedade pós-moderna já não tem ídolos nem tabus, já não possui qualquer imagem gloriosa de si mesma ou projecto histórico mobilizador; doravante é o vazio que nos governa, um vazio sem trágicco nem apocalipse.» Não sua, pois, descabido considerar a emergência de uma crise cultural. De valores, de ideias. Nota-se com efeito, uma deslocação da esfera do colectivo para critérios que preveligiam o individual.

Enquanto na época moderna vigorava, como valores máximos, a produção e a revolução, o que, na tendência actual, se distingue é a importância dada à informação e à expressão. O que importa é a imagem de marca, aparecer nos «media», comunicar, seduzir — noutros termos, será alimentar o ego. «Libertando-se do getho da superestrutura e da ideologia, a sedução tornava-se relação social princípio da organização global das sociedades da abundância». Como se desenvolve a estratégia? Cuidando do corpo e do espírito, absorvendo o mais possível de informação cultural, perseguindo o mito do sucesso. É pôr o acento no «indivíduo autónomo» que sabe administrar a sua vida e afirmar-se socialmente. **Gilles Lipovet-sky** refere-se, amiúde, ao **hedonismo,** à técnica de buscar o prazer que no fim de contas, oculta a luta pelo poder.

Todos, tanto quanto somos actores e espectadores, vivemos rodeados de espelhos, nos quais avaliamos o nosso poder de impressionar os outros. A indústria da publicidade, inteligentemente eestruturada, encoraja, sem dúvida, este jogo das aparências. «Com o reino dos media, dos objectos e do sexo, cada indivíduo se observa, se testa, se vira mais para si próprio à espreita da sua verdade e do seu bem-estar, tornando responsável pela sua vida, devendo gerir o melhor possível o seu capital estético, físico, libidinal, etc».

Segundo o filósofo, professor das Universidade de Grenoble, o afã sedutor foi transferido também para o mundo da política. Criou-se graças aos meios de Comunicação Social uma atmosfera de irrealidade. Fabricam-se figuras de dirigentes sem estofo para o serem, inventam-se factos políticos, exploram-se situações que não existem. Hoje, a política confunde-se com o **teatro,** reduzindo-se ao puro espectáculo e, assim, se consegue manipular o eleitorado. Por outro lado, temos de admitir que estas atitudes são perigosas, na medida em que geram a **indiferença** pelo que é realmente importante.»... O deserto pós-moderno encontra-se tão longe do nihilismo passivo e do seu deleite comprazido, na inanimidade universal, como do nihilismo activo e da sua auto-destruição. Deus morreu, as grandes finalidades extinguem-se, mas toda a gente se está a lixar para isso, eis a jubilosa nova, eis o limite do diagnóstico de Nietzsche a respeito da queda europeia.»

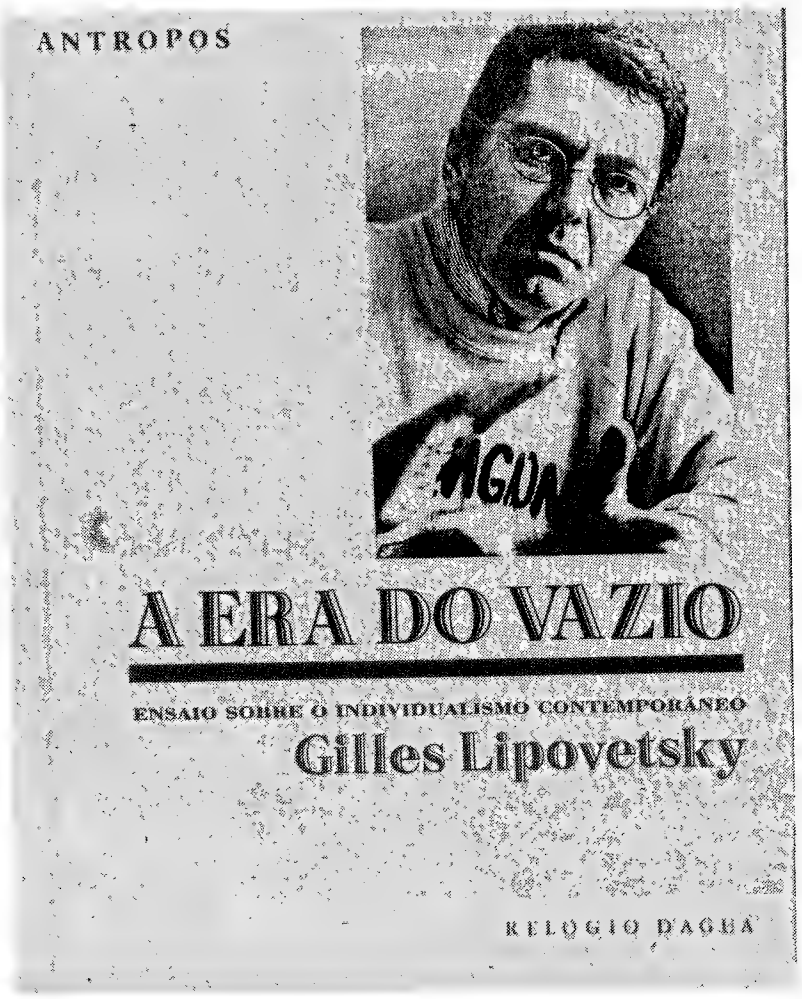
Todavia, assistimos a uma ilusória actividade dos partidos políticos, dos sindicatos, dos Órgãos de informação, com vista a alertar as consciências, a espevitá-las a envolvê-las no processo.

Dir-se-ia que gostariam de ver os cidadãos participar, o que se afigura contraditório com a sua lógica. Na verdade é o sistema que produz, através do seu aparato comunicativo, a apatia, aquilo que fLipovetski classifica de **«indiferença pela saturação».**

Somos confrontados com um turbilhão de imagens e de ecos que acabam por minar o nosso sentido da realidade. Dai que o indivíduo se examine ansiosamente na câmara de esplehos que funciona como uma espécie de prisão. O investimento desviou-se para o espaço privado, como nos filmes de **Woody Allen.** Já nem sequer vale apena acreditar na transgressão, e até o **feminismo,** a causa das mulheres, contra a ditadura falocrática, colabora do espectáculo do vazio. «A sedução feminina, misteriosa ou histérica, dá lugr a uma auto-sedução narcísica que homens e mulheres partilham por igual, sedução fundamentalmente transsexual, à margem das distribuições e atribuições de sexo.

Longe de ser uma máquina de guerra, o feminismo é muito mais uma máquina de desestadartização do sexo, uma máquina que se aplica à reprodução alargaada do narcisismo.»

Mas será que desapareceu o desejo de construir uma sociedade melhor? O que é que aconteceu aos resistentes? O grave consiste em que ninguém já pretende colocar-se **fora,** mas sim **dentro.** Do sistema, obviamente. Comportamento em que pesa imenso o factor contágio.



A hora absurda em *A Morte Pressentida* de Lorenzo Baleirón

Vergílio Alberto Vieira

Se a compreensão do mundo exige tempo e a morte é, de facto, o primeiro sinal de salvação, a vida foi para ele, como em outro contexto disse Nietzsche, o último fumo de uma realidade que se evaporou.

Nascido em Laino, na Corunha, a 25 de Janeiro de 1962, estreia-se, na poesia, em 1985, com *Os Dias Olvidados*, tornando-se a mais surpreendente revelação das Letras Galegas dos últimos anos.

Chamava-se Eusebio Lorenzo Baleirón. E porque nem sempre é Outono quando do tempo cai a folha do sicómoro, escrevera um dia: *«A esta hora final xa non me agardam. / Entrarei em silencio na casa.»*

Em Dezembro de 1986, vítima de cancro, morria. Tinha então vinte e quatro anos de idade. O dia, esse, fora o de Santa Lucía, o mais breve dia do ano, segundo a tradição popular.

Com a chancela das Edicións Sotelo Blanco, de Barcelona, na sua colecção **Leliadoura**, chega-nos agora um título póstumo: *A Morte Presentida*, que vem juntar-se a outros: *O Corpo e as Sombras*, também de 1985, e a um livro de contos, o *Libro das Viaxes e dos Soños*, de 1986.

A *Morte Presentida*, título que, de momento, nos ocupa não é sequer um livro comovente: é um desses livros talhados na pedra, o livro de quem levou o combate espiritual até às últimas consequências.

E a obra aí está, não lhe pertence já, porque a obra é nada, a obra é tudo.

Como no controverso prefácio a *O Estrangeiro*, de Camus, escreveu Sartre, a propósito do heroi (passe o eufemismo) à pena capital condenado: *«Se o absurdo fosse uma graça, seria preciso dizer que ele a recebeu.»*

Quem desta poética dissesse: ela humanizou a morte; em seu canto nupcial, o poeta celebrou a vida - não andaria longe da verdade.

Mas ele sabia que uma única morte pode ser vivida por nós, uma só morte nos pertence, quando a vida em nós amadurece, aos poucos, o fruto amargo do saber. Até ao apodrecimento final.

Mas a morte, a morte é esse obscuro desprendimento de um fruto quando cai, porque mesmo distante, sempre próxima de nós está, a morte.

Ela aproxima, com efeito, diferentes naturezas, tudo dela ignoramos, e mesmo quando nos é íntima, como o foi para Lorenzo Baleirón, quase familiar, intimidade nenhuma temos com a morte.

Morrer do mundo e para o mundo, porém, não é pequena coisa, é uma dádiva que o mundo, acima de tudo, não merece. Mas o homem vive a sua própria carência de saber. Como diz o poeta galego, chega-se ao fim da infância com: *«unha música incerta na alma»*, não fosse a infância esse universo, cuja circunferência o espaço elege em toda a parte, e em parte nenhuma elege o centro, ou não vivesse o homem, como pode ler-se em Un poema de outro tempo: *«... a absurda convicción / de sabernos perdidos nun túnel sen retorno.»*

Eusebio Lorenzo Baleirón sabia que nenhuma existência pode ser partilhada, e ainda que equivocamente, inequivocamente nos resta vivê-la: *«Devemos ser os artífices e os poetas da nossa morte»*, dizia Maurice Blanchot, num capítulo de *O Espaço Literário*, a que dera o título de Rilke e a exigência da morte.

Isso fez o poeta.

Até ao limite combateu. Sem desespero, porque a aproximação da morte foi para ele a necessária aproximação da obra.

Interminável. Como num jogo do sério.

E depois também para morrer é necessário congeminar uma espera. Ele compreendeu essa espera absurda, e viveu-a serena e vertiginosamente, como um deus, insisto: até ao limite da resistência humana.

Primeiro, por um processo de pactuação. Depois, por direito próprio, para que essa espera se tornasse habitável, e através dela passasse a caminho da solidão essencial.

À beira da morte, sem que o soubesse, ele sabia que o espaço que ela habitualmente proporciona não é o espaço da temporalidade finita, o da desolação, o da devastação, mas o daquela unidade que tudo suporta, daquela gravidade com que o homem suporta a imagem fulminante do que fora de nós está, o que desesperadamente nos acena, e nos convoca, e nos atrai, mas a que não podemos ceder absurdamente antes da hora.

Desamparado de todo o socorro, ele enfrentou esse arrebatamento até ao fim. Escrevendo para o silêncio, a vida foi para ele a mais severa forma de obstinação.

É provável que com a vida, iniludivelmente, ele tenha gasto, afinal, todo o metal da sua voz.

DOCUMENTOS INÉDITOS EXISTENTES NA BIBLIOTECA NACIONAL

CARLOS MAYER, *um dos vencidos da vida*

Maria José Marinho

OS MAYER (1846-1910) — de seu nome completo, Carlos de Lima Mayer — era filho de pai francês, radicado em Portugal pelo casamento com uma rica herdeira da família Abreu de Lima. Aos 15 anos, com as habilitações necessárias, parte para Coimbra, onde se inscreve em Matemáticas e Filosofia. Nesse Outono de 1861, Antero, então com 19 anos, matriculara-se pela primeira vez no quarto ano de Direito, que irá repetir no ano seguinte. Naquela «encantadora e quase fantástica Coimbra» da década de 60 o «poeta-filósofo» e o grupo de amigos e admiradores — Germano Vieira Meireles, os irmãos Sampaio, José e Alberto, Lobo de Moura, José Falcão, Santos Valente, Frederico Filemón, Anselmo de Andrade, António de Azevedo Castelo Branco, Manuel de Arriaga, os irmãos Faria e Maia — começava a ser conhecido. «Nesse tempo — recordará muito depois Eça de Queiroz — ele era, em Coimbra, e nos domínios da inteligência, o Príncipe da Mocidade.»

E não tardou que o jovem neófito, embora de início irritado com as atitudes praxistas de Antero, acabasse por aparecer de quando em vez nessa tertúlia de jovens intelectuais coimbrões. João de Deus, bastante mais velho do que eles todos, já bacharel em Direito, curso que lhe levara 10 anos a completar — «tantos como a guerra de Tróia» — como comentava com ironia, ainda vagueava pela Lusa Atenas, sem rumo definido. Antero e Carlos Mayer votavam ao grande poeta lírico uma admiração sem limites. Este mútuo afecto ainda os aproximou mais.

Mas de quem o estudante lisboeta se tornou companheiro de todos os dias, amigo de todos as horas, foi de Eça de Queiroz, também da mesma idade e desembarcado em Coimbra nesse ano. Haviam sido apresentados por Manuel de Castro Pamplona, um dos futuros cunhados de Eça de Queiroz, e ficaram amigos para toda a vida.

Completado o curso, Carlos Mayer volta a Lisboa e resolve dar novo rumo à sua vida — matricula-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. A três meses da formatura, um dissídio com o mestre Alvarenga, lente de anatomia comparada, que ganha foros de escândalo devido à irreverência do aluno, impede-o de fazer os últimos exames. Decide então ir para a Universidade de Gand, na Bélgica, especializar-se em matérias científicas pouco conhecidas em Portugal.

De regresso à pátria, volvidos dois anos, alimenta os mais sérios propósitos. Tal como o personagem d'«Os Mais» «ser médico a sério» era o seu objectivo, seduzido pelos aspectos «militantes e heróicos da ciência». Mas afinal, tanto Carlos da Maia como Carlos Mayer eram homens que cultivavam o diletantismo, procurando não encarar a vida demasiado a sério, fruindo-a apenas nos seus aspectos mais agradáveis. E o projecto, rapidamente se desfaz em fumo.

As tentações que Lisboa oferecia, nestas últimas décadas do século XIX, a um jovem filho-família eram inúmeras. Logo após a sua chegada, começou a frequentar os salões de Maria Kruz e da Duquesa de Palmela, onde se juntava a intelectualidade lisboeta e onde Alexandre Herculano, já recolhido em Vale de Lobos, não desdenhava aparecer quando descia à capital. A presença e a participação de Carlos Mayer nas reuniões, ceias, bailes jantares, piqueniques, nos elencos teatrais, tornou-se imprescindível. Os seus ditos espirituosos, os trocadilhos, as respostas repassadas de humor, não raro ferino, faziam dele a «coqueluche» dos encontros sociais.

Nem o casamento o afastou desta vida agitada e vazia. A casa que habitava na bela Quinta da Cruz do Taboado, onde hoje se situam as Avenidas Novas, transformou-se num centro mundano e intelectual de Lisboa. Cercada de denso arvoredo, enquadrada por belos jardins, destacava-se numa elevação com quatro torreões em forma de pinha, reluzindo no seu revestimento de azulejos de Delft, tal como um palácio de porcelana. Aí convalesceu Oliveira Martins do tifo apanhado nas minas de Santa Eufémia, em Espanha. Aí estanciou Eça de Queiroz durante algumas fugas a Lisboa, pagando as frequentes visitas que o amigo lhe fazia em Bristol e depois em Paris. Até Antero, um dos menos mundanos elementos da Geração de 70, aí entrou seduzido pela convivência com a «nata» da intelectualidade lisboeta que os salões da Quinta da Cruz do Taboado proporcionavam a quem os frequentava.

E foi assim, ao sabor destes encontros, que nasceu, no fim da década de oitenta o grupo d'Os Vencidos da Vida, um grupo de «jantantes», no dizer de Eça. Todos eles bem colocados, política e economicamente, todos eles bastante desconsolados com as «maravilhas deste século», juntos pelo prazer da conversa brilhante, da comida saborosa, do vinho generoso. Eram onze convivas — Oliveira Martins, Carlos Mayer, Conde de Ficalho, António Cândido, Carlos Lobo de Ávila, Conde de Sabugosa, Bernardo Pindela, futuro conde de Arnoso, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão e Luís Soveral, mais tarde Marquês de Soveral.

Ora no Hotel Bragança ora no café Tavares, ou em casa de um ou outro, os ágapes sucediam-se, nem sempre respeitando a periodicidade semanal que fora, de início, combinada. Também nem sempre o grupo se encontrava completo. Um dos que mais faltava era Guerra Junqueiro, que vivia no Norte.

Nos jornais começaram a surgir comentários, mal-humorados uns, sarcásticos outros. «Dúzia e meia de ratões que se juntaram para envelhecer...» — bravama Fialho de Almeida que nunca levara o grupo à paciência.

Mas com o evoluir da situação política, com a questão do ultimato e a exacerbação do conflito republicanos-monárquicos, deu-se um agravamento das tensões já existentes entre os Vencidos da Vida. O grupo desconjuntou-se e desfez-se.

Quando Carlos Mayer escreve esta carta a Jaime Batalha Reis, já quatro dos «vencidos» tinham soçobrado na morte — Eça, Oliveira Martins, Ficalho e Carlos de Lobo de Ávila. A sua bela Quinta da Cruz do Taboado fora arrasada para dar lugar à construção de uma parte da cidade nova. O mundo em que haviam vivido estava a desmoronar-se. Morava agora numa casa às Janelas Verdes, arruinado financeiramente e com a saúde em franco declínio. A 28 de Fevereiro de 1910, completamente cego, irá refazer o gesto, seu amigo Antero. Fechando-se no quarto, estendeu-se na cama e descarregou o revólver contra si próprio.

Os Vencidos da Vida (da esquerda para a direita): Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro

9 de Janeiro 1905 — 70, Janelas Verdes

Lisboa

Meu querido Jaime.

Desculpa-me de não ter respondido ainda à tua boa carta do 1.º do ano, agradecendo e retribuindo-te de todo o coração boas festas e bom ano para ti e teus filhos. Por outros amigos também devo ter sido acusado de negligência na minha correspondência particular, mas a verdade é que mereço desculpa atendendo a uma saúde sempre precária. Enquanto andei por fora com a Margarida pela Suíça, Alemanha e França passei sempre bem, mas apenas aqui **retombei accroupi** *neste meio deletério, voltaram-me todos os achaques e misérias que a família e os seus carinhos mal podem suavizar. — Isto é o balanço pelo lado físico. — Pelo lado moral ou psíquico (muito custa a pronunciar na ingrata língua pátria) ainda é pior. Não se fala se não em questões entre os Tabacos e os Fósforos. É preciso para ter uma situação social ser abertamente por uns ou por outros. Ou Burnay ou Torlade, ou lançado às feras por ambos. Desde o alto da escala social até ao galego da esquina, todos se pronunciaram e alistaram em um ou outro campo.*

Eu estou perplexo e indeciso sendo pelos meus inveterados vícios condenado a fumar os meus cigarros dum acesos aos amorfos do outro. Distraído e prostrado digo de quando em quando aos meus pequenos: dá daí um Burnay e acende-me um O'Neil... E assim se vai vivendo.

Desejando-te pois um ano muito feliz para ti e para os teus, aceita um abraço do teu velho amigo.

Carlos (*)

(*) Espólio Jaime Batalha Reis, Esp. 4/42-59.

Língua do poder, poder da língua | OU UMA OUTRA FORMA DE SE

Maria Antónia Martinho

«Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher.» (Pitágoras)

Eva foi criada do homem. Para o homem. Assim se erigiu todo o profundo antifeminismo da civilização cristã. Adão. O Homem. Mãe da Humanidade. Eva, depois. Por acréscimo.

«E da costela que o Senhor tomou do homem, formou uma mulher e trouxe-a a Adão. E disse Adão: esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne». (Génesis)

Adão. (N)O discurso directo. A palavra. O **poder da palavra**. Para si, Adão não pudera pôr nome. Sem a presença do **Outro**, da mulher, não podia reconhecer-se e/ou denominar-se.

Eva. Ou a criação vital para a humanidade de Adão. Ou para o reconhecimento da sua própria humanidade.

E também Édipo e Narciso são homens.

A mulher, essa (eternamente) **outra**. O **outro sexo**. Ou o complemento do sexo. Ou o **não-sexo**. O abrigo, lar do prazer homem. A mulher mistério, plural. A múltipla, sem formas. Sem a forma. O Falo. O uno. O sentido único. Outra em si mesma. O «continente negro».

O Falo. O Pai. O Mesmo.

O sentido do discurso. De todo o discurso. Ou da verdade. E da propriedade. Do ser.

Mulher: a mãe ou a puta. Objecto de consumo, real ou imaginário.

Virgem Maria. Ou Eva. Fonte de todos os pecados.

A língua do desprezo

A língua: esse reflexo de relações (de poder), espelho de relações (de força) no (re)enviar a imagem duma sociedade, do poder que a rege.

O **opressor** dispõe geralmente dum **registo de desprezo** infinitamente mais alargado que o **oprimido**. No seu **uso diferencial**. Sobretudo ao nível da própria estrutura da língua, singularmente no domínio lexical.

O **direito de nomear**, a prerrogativa do dominante. O direito de nomear é a versão linguística da apropriação. E, uma vez que nunca constitui um grupo social absolutamente separado, a língua do desprezo é (também) interiorizada pelo oprimido.

O principal e fundamental mérito das feministas foi, quanto a nós, o de terem (re)colocado a questão da diferença entre língua dos homens e língua das mulheres no terreno ideológico, o que não tinha sido suficientemente desenvolvido, quer nos estudos anteriormente realizados pelos antropólogos, quer nos desenvolvidos pelos dialectólogos.

Assim, e a partir de então, a tónica passou mais a ser posta sobre a **condição feminina** e não tanto sobre o **sexo**, isto é, no fundo tratou-se antes de adoptar um ponto de vista social - recusando as explicações «psicologistas» fundadas sobre a «natureza feminina» - e não um ponto de vista psico-biológico, tomando, portanto, posição na controvérsia natureza/cultura.

Diferenças evidenciadas entre discurso masculino e feminino são de carácter essencialmente cultural. A **diferenciação sexual** aparece, antes de mais, como um facto de ordem sócio-cultural que se reflecte na língua enquanto sistema semiótico, entre outros.

Se diversos estudos detectaram já diferenças de registo lexical entre os dois discursos - feminino e masculino - ligados a traços culturais (papel social, divisão do trabalho), ou a traços «naturais» (alguns dos quais recebiam uma interpretação psicanalítica), e diferenças de ordem sintáctico-estilística e fonética, falta ainda, para um estudo da problemática em questão, analisar as formas de comportamento não verbal que intervêm na comunicação.

A função do género

De um ponto de vista estritamente gramatical, o género constitui um sistema de classificação dos substantivos que se manifesta no plano sintáctico por **fenómenos de acordo.** Todas as línguas que possuem sistemas de classificação nominal mais ou menos complexos são fundados sobre a oposição de traços contrários, como macho/femea, animado/inanimado, humano/não-humano, etc, aos quais se poderão ainda acrescentar outros menos complexos como as dicotomias grande/pequeno, raso/relevo, etc.

Qual, então, a **função do género**? Porquê a necessidade de fazer distinção de género?

De um ponto de vista funcionalista da língua, cremos que as distinções de género para nada servem. Línguas como o inglês, por exemplo, praticamente as aboliram.

Nas línguas onde o género existe coloca-se o problema da relação da língua à realidade que deve reflectir.

É o género (ou poderá sê-lo) reflexo duma **visão do mundo**? Apercebemos, **de facto**, a morte, a lua, a terra, como femininos porque o «acaso» duma classificação nominal (arbitrária?) os dotou do género feminino? Ou, pelo contrário, serão femininos porque se prendem a valores simbólicos que se ligam às estruturas mentais e sociais e a valores culturais?

Cremos que, em qualquer caso, o processo de aparição do género feminino não se concebe, no seu princípio e no seu desenvolvimento, senão no quadro duma sociedade determinada, tendo certamente em conta que **a situação económica e moral da mulher nesta sociedade teria tido um papel importante na causalidade do fenómeno.**

No fundo, a questão da origem do género é um falso problema. Qualquer que seja o sentido da seta «género ->simbolismo», ou «simbolismo ->género», o sistema, tal como existe e funciona, veícula noções e uma ideologia que estão, indubitavelmente, ligadas ao status social do homem e da mulher, bem como aos estereotipos masculinos e femininos que segregam toda a sociedade.

O género está «condenado» e mantem-se por razões que se poderão prender e atribuir a uma espécie de *fatum* linguístico? Ou tão-somente ao princípio de inércia?

Nas línguas de «género gramatical», onde a distinção dos inanimados entre «masculino» e «feminino» (a)parece ao espírito racional largamente arbitrária, a **visão do mundo** dos sujeitos falantes encontra-se profundamente influenciada por essa dicotomia (feminino/masculino), que lhe é imposta pela linguagem, quaisquer que sejam as raízes históricas do sistema.

E isto não é uma questão de forma, mas de concepção.

O género constitui uma metófora de todos os instantes que deve ser entendido como meio expressivo que é. As mudanças de género operam-se mais por uma questão de categorização mental que por razões fonéticas.

(Tomemos um exemplo, entre os muitos susceptíveis de serem escolhidos: os nomes atribuídos às máquinas. Constata-se o predomínio do uso do feminino - aliás, enquanto auxiliares do homem, só o poderiam ser. **Um** motor comunica a força e a acção a todas **as** máquinas - sem força própria, que lhe obedecem e que nada podem sem ele. Não é, talvez, por acaso que os nomes das máquinas actuais, mais sofisticadas, mais autónomas, revelam uma certa tendência para serem masculinas. O computador. **O** computador é **uma** máquina.)

O género alimenta as representações do inconsciente colectivo. Revela-se, portanto, essencialmente como suporte das representações simbólicas colectivas.

Independentemente da sua **função**, vive no seu **funcionamento**.

Que feminino?

A identificação da terra à mulher encontra-se em todas as culturas e em todas as épocas. Terra-mãe. Alma-mater. As línguas indo-europeias acordam em lhe conferir o género feminino.

O céu, de onde vem a chuva fecundadora, é do masculino. A terra, que é fecundada, é do feminino.

Toda a ideologia judio-greco-romano-islamo-cristã, orientada para o Deus-Pai, é paternalista e sexista, e isto manifesta-se, obviamente, ao nível da língua.

A tendência **antropomórfica** do homem leva-o universalmente a sexualizar a natureza e a realidade. Isto é, no fundo, dar um fundamento concreto às suas representações simbólicas. Se os locutores de uma língua com género gramatical são, em larga medida, obrigados a enquadrar estas representações em estruturas gramaticais pre-existentes, afigura-se que os locutores de uma língua sem género gramatical serão mais livres de criar a metáfora sexual.

Os dois temos que (re)colocam os homens e as mulheres no seu «lugar», «feminilidade» e «virilidade», estão longe de ser neutros ou inócuos. Para se ser objectivo será talvez necessário o emprego de uma outra expressão, «**condição feminina**», ainda que esta, por sua vez, perca uma objectividade própria pelo facto de se não dizer a «**condição masculina**».

«Feminismo», «condição feminina»... nenhuma destas expressões têm equivalentes masculinos, isto é, acabam por definir-se por oposição a «qualquer coisa» que se instalou em (o)posição dominante e que, por tal, não tem nome, dele não necessita.

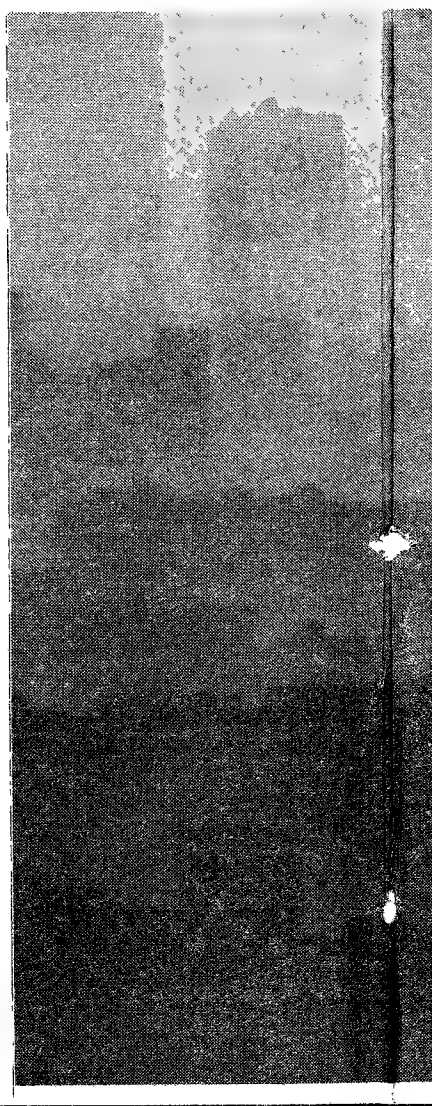
Os homens não têm que definir o seu lugar. Ele É.

A língua do poder

Toda a palavra que tem por referente um (não-)ser (do sexo) feminino encontra-se na categoria do **eufemismo**, na máscara da realidade. Implantado o seu uso, acaba por substituir-se completamente à palavra que é suposto substituir e, daí, uma mudança de sentido que necessita o recurso a um novo eufemismo.

O uso de «**mulher**» ou «**rapariga**» num sentido absoluto representa uma confusão **deliberada** entre a categoria (a puta) e a espécie (a mulher). (Exemplo, as expressões «ir às mulheres» ou «ir às raparigas», etc).

A multiplicidade de nomeações situa a mulher, antes de tudo, como objecto sexual. Guiraud recenceou sete mil termos para cobrir cerca de cinquenta conceitos, dos quais mais de quinhentos são para a mulher, quinhentos e cinquenta



SE NÃO DIZER DO FEMININO...

para o pénis, mil e trezentos para o coito, cinquenta para o orgasmo masculino, nove para o feminino. Esta **«riqueza»** sexual repousa, em grande parte, sobre o eufemismo que participa num desejo de eliminar o que se teme, evitando nomeá-lo ou pejorando-o pelo emprego provocante da antífrase e da metáfora.

É, portanto, no **vocabulário mais alargado da sexualidade e do erotismo** (masculino) que «convem» (re)colocar a mulher.

A este propósito interessa relevar que esta representação da sexualidade e a linguagem que dela resulta é de origem inteiramente masculina. As palavras e as imagens reflectem uma experiência que, salvo raras excepções, é vivida e traduzida unicamente pelos homens.

Esta carência de linguagem é uma verdadeira castração que impede e que interdita a mulher, não só de conhcer claramente a sua própria sexualidade, como sobretudo de a viver e de a assumir. E as consequências disto são ainda mais consideráveis na medida em que a sexualidade - e a sexualidade masculina - constitui a metáfora fundamental através da qual imaginamos e representamos toda a realidade psíquica: mental, afectiva e libidinal.

As injúrias do (ao) carácter sexual assinalam o desprezo pela mulher. Mais profundamente revelam o **medo da impotência** de que só a mulher é juíz. E testemunha.

Ideia de luta. O ataque é ideia central.

O pénis: arma. Correlativamente Poder da língua. Língua do poder. Ou a necessidade de o homem atacar primeiro.

Mãe. Puta. Ou a necessidade do homem **ter** a mulher nestes dois papéis.

A língua: sistema simbólico comprometido nas (pelas) relações sociais.

Língua: **espelho cultural**. Pela sua própria estrutura. Pelo jogo das conotações ou da metáfora. Que fixa representações simbólicas. Que (se) faz eco dos (pre)conceitos, dos estereotipos.

A palavra. Forma de **acção**.

O controle da palavra. Forma de **poder**.

A mestria de palavra, da palavra significante, funcional, é um instrumento de opressão (masculina) da classe dominante.

As mulheres falam, falam, falam... mais (e pior) que os homens.

A mulher tagarela (no discurso feminino). O homem discute. Tudo se passa como se o excesso de palavras, a tagarelice, substituisse o poder, fosse (ou pudesse ser) uma compensação dessa ausência.

Retoma-nos a ironia de Barthes... *«fechem à chave o gineceu e só depois disso ponham lá dentro a mulher em liberdade»*.

Chuva nos fios telefónicos entrevista de uma janela meia aberta

Pedro Alvim

Chuva Chuva Chuva Chuva Chuva
É uma tarde
de...
,,
,,,
e ouve-se o canto de um rádio
algures
ligado..
......
O tempo chora pelo casaco, vai-se pelas mangas,
silencioso
cai nos
sapatos,,,
E a música algures de um rádio humedece-nos
tanto que somos
um lago em círculos
concêntricos...
Assim assim assim assim
assim..............
You must remember this
a kiss still a kiss
a sigh is just a sigh

.................................,,,,,,
..........................------
....
....
....
Que d !..............................

Nota Breve

Poema dedicado a E. M. de Melo e Castro pelo seu livro Poética dos Meios e Arte High Tech. Feito em Computador IBM. Utilizados. diversos tipos da rubrica Character, bem como sinais de pontuação e a linha de sublinhado (underline). Centrado na rubrica Document.

O Zadig de Voltaire

Não deixará de oferecer o seu interesse reler, num tempo de tantas tão preocupadas interrogações, como é o presente, esta "história horiental" de Voltaire que dá pelo nome de *Zadig ou o Destino*.

Trata-se, como se sabe, de uma engenhosa novela que toma por cenário essas míticas paisagens do Oriente que enformavam o imaginário setecentista - no caso vertente, as antigas Caldeia, Pérsia, Síria, Egipto..., mas muito principalmente, naquele primeiro Estado, essa babilónia a tantos títulos (de méritos e demérito) celebrada. Nela, Zadig protagoniza, por entre as muitas atribulações em que o faz incorrer um destinoaparentemente cego e cruel, a luta da razão contra a ignorância e a superstição, o combate da justiça contra a injustiça, a prática do bem contra a do mal.., Tudo, como detectará o leitor atento, bem de acordo com os propósitos do Iluminismo a que tão empenhadamente Voltaire prestou culto. Mas nem por isso, nem por esse excessivo acentuar da luz branca da Razão (que os românticos, décadas volvidas, obnubilariam, apostados em exaurir da sombra o que esta, outrossim, contém de vitalmente profundo...), nem por isso, dizíamos, o leitor seguirá hoje com menor apego o percurso das vicissitudes experimentadas por Zadig. E não, por duas principais razões: a acabada arte de narrador de que Voltaire dá provas e a potencial actualidade, face às ainda muito notórias limitações das sociedades humanas, especialmente no que tange à teorização e organização da polis, de que se revestem tantos dos juízos críticos e conclusões expendidos ao longo da obra.

Efectivamente, as estranhas aventuras de que Zadig vai sendo o castigado herói entretencem-se de conflitos decorrentes, fundamentalmente, da prepotência, do arbítrio, da inveja, do ciúme, mas também (por ilógico que pareça...) da isenção, da solidariedade, da amizade, do amor... Conflitos nos quais alastram, como sombras sinistramente persistentes, o capricho, a mal querença, o ódio... Intriga, toda essa, não destituída de novelesco interesse e extrema curiosidade, as quais só se satisfazem quando, enfim, Zadig e a raínha Astarteia unem, no destino único que lhes estava talhado, os seus dois destinos.

A conferir, como dissemos, um outro particular atractivo à história, está o facto de as peripécias desta serem, frequentemente, sublinhadas ou comentadas com pertinentes achegas críticas, com breves mas incisivas considerações filosóficas, relevando, sempre, do posicionamento iluminista do autor. Assim, este elogia, repetidas vezes, a inteligência, a capacidade de discernimento, tão cara aos espíritos do século das luzes: *«(...) não tardou - diz de Zadig, que se retirara para uma casa de campo nas margens do Eufrates - que adquirisse uma sagacidade que lhe desvendava mil diferenças onde o vulgo apenas vê uniformidade.»*

Discernimento esse de Zadig que, de tão profundo e subtil, fará do herói um ente amado e odiado de muitos, acabando, porém, por concorrer, no final, quando responde aos enigmas, para o seu triunfo. De assinalar, por outro lado, a mordaz ironia com que o autor, visando subjacentemente a justiça institucional do Antigo Regime, escreve, no episódio "O cão e o cavalo": *«(...) o rei ordenou que lhe devolvessem a multa das quatrocentas onças de oiro a que fora condenado.*

«O escrivão, os oficiais de diligências, os procuradores, apresentaram-se em casa de Zadig com grande aparato para lhe restituirem as quatrocentas onças; apenas retiraram trezenta e noventa para despesas de justiça, e os lacaios pediram honorários.» A dita ironia de Voltaire não poupa, por outro lado ainda, o saber caducamente sentencioso dos doutores da lei, como se observa a propósito da opinião que, sobre os grifos, esses míticos seres de que falara Zoroastro, vei a ser expressa por Zadig: *«Cador apaziguou a situação (...). Ninguém foi empalado, o que fez com que não poucos doutores falassem e pressagiassem a decadência de Babilónia.»* De Zadig, que combatia a superstição sempre que podia, diz o narrador que se contentava *«em ter o estilo da razão.»* Razão que, quando, herói fustigado por um mundo hostil, se deixava, em suas viagens, guiar pelas estrelas, *«esses vastos globos de luz que a nossos olhos mais não parecem que débeis centelhas»*, sempre lhe lembrava que a Terra, *«nada mais que um ponto imperceptível na natureza»*, só *«à nossa cupidez»* pode parecer *«coisa tão grande e tão nobre»*...

M. A. A.

O tempo altera-se como medida do homem

Continuação da pág. 1

vela *«o modelo duma civilização que evoluía dentro do seu próprio declínio: culta, pronta a infringir todas as leis e a destruir todos os mitos e tendo como recurso de sobrevivência o esqueleto de memórias e procedimentos cuja verdade se perdera.»* (p. 52) No entanto, será já com Durba e com Nat, e com a coincidência com o nosso presente histórico, que a consciência se instaura: *«O mundo era agora ingovernável, porque de todos os lados chegavam relâmpagos de factos aparentemente falhos de equilíbrio natural. As religiões de substituição, as ideologias ou um simples regresso ao voluntarismo das crenças zodiacais ou ritos de saúde, não chegavam para estabilizar o fenómeno histórico. O materialismo, ao tornar-se romântico, punha um ponto final numa época que se definira pela simplificação estética. Durba estava no limite dessa época em que a simplificação era já uma forma de pensar o merecimento do mundo quanto à sua destruição. Mas era a filha, Nat, quem representava, na simplicidade das suas escolhas, da sua indumentária até, a aceitação do apocalipse.» (pp. 180-181)*

Perante a inevitabilidade da transformaçao e da possível dissoluçao, erguem-se gestos de resistência com os quais se pretende iludir o transitório. A casa, por exemplo. *«A casa dos Paulos, como era conhecido o espaço rural comprado por João Pinheiro, tinha uma história. Pertencera a afrancesados, fugidos do país depois da derrota de Napoleão, e tinha ainda como mobiliário camas Império vagamente aparentadas com os barcos de prazer de Cleópatra...»* (p. 75) Esta atitude individual liga-se a outras, formando uma resistência solidária perante as rupturas que se avizinham: *«A cidade mudava muito devagar, rompendo os pequenos diques de descontentamento com relutância; porque era uma cidade feita para durar, mais no contrato dos homens, na sua cumplicidade, no seu formigueiro quotidiano, do que na eloquência monumental.»* (p. 209) O poder económico e político de uma nova classe em rápida ascensão impõe, naquele tempo (e, para nosso mal, por todo o país), uma nova "ordem" e uma nova lógica: *«O Principado prosperava no seu conceito urbano, cresciam os edifícios, abundavam os supermercados; mas tudo em desordem e inexpweriência, como se uma horda de pagãos se fizesse sedentária e tratasse de criar raízes sem chegar sem chegar a fazer história.*

Pairava sobre eles o desprezo dos governantes, que os qualificava como animais de impostos. O maquinismo das instituições não chegava a travar os desatinos da incoerência social. O Principado estava condenado a uma celebração folclórica e a uma paródia cínica da civilização.» (pp. 222-223)

A história de João Pinheiro, da sua família, vai-se revelando deste modo atrvés dos encontros com a História, dos ecos que esta ali repercute em alterações de comportamentos passionais e éticos.

No entanto, outra dimensão há nesta narrativa, indissociável do percurso das personagens. Já o referi antes - a sabedoria resultante das intervenções do narrador. Para a minha geração e para a que a antecede, e que é afinal a geração do Poder, esta foi uma dimensão rasurada. Nela e na sua ironia reside todavia a virtude pedagógica característica de um espaço que não deverá ser ignorada. Por essa razão aqui se destacam alguns exemplos, começando exactamente pela intervenção irónica:

«Funcionava lá o protocolo duma Universidade, o que quer dizer dizer que não se lhe achara aplicação.» (pp. 54-55) «Enquanto as duas primas iam recuperar o seu humor britânico para Londres (onde levavam uma vida de reuniões e recreio sem escrúpulos, o que só os ingleses sabem e os latinos ignoram porque fazem do divertimento um crime de pequena potência e não um despiste de emoções), Durba tomava conta da casa.» (p. 161) «Compreendeu que os gregos reproduziam as cortesãs como deusas e imagens solenes no Partenon. Eles tinham as mulheres em conta de coisas morais; a beleza delas parecia-lhes púdica porque era conforme a missão do prazer, e não a ilusão do prazer.» (pp. 28-29) «... o deleite do amor pela beleza não pode ser profanado, e isso abala as relações entre os homens, que na profanação se engendram e se alimentam.» (p. 53) «... a liberdade é uma coisa que coincide com o pudor de desorganizar o sentimento colectivo de bem-estar e de habitualidade.» (p. 13) «... a maldade é ambição deturpada...» (p. 46) «... o engano é uma fascinação da culpa.» (p. 52) «Os homens nobres são os que não conheceram nunca a falta de liberdade que a fome significa, ou o destino violado pela opressão doutros homens.» (p. 19) «Há na companheira de um grande homem um pouco de habitualidade das coisas sublimes, que a faz parecer original nas suas obras de caridade.»

(p. 20) «Os homens públicos e os políticos não devem desaparecer um só dia, porque o olhar do seu público, que é o seu criador, se desabitua das feições e dos gestos que se vão mudando.» (p. 54) «O artista é um predador; a sua criação é devoradora, ele espera a presa com uma obstinação vingativa e reduz a sua realidade atómica a qualquer coisa de supurante, que o génio expele, alguma coisa de sórdido e inquietante.» (p. 13) «Os artistas não têm sentimentos; têm uma forma de os honrar pela definição e até pelo abuso das suas invenções, que os tornam mais duradourosdo que são.» (p. 17) E finalmente uma frase que ajuda a desvendar parte do espaço próprio em que esta narrativa se insere: «Há uma tendência nos povos que vivem à beira dos rios para serem possuídos por crenças obscuras, baseadas em provas hereditárias e profundamente enraizadas.» (p. 31)

A leitura de Prazer e Glória pode assim constituir também uma notável oportunidade para tentar um reencontro com a nossa identidade. Porque não recordar as palavras de Teixeira de Pascoaes em O Espírito Lusitano ou o Saudosismo: *«... hoje, a alma pátria encontra-se verdadeiramente subterrada e adormecida sob as más influências estrnhas. Chega a parecer estrangeira na própria terra natal, tão desconhecida é dos portugueses!»*

(*) Tradução do original latino por J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, com prólogo de Lúcio Craveiro da Silva, Livraria Apostolado da Imprensa. Nota 36, p. 303

O ensaio de Teixeira de Pascoaes citado no final do artigo encontra-se na edição compilada, introduzida e fixada por Pinharanda Gomes, sob o título A Saudade e o Saudosismo (Assírio & Alvim) Prazer e Glória: chancela de Guimarães Editores

DE SAMUEL PISAR

O Sangue da Esperança

O autor, Samuel Pisar, é um dos sobreviventes do Holocausto. A obra - O Sangue da Esperança - é um testemunho do horror, uma denúncia das atrocidades do totalitarismo nazi. Mário Soares escreveu, para a edição portuguesa, um breve prefácio no qual narra as circunstâncias em que conheceu Samuel Pisar quando estava no exílio:

«Foi então que li o seu célebre livro As Armas da Paz, prefaciado por Jean-Jacques Serben-Schreiber e que o ouvi - e vi - em frequentes debates na televisão francesa. É desde aí que o admiro. Encontrei-o depois nas circunstâncias mais diversas, a última das quais foi na Universidade de Brown, nos Estados Unidos.»

E sobre a obra:

«Trata-se, com efeito, de um testemunho extraordinário de um dos sobreviventes das vítimas do Holocausto. Um testemunho de rara força que importa seja conhecido, sobretudo pelas jovens gerações. É preciso, na verdade, não deixar esquecer esse tempo - que noa perece hoje já tão distante e quase incompreensível - dos horrores e das monstruosidades sem perdão do nazismo. Muitos de nós perguntar-se-ão sempre: como foi possível? Mas os factos, por mais inimagináveis, aí estão incontroversos, e têm a nudez forte, irrecusável da verdade.»

Na introdução, Samuel Pisar refere a opinião de um crítico norte-americano: *«(...) O Sangue da Esperança é o livro que Anne Frank poderia ter escrito se tivesse sobrevivido.»* É um testemunho vivido sobre Auschwitz, *«um projecto-piloto que visava a destruição da humanidade.»*

A página que inicia a narrativa dá-nos uma ideia do livro e evoca as circunstâncias, tantas vezes esquecidas, da derrota do nazismo. Valéry Giscard d'Estaing, então Presidente da República Francesa, visitou aquele campo de concentração e disse:

«Não esqueçamos que foi aqui nestes campos que o Leste e o Ocidente se encontraram pela primeira vez: o mesmo combate pelos mesmos valores levou o Exército soviético a libertar Auschwitz ao mesmo tempo que o Exército americano libertava Dechau.»

Samuel Pisar foi um dos libertadores. Dificilmente sobreviveu aos horrores dos campos. Em O Sangue da Esperança ele conta como sobreviveu e como recuperou a liberdade.

Edição de Publicações Europa-América.

«LES BELLES ÉTRANGÈRES»

A essência do ser humano na escrita-desenho de Maria Judite de Carvalho

Certamente que a imaginação de Maria Judite de Carvalho se veste de negro. Os dois breves e belíssimos textos aparecidos em França no ano passado, Tanta Gente, Mariana e As Palavras Poupadas, são um evidente testemunho daquele nosso juízo.

Agora, nos escaparates de Paris, mais dois títulos seus: Paisagem sem barcos e Anica nesse tempo. Lidos - novamente chegamos à mesma conclusão. Qual...? A mesma tristeza e o mesmo talento. Tristeza! Mas não se pense que a sua palavra se dispersa pelo sinistro, pelo mórbido, pela calamidade. Não. Estas vidas dadas em algumas frases (Judite é económica nas palavras e hostil a qualquer lirismo fácil) mostram-nos, através da sua grande escrita, o mistério desta ou daquela existência, a obsessão que induz uma personagem a sair de si, ou, então, a mergulhar no mais profundo da sua intimidade. Não se trata, pois, do mórbido pelo mórbido - é antes um acto de amor através de uma grande compreensão humana. (Tal se depreende, ao longo das entrelinhas, do escrito de Josyane Savigneau, "Le Monde des Livres", sobre Maria Judite de Carvalho.)

Textualmente agora:

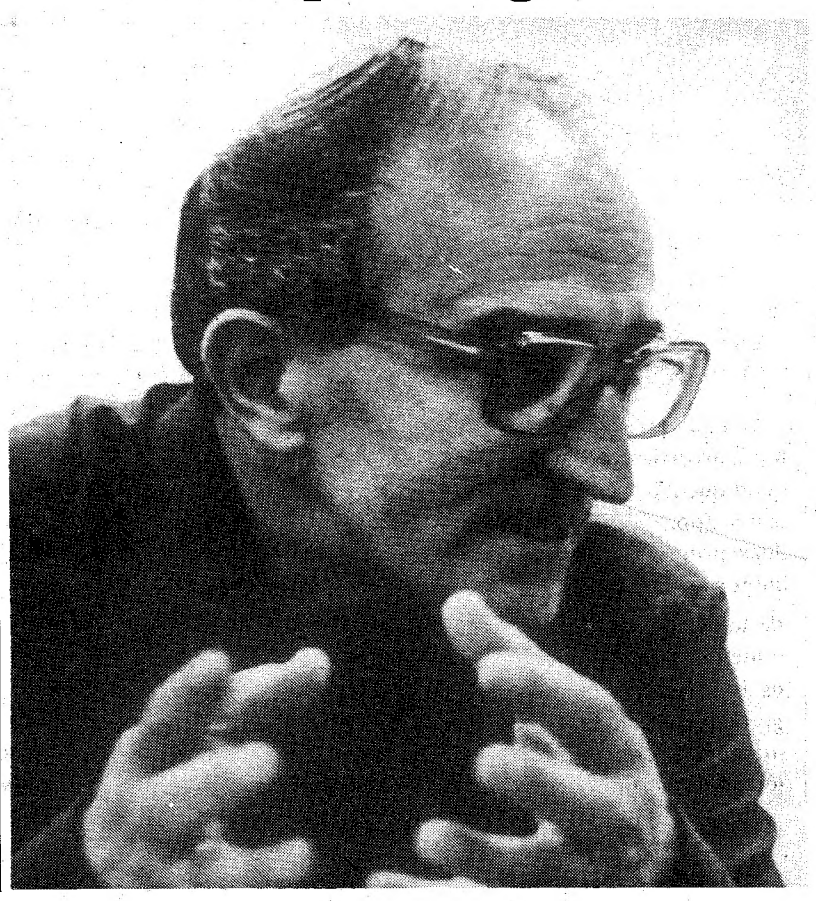
«O que Maria Judite preza é desenhar de um traço límpido, breve e definitivo, uma personagem - e também encontrar a palavra exacta, justa, bem como a imagem que, num instante, nos dá todo o mistério de uma existência.»

Acentua a articulista francesa que é deste modo que MJC cria um universo de banalidade fascinante, oude a descrição da tristeza de uma existência, terna ou trágica, se transmuda para o leitor numa espécie de lenitivo que se ergue contra a lassitude da vida quotidiana, rotineira e quase sempre desoladora.

Um exemplo, que Josyane Savigneau extrai de Paisagem sem barcos: Jô, uma das heroinas desse livro, compreendeu, tal como um seu vizinho, que uma pessoa *«a tudo se habitua, mesmo a ser simplesmente inútil...»*

Assim, e sem mais palavras, o que temos em Maria Judite de Carvalho, é a violência da lucidez, o humor seco, e ainda o que, muitas vezes, uma pessoa recusa confessar a si própria. Aqui reside, e não vale dizer mais, a arte de uma grande escritora - eis o que se pode concluir das palavras de J. Savigneau, quando "Les Belles Étrangères", as letras portuguesas, recentemente se foram à Sorbonne em grande embaixada cultural.

Com os restos de Pessoa nos Jerónimos que imagem fazemos de nós próprios?



Que Eduardo Lourenço é um dos mais subtis conhecedores e intérpretes da obra de Pessoa - eis uma verdade irrecusável, afirma no âmbito das Belles Étrangères Patrick Kéchichian, em "Le Monde des Livres".

Essa verdade encontra-se nos estudos reunidos no livro Fernando, Rei da Nossa Baviera, a melhor introdução possível à obra pessoana.

Quer situando o poeta numa perspectiva portuguesa, quer mostrando os laços que entrelaçam essa obra com as de Kierkegaard ou de Nietzsche, Eduardo Lourenço analisa ao mesmo tempo uma obra essencial do drame existencial europeu, e o destino de um «mito cultural».

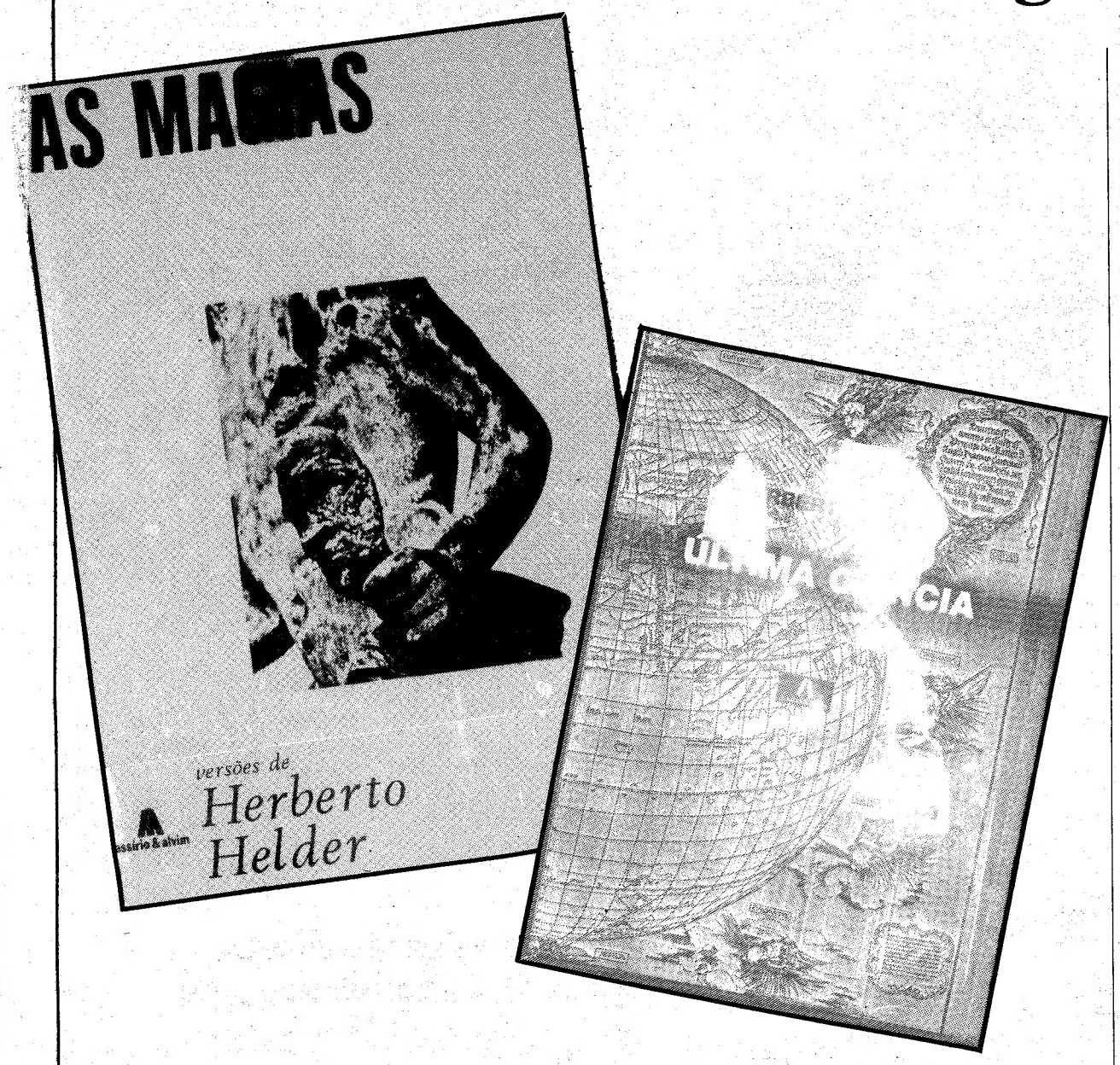
«Que imagem de nós próprios celebramos ao depositar os restios do autor de Fausto e da sua náusea vital e existencial no leito dos Mosteiro dos Jerónimos?» - interroga-se Eduardo Lourenço.

Para além da imagem central de Pessoa, o que nos prende na escrita de Eduardo Lourenço é também uma outra questão: qual o lugar de Portugal na Europa - a Europa histórica e a Europa ainda por concretizar...?

Lourenço reflecte sobre os mitos, diversos e muitos, do seu País e da Europa. A este propósito, P. Kéchichian refere-se, em termos expressivos, a O Labirinto da Saudade - e isso porque toda a problemática acima mencionada se encontre exposta nessa obra.

Alude ainda o articulista francês ao livro de Eduardo Lourenço (actualmente professor na Universidade de Nice) Nós e a Europa, galardoado com o Prémio Europeu de Ensaio Charles-Veillon, a ser publicado em França nos começos de 1989 pela **Librairie Séguier**.

Acabados de Chegar



A Professora de Música, Maria João Lopes, Texto Editora

A Professora de Música é uma história em ilusração total. Apoio psicopedagógico de Maria Isabel Viegas (psicóloga educacional): o deslumbramento das cores, a qualidade e a riqueza gráfica são os elementos necessários para cativarem o entusiasmo do público infantil, incentivando o universo inesgotável da sua imaginação criativa. E ainda: o fascínio da criança nasce exactamente aqui - nas imagens retidas oelo olhar. É óbvio: as ilustrações são de Maria João Lopes. Incluindo a capa.

LER ESCREVER

Neste preciso momento, o leitor acaba de ter nas mãos o último número da última fase do suplemento literário do **Diário de Lisboa**, que, sob a designação de Ler Escrever, se vinha publicando semanalmente desde 5 de Março de 1981.

A partir do próximo mês de Janeiro, no entanto, a área literária será contemplada no DL sob outra forma. Entretanto, no decurso do mês de Dezembro, daremos notícia da actividade editorial.

Até Janeiro, pois!

Oito Suspeitos É Demais, Rui Tarroso Gomes, Mar.Fim

O autor oferece-nos um policial que merece leitura. Tirando partido da sua permanência de anos em países de língua inglesa, Rui Tarroso Gomes escreveu uma clássica história de detectives onde alia com *suspense*, na investigação de um caso de triplo assassínio, a dedução ao insólito. - Colecção **Registo Criminal**, capa de Cristina O.

As Magias, versões de Herberto Helder, Assírio & Alvim

O caos e a harmonia (ambos multiformes) da poesia. De muitos nomes, de muitos lugares, de músicas diferentes umas das outras. Quem perder este livro, perde muito. Ficará sempre mais escasso. O leitor de poesia (e não só) saberá porquê. Depois diremos. - Capa de António Lobo.

Última Ciência, Herberto Helder, Assírio & Alvim

Escrito em 1985 (e revisto em 1987), *Última Ciência* é mais um título do poeta que Herberto Helder é. Propositadamente: é & é - o verbo ser ligado à obra e ao homem. Reflexão, sobre o livro, em tempo a vir. - Na capa: *O mapa-mundi de Johann Stabius*, saído das mãos de Albert Dürer, 1515.

Dez Horas e Meia numa Noite de Verão, Margueri-te Duras, Difel

-Paestra. Chama-se Rodrigo Paestra.

-Rodrigo Paestra.

-Sim. E o homem que ele matou chama-se Perez. Toni Perez.

Na praça passam dois polícias. Chove.

-A que horas foi?

O cliente não sabe ao certo. Foi ao princípio da tarde que agora finda. Rodrigo Paestra matou também a mulher. As duas vítimas foram encontradas há duas horas, numa garagem, a garagem de Perez.

Assim principia, com esta grande economia de escrita, o presente romance de Marguerite Duras. Só uma pergunta: quemo não irá ler...? - Tradução de José Vieira, capa de Rita Azevedo Gomes.

A Criança e a Leitura, Mercedes Gómez del Manzano, Porto Editora

Um grupo de professores da Associação Luso-Espanhola de Pedagogia -ALEP-, contando com a colaboração da Porto Editora, decidiu apresentar uma nova Colecção de livros (de leitura simples e conteúdo rico): **Colecção Crescer**. Esta designação indica a genuína esperança «do crescer», que reclama, antecipadamente, «vida».

Palavras dos apresentadores: *«Há sempre, no crescer, um rebentamento de vida, uma explosão, uma afirmação, um passo para a maturidade e para a beleza.»*

Para além deste livro, traduzido por Maria Filomena da Silva Santos, a dita Colecção conta já com mais dois títulos: Conhecer a Criança através do Desenho, de Ana Salvador, e Como Desenvolver a Psicomotricidade na Criança, de Faustino Cuenca e Florentino Rodao, traduzidos respectivamente por Maria José Albuquerque A. Figueiredo e Maria Albina Nogueira.